

ADORAÇÃO

**A ocupação mais sublime
do cristão**

ALFRED P. GIBBS

Edições Cristãs

© **Edições Cristãs – Editora Ltda.**

ADORACIÓN

Alfred P. Gibbs

Fundación Cristiana de Evangelización

Maipú, 466 - Local 30

Buenos Aires - Argentina

Tradução: R. J. A.

Capa: Jessé Ribeiro

1ª edição brasileira: setembro de 2001

2ª edição brasileira: fevereiro de 2007

3ª edição brasileira: julho de 2011

Nova impressão: julho de 2017

ISBN: 978-85-7558-088-2

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro,
por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

EDIÇÕES CRISTÃS - EDITORA LTDA.

Caixa Postal 250

19900-970 - OURINHOS - SP - BRASIL

Endereço eletrônico: edicoescristas@uol.com.br

Site: www.edicoescristas.com.br

ÍNDICE

Prefácio

Introdução

I – O SIGNIFICADO DA ADORAÇÃO

1. Algumas boas definições
2. A palavra traduzida “adoração” em o Novo Testamento
3. A sua primeira menção na Bíblia
4. Algumas distinções entre oração, louvor e adoração
5. A adoração é dar a Deus e é ilustrada por:
 - a) Os israelitas, em Deuteronômio 26.1-11
 - b) Os magos, em Mateus 2.1-12
 - c) Maria de Betânia, em João 12.1-11
6. O santo perfume
7. O significado básico da palavra no Antigo Testamento

II – A IMPORTÂNCIA DA ADORAÇÃO

1. Foi o primeiro mandamento da lei
2. Sua preeminência nas reuniões do povo de Deus
3. O simbolismo do Antigo Testamento
 - a) Na descrição do Tabernáculo
 - b) Na ordem do acampamento
 - c) Na tríplice divisão de Israel
 - d) Na descrição das cinco principais ofertas
 - e) Na visão de Isaías
4. Moisés aprendeu a importância da adoração
 - a) Moisés foi escolhido por Deus
 - b) Moisés foi redimido por Deus
 - c) Moisés e sua comunhão com Deus
 - d) Moisés aspirava a uma completa revelação
 - e) Deus concedeu uma rica provisão a Moisés
 - f) Moisés recebeu maravilhosa revelação de Deus
 - g) Moisés tributou a Deus adoração sincera
5. Davi percebeu a grande importância da adoração
6. A revelação do Filho de Deus
 - a) Em relação ao lugar de adoração
 - b) Em relação ao alvo de adoração
 - c) Em relação ao relacionamento do adorador
 - d) Em relação ao caráter da adoração

- e) Em relação ao momento da adoração
 - f) Em relação ao poder para adorar
 - g) Em relação à importância da adoração
7. A adoração é a ocupação para a eternidade

III – NOSSA AUTORIDADE PARA ADORAR

1. Alguns conceitos falsos de adoração:
 - a) A tradição humana
 - b) A conveniência humana
 - c) A voz da Igreja
 - d) A direção da própria consciência
2. Algumas apreciações erradas sobre a adoração
 - a) A apreciação materialista
 - b) A apreciação religiosa
 - c) O crente indouto
3. As Escrituras como única autoridade em relação à adoração:
 - a) Como se observa no Antigo Testamento
 - b) Como se observa em o Novo Testamento

IV – O ALVO DA ADORAÇÃO

1. O que não devemos adorar
 - a) Ídolos
 - b) O homem
 - c) Os anjos
 - d) A natureza
2. Deus deve ser o alvo de nossa adoração
 - 1) Devemos adorar ao Pai:
 - a) Pelo que Ele é
 - b) Pelo que Ele tem feito
 - 2) Devemos adorar ao Filho
 - a) Pelo que Ele é
 - b) Pelo que Ele tem feito
 - c) Pelo que Ele está fazendo
 - d) Pelo que Ele ainda há de fazer
 - 3) Não somos ensinados a adorar ao Espírito Santo

V – A BASE DA ADORAÇÃO

1. A Redenção
2. A Relação
3. A Representação

VI – O PODER PARA ADORAR

1. Sua Pessoa
2. Sua Obra:
 - a) Em relação à natureza

- b) Em relação às Escrituras
- c) Em relação a Cristo
- d) Em relação ao mundo humano
- e) Em relação ao crente
- f) Em relação à Igreja
- g) Em relação à adoração
- h) Em relação ao serviço

VII – O MODO DA ADORAÇÃO

- 1. A adoração deve ser espiritual
- 2. A adoração deve ser sincera
- 3. A adoração deve ser inteligente
 - a) Conhecimento inteligente das verdades
 - b) Compreensão da verdade da Igreja
 - c) Compreensão inteligente de reunião

VIII – OBSTÁCULOS À ADORAÇÃO

- 1. A vontade própria
- 2. O mundanismo
- 3. O espírito de crítica
- 4. A preguiça
- 5. A impaciência
- 6. O espírito sectário
- 7. O formalismo
- 8. O espírito rancoroso
- 9. O orgulho

IX – O LUGAR DE ADORAÇÃO

- 1. Espiritualmente, no Lugar Santíssimo
- 2. Fisicamente, em qualquer lugar

X – OS RESULTADOS DA ADORAÇÃO

- 1. Deus será glorificado
- 2. O crente será abençoado
- 3. A igreja será edificada
- 4. Os incrédulos serão alcançados

.oOo.

PREFÁCIO

Tem sido nosso privilégio ler o manuscrito de **“ADORAÇÃO, a mais sublime ocupação do cristão”**.

É grande nossa gratidão ao Autor por ter sido o primeiro a chamar a nossa atenção, já faz mais de trinta anos, para muitas das preciosas verdades contidas neste livro e cuja aceitação mudou radicalmente o curso e o caráter de nosso ministério.

Este é um livro com o qual estamos plenamente de acordo e que podemos recomendar de todo coração, sem a mínima reserva.

O título é um desafio e a maneira de considerar seus temas é convincente. A afirmação do Autor de que “a adoração está vinculada com a maturidade espiritual” é igualmente certa em relação a este livro. Mesmo um leitor superficial logo observará que esta obra não é fruto de um neófito ambicioso desejando tornar-se escritor. Trata-se do fruto de firmes convicções baseadas em uma investigação cuidadosa das Escrituras e amadurecidas pela meditação e de anos de profunda experiência no andar cristão, fortalecida por penetrantes observações. Alfred P. Gibbs cre e, por isto, escreve.

No estilo inimitável do Autor, ele avança usando um estilo ordenado e acumulativo. Seu dom de oratória sagrada é evidente e ajuda muito ao leitor. Este livro destaca-se pela clareza de pensamento e de expressão, que adquire maior força pelas claras metáforas e ilustrações gráficas que usa.

O leitor logo observará que a adoração não é um tema que pode ser desenrolado e concluído em um parágrafo, antes, pelo contrário, trata-se de um tema vasto e muito importante. Têm sido extraídas realidades básicas sobre o tema tanto no Antigo quanto em o Novo Testamentos. As aplicações práticas e as responsabilidades têm sido apresentadas claramente e irrefutavelmente.

A verdade a respeito da adoração tem sido fielmente apresentada, expondo-se, sem misericórdia, as falsas teorias e suas práticas, muitas vezes através do uso correto da ironia santificada. As nuvens que confundem a muitos a respeito deste assunto têm sido dissipadas ao apresentar contrastes com a verdade. Citemos algumas. O contraste entre

a adoração ritual do judaísmo e a adoração espiritual do cristianismo, assim como a superioridade deste, justificam a leitura deste livro.

A diferença entre a adoração e o ministério tem sido claramente apresentada e é de grande ajuda principalmente nestes dias quando a cristandade parece conhecer bem pouco a respeito do privilégio da adoração e lhe dá pouco valor, enquanto que destaca o serviço cristão a tal ponto que quase exclui a adoração. O lugar de adoração dentro do véu está claramente diferenciado do lugar de reunião e isto é algo que a maior parte dos sistemas religiosos não percebe.

Os capítulos que consideram o adorador, seus privilégios e perigos, as coisas que devem ser procuradas e as que devem ser evitadas, a preparação do coração e da mente para a verdadeira adoração são realmente penetrantes.

A descrição da adoração dos magos constitui um clássico espiritual e bem poderia ser impressa em forma de separata para uma maior difusão.

Certas classes bíblicas de adultos verificarão que este livro tem utilidade como livro de texto para uma série de estudos sobre a adoração. Os responsáveis na igreja bem farão se fizerem circular exemplares deste livro entre os jovens na fé.

Desejamos e oramos que este livro consiga ter a ampla difusão que merece e que seja utilizado por Deus para guiar a muitos na prática da **“mais sublime ocupação do cristão”**.

George M. Landis

.oOo.

ADORAÇÃO

A OCUPAÇÃO MAIS SUBLIME DO CRISTÃO

INTRODUÇÃO

Se o título deste livro está correto, como assim cremos, então a importância do assunto é óbvia para o filho de Deus. Existe muita confusão no meio da cristandade em relação ao que seja realmente *adoração*.

Muitas vezes é confundida com escutar uma pregação; ou com o serviço do Senhor em benefício de outros; ou com o testemunho da graça de Deus, que salva e santifica; ou com a pregação do Evangelho; ou com o ministério da Palavra aos crentes; ou, ainda, com a oração.

Muitos cristãos dão muita ênfase em sua vida ao serviço para Deus, excluindo disso a adoração a Deus. Outros vão ao outro extremo e destacam de tal maneira a adoração que consideram o serviço para o Senhor de pouca ou de nenhuma importância.

Devemos ter muito cuidado com o desequilíbrio ao tratar uma verdade das Escrituras de maneira que não tenha o apoio da Bíblia. O crente deve tratar de manter a verdade de Deus em sua perspectiva adequada e com um equilíbrio correto.

As palavras de nosso Senhor Jesus Cristo nos proporcionam a ordem correta da prioridade. Ele disse: “*Ao Senhor teu Deus adorarás e só a Ele servirás*” (Mateus 4.10). O tipo de adoração que não se traduz em serviço e o serviço que não surge da adoração não alcançam o ideal Divino.

A ordem em que são mencionados os heróis da fé em Hebreus 11 tem seu significado. O primeiro nome a ser mencionado é o de Abel, o qual, pela fé, “*ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim*” (v. 4). Isto certamente nos fala de *adoração*. O próximo a ser mencionado é Enoque, cuja vida se caracterizou por um *andar* em comunhão com Deus, deleitando Seu coração. O terceiro é Noé, que, em resposta a uma revelação de Deus, *construiu* uma arca para salvar sua família.

Isto certamente ilustra a obra da fé. Assim, nos é sugerido a ordem da prioridade divina: a *adoração*, o *andar* e a *obra* da fé.

Para um grande número de pessoas, a palavra “adoração” apenas representa o reconhecimento respeitoso e formal de Deus à distância, em certas ocasiões determinadas, de acordo com um ritual eclesástico preparado e geralmente em edifícios especialmente construídos para tal fim e geralmente através da mediação de clérigos especialmente escolhidos, com preparação teológica e ordenados pelos homens.

Às vezes encontramos cartazes fora do edifício de uma igreja, convidando a todos: “Venham e adorem conosco”. Ao entrar em tal local, o que se ouve é uma pregação com um conteúdo que poderia ou não levar o ouvinte à adoração, mas o simples fato de escutar um sermão, mesmo que se refira ao assunto de adoração, não é adoração.

Podemos apresentar simplesmente a diferença entre ministério e adoração da seguinte maneira: O ministério é o que *desce* do Pai, por meio do Filho, no poder do Espírito Santo e por intermédio de instrumento humano que Deus tem preparado para tal finalidade. A adoração é aquilo que *sobe* do crente, pelo poder do Espírito Santo, por meio do Filho, ao Pai.

Assim, ministério é *o que desce* de Deus a nós; enquanto que adoração é *o que sobe* de nós a Deus.

Consideremos o tema da adoração através dos seguintes subtítulos:

- Seu significado ou definição;
- Sua importância;
- Sua autoridade;
- Seu objetivo;
- Sua base;
- Seu poder;
- Seu modo;
- Seus obstáculos;
- Seu lugar;
- Seus resultados.

Desejo expressar minha profunda gratidão a meu excelente amigo e irmão em Cristo Jorge M. Landis, de Fayetteville, Pensilvânia, por sua bondade em ter lido o manuscrito e em ter escrito um prólogo para este livro.

No início do livro temos uma síntese detalhada do tema do livro. Esta breve análise permitirá ao leitor observar o argumento como uma unidade e também facilitará uma rápida referência a qualquer parte determinada que lhe interesse.

Deus permita que nossa experiência, ao estudar este tema tão importante, não seja apenas a de conseguir uma compreensão intelectual do que a Bíblia ensina sobre a adoração, mas que leve nossas vidas a este conhecimento para que sejamos encontrados entre aqueles que *“adoram a Deus em espírito e em verdade”*. Assim não traremos apenas glória ao Seu Nome, mas também deleitaremos Seu coração.

.oOo.

I - O SIGNIFICADO DA ADORAÇÃO

Sob este título temos a considerar sete pontos, que são: 1 – Algumas boas definições; 2 – A palavra “adoração” assim traduzido em o Novo Testamento; 3 – Sua primeira menção na Bíblia; 4 – Algumas distinções entre oração, louvor e adoração; 5 – Adoração é dar a Deus; 6 – O santo perfume; 7 – O significado da palavra no Antigo Testamento.

1. ALGUMAS BOAS DEFINIÇÕES

A palavra “**adoração**”, como muitas outras palavras admiráveis como “graça” e “amor”, não pode ser definida de maneira adequada. O significado destas palavras, tal como o perfume delicioso de uma rosa ou o sabor delicioso do mel, pode ser mais facilmente **experimentado** do que **descrito**.

Muitos já têm tentado definir o significado da adoração e, apesar de não terem tido êxito em suas tentativas, suas definições têm valor. Temos escolhido as seguintes definições de diversos escritores. Um deles a descreve como “o transbordo de um coração agradecido, sob a sensação do favor divino”. Aqui o escritor tem destacado o fato que a adoração é algo espontâneo. Não é algo a ser artificialmente elaborado, mas algo que surge e transborda de um coração cheio de uma sensação da grandeza e da bondade de Deus. Davi falou disto no Salmo 45.1, quando cantou: “*De boas palavras transborda o meu coração*”. Uma interpretação marginal diz: “Meu coração está fervendo”. Enquanto meditava na glória e na majestade de Deus, tal como estão reveladas na Criação e em Sua Palavra, seu coração começava dentro dele a aquecer até a fervura e dali subia a Deus a fragrância da sua adoração. Novamente o salmista nos fala desta experiência no tão conhecido Salmo 23: “*Unges-me a cabeça com óleo; o meu cálice transborda*” (v. 5).

Outro Autor definiu a adoração como sendo “o derramamento de uma alma em repouso na presença de Deus”. Esta expressão destaca o estado espiritual de quem adora. O crente está em repouso. Isto é, desfruta de uma plena consciência e gozo ao saber-se seguro com uma perfeita aceitação perante Deus mediante a pessoa de Cristo. O crente sabe que Deus o vê santificado em Cristo, redimido, regenerado, justificado e abençoado com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais.

E, enquanto recebe o sol do favor divino, seu coração flui em adoração a Quem fez tudo isto tão precioso e gloriosamente real em sua experiência. Então, junto com o autor do Cântico dos Cânticos, exclama: “*Desejo muito*

a Sua sombra e debaixo dela me assento, e o seu fruto é doce ao meu paladar. Leva-me à sala do banquete, e o Seu estandarte sobre mim é o amor” (2.3-4).

Outro o expressou assim: “A adoração é a ocupação do coração, não com suas necessidades nem sequer com suas bênçãos, mas com Deus mesmo”. Aqui o escritor percebeu a penetrante distinção entre oração, louvor e adoração, que mais adiante estaremos considerando com mais detalhes. Davi sabia o que isto significava porque nos é dito que, quando Natã foi enviado pelo Senhor para dizer-lhe que o trono de seu reino seria estável para sempre, o coração de Davi estava tão embebecido que entrou e se sentou perante o Senhor.

E, ao fazê-lo, logo ficou absorto na maravilha e no louvor, exclamando: “*Grandíssimo és, ó Senhor Deus, porque não há semelhante a Ti, e não há outro Deus além de Ti, segundo tudo o que nós mesmos temos ouvido*” (2º Samuel 7.18-22).

Outro Autor se expressou da seguinte maneira: “A adoração é a elevação repentina de um coração que conheceu ao Pai como Doador, ao Filho como Salvador, e ao Espírito Santo como o Hóspede morador”. Nesta definição se indicam os pré-requisitos essenciais ao adorador. Eis porque somente o crente regenerado pode adorar espiritual e inteligentemente ao Pai e ao Filho mediante o poder do Espírito Santo que mora nele.

Uma pessoa não salva, embora perfeitamente capaz de conhecer a Deus como Ser supremo e como Criador do Universo, não está numa relação viva com Ele como Pai e, portanto, não é capaz de apreciar realmente o que só o Espírito Santo pode revelar. Nos é dito que: “*O homem natural não aceita as cousas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.*” (1ª Coríntios 2.14).

Cristo usou a analogia da “água viva” para descrever a vida espiritual que Ele veio tornar possível para todos os que creem (João 4.13-14). Esta “água viva” **entra** no crente por ocasião do novo nascimento (João 3.5); **salta** dentro dele em adoração (João 4.14); e então **flui** dele em serviço (João 7.37-39). Deste modo, a adoração consiste realmente na volta desta “água viva” à sua fonte.

Já faz muito tempo que Salomão descobriu que, embora todos os rios corram para o mar, apesar disto, o mar não se enche. Então descreveu corretamente a causa disto: “*Ao lugar para onde correm os rios, para lá tornam eles a correr*” (Eclesiastes 1.7). Assim, a vida espiritual que flui de Deus **para** nós, volta a Ele em adoração **de** nós, e, deste modo, o ciclo divino se completa.

A adoração está vinculada com a dignidade, porque consiste em atribuir a Um a dignidade que Lhe é própria. Um exemplo notável disto está no último livro da Bíblia. No capítulo quatro descreve-se os seres viventes e os anciãos prostrando-se e adorando o Ser que ocupa o trono e dizendo: *“Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as cousas Tu criaste, sim, por causa da Tua vontade vieram a existir e foram criadas”* (Apocalipse 4.11). No capítulo cinco, as multidões incontáveis que rodeiam o Cordeiro unem-se num coro glorioso e cantam: *“Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor”* (Apocalipse 5.12). Observe-se que nestes casos não há nem sequer uma única petição. Trata-se de adoração em sua forma mais pura, porque é a atribuição de dignidade ao Único que é digno.

2. A PALAVRA MAIS FREQUENTEMENTE TRADUZIDA POR “ADORAÇÃO” EM O NOVO TESTAMENTO É “PROSKUNEO”

Significa reverenciar ou render homenagem, prostrando-se; render homenagem divino, adorar e glorificar. Serão suficientes algumas referências bíblicas.

Em Mateus 2.2-11, observamos que os magos disseram: *“Onde está o recém-nascido Rei dos judeus?... Viemos para adorá-lo... Viram o menino... Prostrando-se O adoraram”*.

A mesma palavra é utilizada para descrever a resposta de Cristo à tentação de Satanás: *“Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a Ele darás culto”* (Mateus 4.10). Novamente é usada em João 4.24, quando nosso Senhor declara: *“Deus é espírito; e importa que os Seus adoradores O adorem em espírito e em verdade”*. A palavra “latreus” raramente é usada e refere-se principalmente à adoração do santuário e, neste sentido, é usada em Filipenses 3.3 e em Hebreus 10.2.

3. A PRIMEIRA MENÇÃO DA PALAVRA NA BÍBLIA

Uma das muitas regras que determinam o verdadeiro significado de uma palavra nas Escrituras tem sido denominada corretamente “A lei da primeira menção”. Esta regra afirma que a primeira menção de uma palavra ou doutrina, na Bíblia, determina seu significado através de toda a extensão das Escrituras. Se assim é, então a primeira menção da palavra “adoração” está cheia de profundo significado espiritual para nós.

Em Gênesis 22.5, vemos Abraão dizendo a seus servos que o acompanhavam até os montes de Moriá: *“Esperai aqui, com o jumento; eu e o rapaz iremos até lá e, havendo adorado, voltaremos para junto de vós”*. Nesta primeira menção registrada na Palavra, estão claramente indicadas muitas coisas relacionadas com a adoração.

Aprendemos, em primeiro lugar, que **a adoração está baseada numa revelação de Deus**. Vejam-se os versículos 1 e 2: *“Deus... lhe disse”*. Abraão agiu em resposta a uma palavra de Deus. Não foi algo que ele mesmo resolveu fazer, foi uma resposta a uma revelação divina. **A fé sempre pressupõe uma revelação prévia**. Nos é dito que *“a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus”* (Romanos 10.17 – Corrigida). Uma pessoa agir sem autoridade divina é pura presunção. Se tirarmos a fé do ato de Abraão ao oferecer Isaque, este ato se transforma em homicídio!

A **adoração** do Senhor, como também a **obra** do Senhor, devem ser guiadas pela **palavra** do Senhor. A autoridade do crente em relação à adoração não provém das tradições humanas, independentemente de quão antigas e aceitas elas sejam, nem tampouco dos arrazoados sutis da sabedoria humana por mais plausíveis que sejam; ela provém da clara revelação da **palavra de Deus**.

Em segundo lugar, descobrimos que **a adoração está condicionada pela fé e pela obediência a essa revelação divina** (v. 3). A resposta de Abraão foi inquestionável, pronta e cabal. Sem vacilar, ele obedeceu ao mandato de Deus. Levantou-se de madrugada, preparou seu jumento, cortou lenha para o holocausto, combinou com dois servos seus, levou seu filho Isaque e saiu em direção ao lugar que o Senhor lhe havia indicado.

O escritor inspirado descreve isso assim: *“Pela fé, Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque”* (Hebreus 11.17). Em outras palavras, Abraão fez alguma coisa em resposta à palavra de Deus. Portanto, uma imediata e inquestionável obediência à vontade conhecida de Deus, tal como está revelada em Sua Palavra, é indispensável para a verdadeira adoração.

Uma coisa é saber o que Deus tem revelado em relação à adoração e outra coisa, bem diferente, é deixar todas as idéias humanamente concebidas e agir, pronta e cabalmente, de acordo com esta revelação divina. Isto é fé.

Em terceiro lugar, deduzimos que **a adoração inclui um presente custoso para Deus** (v. 2). No caso de Abraão, significou oferecer seu único e amado filho, o tesouro de seu coração, sua possessão mais querida, em quem estavam concentradas suas esperanças de posteridade. Deus teve o cuidado de registrar este aspecto da adoração de Abraão, pois disse: *“Toma*

teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas,... e oferece-o ali em holocausto” (v. 2). A adoração não é alguma coisa barata que possa ser oferecida sem refletir ou descuidadamente, sem perceber o sacrifício que ela engloba.

Davi compreendeu este aspecto da adoração e declarou: *“Não oferecerei ao Senhor, meu Deus, holocaustos que não me custem nada”* (2º Samuel 24.24). Eis porque quando Abraão falou em “adorar” compreendeu que ela incluía o maior sacrifício que jamais se lhe pedira. Seu coração estava ligado ao seu filho e, no entanto, ele evidenciou sua disposição de dar a Deus o melhor tesouro de seu coração.

Deveríamos ter sempre isto presente em nossa consideração da adoração. Fala-se-nos dela como um *“sacrifício de louvor”* (Hebreus 13.15). Sacrifício inclui a ideia de custo e logo se descobrirá que a verdadeira adoração é um ato custoso. É muito mais fácil deixar que outro adore em nosso lugar. Muitos parecem felizes ao reclinar-se em seus assentos e permitir que um líder efetue este ato por eles e, assim fazendo, perdem tanto a capacidade como o gozo da adoração. Muitos foram os crentes que tiveram que selar seu testemunho com seu próprio sangue a fim de manter uma boa consciência diante de Deus neste assunto de adoração. “O nobre exército de mártires” brinda um testemunho eloquente a esta realidade.

A adoração resultará num custo considerável para o crente quanto ao tempo usado em sua preparação espiritual; quanto ao esforço do estudo bíblico; quanto à perda de prestígio no círculo social, comercial e eclesiástico em que ele está e na disposição do dinheiro. Tudo isto representa um custo, mas a energia utilizada para oferecer a verdadeira adoração traz prazer e glória para Deus.

Em quarto lugar, aprendemos que **a adoração requer uma separação deliberada para Deus** (v. 5). Observem-se as palavras de Abraão a seus dois servos: *“Esperai aqui, com o jumento; eu e o rapaz iremos até lá e, havendo adorado, voltaremos”*. Os dois servos podem representar as coisas que se combinam para impedir que o crente entre *“pelo caminho novo e vivo”* ao lugar santíssimo, para derramar seu coração em adoração.

Como Abraão, cada crente deve dizer resolutamente às suas ocupações domésticas, comerciais e de lazer: *“Esperem aqui enquanto eu vou ali para adorar”*. Todos estamos bem conscientes, em maior ou menor medida, de pensamentos estranhos que muitas vezes tentam, mesmo nos momentos mais santos, desviar nossas mentes para que elas não se ocupem exclusivamente com Deus, esquecendo tudo mais.

Quantas refeições têm sido imaginadas, planejadas, cozinhadas e servidas em uma reunião especialmente convocada para o povo de Deus adorar.

Quantos negócios comerciais tem sido planejados enquanto o crente estava supostamente em meditação profunda. E os outros imaginavam que seu coração estava transbordando de adoração! Estes pensamentos ilegítimos que nos distraem devem ser tratados inflexivelmente como Abraão tratou seus dois servos. Devem ser obrigados, mediante uma decisão firme da vontade, a permanecer fora de nossas meditações para evitar que roubem de Deus a adoração devida ao Seu Nome.

Isto exige uma verdadeira concentração de pensamento e de repúdio a todos os interesses próprios. Isto de maneira alguma agradará à carne, que gosta de divagar, sem ser reprovada, pelos terrenos proibidos da fantasia.

A exortação de Deus ao crente indica tanto privilégio quanto responsabilidade: *“Tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé”* (Hebreus 10.21-22). Este é um grande privilégio: *“Tendo um grande sacerdote”*. Esta é nossa responsabilidade: *“Aproximemo-nos”*.

A adoração, portanto, exige atividade espiritual, ou **a energia da fé**, mediante a qual o cristão é capacitado para ir “daqui” até “ali” e, deste modo, adorar sem distrações na presença de Deus.

É interessante notar que, no caso de Abraão, quando ele deixou os dois servos para trás, ele **subiu** a montanha até alcançar o cume, onde foi consumado seu ato de adoração. Da mesma maneira, o crente, tendo deixado para trás as coisas sórdidas da terra, sobe às alturas, até experimentar a realidade de estar “com Deus, longe, bem por cima do mundo inquieto que batalha lá embaixo”. Aqui sua alma se aquece ao sol do pleno gozo da presença do Senhor a Quem ele adora.

Em quinto lugar, percebemos que **a adoração proclama a renúncia absoluta do ego, em todas as suas diversas manifestações**. Quando Abraão disse que ia “adorar” ele sabia que este ato significava a oferta de seu filho e que implicava a máxima abnegação. É desnecessário dizer que a negação do “eu” é diametralmente oposta à carne, com sua vontade própria, seu amor próprio e seu individualismo. Não deve haver nenhuma intromissão da carne na verdadeira adoração espiritual. Assim como Abraão, mediante o ato de oferecer seu filho, negou resolutamente a apelação da carne a um individualismo, da mesma maneira cada crente deve reconhecer que os verdadeiros adoradores são aqueles que podem dizer *“adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne”* (Filipenses 3.3).

Assim como Abraão se aproximou de Deus, com **seu filho**, para adorar, da mesma maneira o crente deve aprender que, como adorador,

deve aproximar-se de Deus não somente **em** Cristo e **por meio de Cristo**, mas também **com** Cristo. Deus Se compraz infinitamente com Seu Filho, pois testificou diversas vezes: *“Este é Meu Filho amado, em Quem Me comprazo”* (Mateus 3.17). Na medida em que o crente concentre a **atenção** de sua mente e os **efeitos** de seu coração no Filho amado do Pai é que poderá aprender a apreciar as glórias e as excelências que há em Cristo. E, enquanto se aproxima do Pai com sua mente e seu coração repletos de Cristo e menciona estas excelências que descobriu no Filho, então a fragrância de sua adoração se elevará qual incenso e será agradável ao Ser que Se revelou completamente no Filho do Seu amor.

W. B. Dick expressou poeticamente este pensamento nas seguintes palavras:

“Queremos, ó Deus, apresentar ante Teu rosto
O fragrante nome de Teu amado Filho;
Pela fé O contemplamos naquele lugar santo
Que, por Sua morte, Ele nos conseguiu.

Compartilhamos Tua alegria em Quem ali está sentado,
Nossos corações deleitam-se na delícia que Ele é;
Acima de milhares, mais formoso que os formosos,
Sua glória não pode murchar, nem escurecer”.

(Tradução literal)

Em sexto lugar, impressiona-nos o fato de que **a adoração glorifica a Deus** (vv. 16-18). Este ato de adoração por parte de Abraão deleitou o coração de Deus e motivou uma expressão de Seu apreço.

Davi, pelo Espírito, pôde compreender esta verdade, pois Deus disse por seu intermédio: *“O que Me oferece sacrifício de ações de graças, esse Me glorificará”* (Salmo 50.23). A adoração dá a Deus o lugar de absoluta preeminência e, assim, O glorifica, excluindo-O de todos os demais. Consideraremos isto mais extensamente em outro capítulo.

Finalmente, observemos que **a adoração resulta em bênção para o adorador**. *“Porquanto fizeste isso e não Me negaste o teu único filho, deveras te abençoarei e certamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e como a areia na praia do mar; a tua descendência possuirá a cidade dos seus inimigos, nela serão benditas todas as nações da terra, porquanto obedeste à Minha voz”* (vv. 16-18)

Em primeiro lugar, Deus devolveu a Abraão seu filho. Embora Abraão deva ter subido ao monte com uma **carga** pesada, certamente desceu do monte com um **cântico** feliz em seus lábios e com um santo gozo no

coração. Deus não é devedor de ninguém. Todos os que O honram serão recompensados por Ele, sendo honrados. Ele derramará plenamente sua honra a quem Lhe dá a glória devida ao Seu Nome.

Pensemos também no apreço que Abraão deve ter sentido por Isaque ao observar sua obediência na submissão à morte. Facilmente Isaque poderia ter escapado quando seu pai lhe disse que ele seria o sacrifício. Poderia ter oferecido resistência enquanto seu pai o amarrava e o colocava sobre o altar, mas nada disso ele fez. E quando Deus devolveu o filho a Abraão, mais profundo foi o valor do Senhor para com ele.

Isto é o que Deus faz com o verdadeiro adorador. Ele devolve ao crente Seu amado Filho em toda a glória de Sua bendita Pessoa e lhe concede uma estima muito maior de todos aqueles atributos divinos tão perfeitamente revelados nEle e expressados por Ele. Deus não deu apenas Seu Filho por nós, na cruz, para nossa **salvação**; agora Ele no-IO dá, no trono, para nossa **satisfação**.

É significativo que não nos é dito especificamente que Isaque desceu do monte juntamente com Abraão. É lógico que assim tenha sido, mas este fato não é mencionado. A próxima vez que é citado o nome de Isaque é em relação à sua esposa que será cortejada e ganha para ele. Este notável “cortejo” está registrado no capítulo 24. Este formoso romance é consumado quando Isaque recebe Rebeca como sua esposa. Por causa dele, “a quem, sem tê-lo visto, já o amava”, ela efetuou uma longa viagem através do deserto para ser unida a ele como sua esposa escolhida.

É significativo que não nos é dito especificamente que Isaque desceu do monte juntamente com Abraão. É lógico que assim tenha sido, mas este fato não é mencionado. A próxima vez que é citado o nome de Isaque é em relação à sua esposa que será cortejada e ganha para ele. Este notável “cortejo” está registrado no capítulo 24. Este formoso romance é consumado quando Isaque recebe Rebeca como sua esposa. Por causa dele, “a quem, sem tê-lo visto, já o amava”, ela efetuou uma longa viagem através do deserto para ser unida a ele como sua esposa escolhida.

A última visão que o mundo teve de Cristo foi sobre o altar do Calvário. A próxima visão que terá dEle será quando Ele Se manifestar em glória com Sua Esposa, comprada pelo Seu sangue. Não nos admiramos que a revelação divina termine com estas palavras: “*Amém. Vem, Senhor Jesus!*” (Apocalipse 22.20).

Tendo considerado a primeira menção bíblica da palavra “adoração” e tendo visto rapidamente algo do que ela significa, observemos agora:

4. ALGUMAS DISTINÇÕES ENTRE ORAÇÃO, LOUVOR E ADORAÇÃO

Falando de maneira generalizada, a oração é a ocupação da alma com suas **necessidades**. O louvor é a ocupação da alma com suas **bênçãos**. Adoração é a ocupação da alma com **Deus mesmo**. A oração e o louvor podem estar presentes na adoração e incluídas no conceito geral, mas, falando mais detalhadamente, cada uma delas por si mesma não constitui adoração. “Senhor, salva minha alma” é uma oração. “Graças Te dou, Senhor, por teres salvado minha alma” é louvor. “Graças Te dou, Senhor, pelo que Tu és” é adoração.

Talvez uma ilustração nos ajude a deixar mais clara esta distinção. Suponhamos que uma pessoa que não sabe nadar caia num rio. Enquanto está lutando em vão para salvar-se e percebe quão desesperadora é sua situação, grita do mais profundo de seu coração: “Socorro! Socorro! Salvem-me! Salvem-me!” Isto é oração. Nenhum pecador convicto de seu pecado precisa que lhe ensinem a orar.

Um antigo breve comentário puritano sobre o Salmo 107, onde os pecadores somos apresentados em nossa miséria clamando a Deus por libertação, diz: “A miséria ensina doutrina maravilhosamente a uma pessoa na arte da oração!”

Como resposta ao clamor da pessoa que se está afogando e que pede ajuda, aparece um senhor bem vestido. Sem vacilar um momento, ele se atira ao rio e traz o necessitado com segurança para terra firme, com perigo de sua própria vida. A resposta da pessoa que foi salva é imediata. Louva o seu salvador e exclama: “Como poderei expressar minha gratidão ao senhor que por mim expôs sua própria vida? Muito obrigado, mil vezes muito obrigado!”

Certamente isto ilustra o que acontece quando um pecador compreende que Cristo, o Filho de Deus, mediante Sua obra substituta na cruz do Calvário, tornou possível sua salvação da pena do pecado. Ao aceitar a Cristo como seu Salvador pessoal está certo agora, baseado na Palavra de Deus, que está salvo. Isto enche sua alma de alegria e seus lábios entoam cânticos de **louvor** ao Ser que o salvou.

Agora, o salvador, deixando em sua casa a pessoa que salvou, lhe entrega seu cartão de visita e lhe diz: “Este é meu nome e meu endereço. Gostaria de jantar comigo amanhã, às 20 horas? Se for, poderemos conhecer-nos melhor”.

No dia seguinte, o homem que foi salvo vai ao endereço indicado no cartão de visita. Para sua admiração, está no bairro mais rico da cidade e

descobre que a casa de seu salvador é a casa mais bonita e rica do bairro. Toca a campainha e aparece o mordomo. Dizendo seu nome, o fazem entrar e esperar na sala. Então aparece o dono da casa e imediatamente, como um perfeito cavalheiro, faz com que sua visita esteja à vontade.

Chegou a hora do jantar e durante a excelente refeição servida o dono da casa dirige a conversa de tal maneira que dá à visita a melhor sensação de estar à vontade. Terminado o jantar, a visita fica extremamente admirada quanto ao caráter do dono da casa. Ficou impressionado com sua bondade, sua inteligência, sua hospitalidade, sua sabedoria, sua afabilidade, seu jeito de tratar as pessoas e sua humildade.

Em outras palavras, agora está apreciando sua excelência moral e o valor do caráter do dono da casa, independentemente do que este tenha feito a seu favor. E, embora não esqueça por um só momento do que seu salvador fez por ele, agora sua gratidão pelo que fez é superada pelo que ele é em si mesmo. E, mais ainda, quanto mais ele conhece seu salvador à medida que as visitas se repetem, que fala e passeia com ele, tanto mais aumenta seu preço e admiração para com ele.

Este exemplo servirá para ilustrar a distinção perceptível que existe entre louvor e adoração. O crente nunca pode esquecer que o Senhor Jesus Cristo é seu Salvador e que o comprou com o preço infinito de Seu precioso sangue. No entanto, à medida que conhece ao Senhor mais intimamente, sua gratidão para com Cristo dá lugar a uma apreciação cada vez maior do caráter precioso de Sua gloriosa Pessoa, à medida que lhe são reveladas as excelências de Seu caráter perfeito pelo Espírito, mediante a Palavra.

O cristão, pela comunhão com seu Senhor, chega à compreensão e exclama como outro já o fez: *“O meu amado é... o mais distinguido entre dez mil... Ele é totalmente desejável”* (Cântico dos Cânticos 5.10-16)

“Escolhido entre dez mil!
O mais formoso dos formosos!
Completamente belo,
Além de toda comparação!
Senhor de toda a Criação,
O Homem do Calvário!
O Filho de Deus que me amou
E Se deu a Si mesmo por mim!”

(Tradução literal)

Agora passemos para outra ilustração; desta vez baseando-nos em um incidente da vida real. Imaginemos que um prédio de apartamentos

está ardendo em chamas em Londres. No último andar poder ver-se uma moça jovem parada numa janela gritando por socorro, pois está cercada pelas chamas. Seu caso parece irremediavelmente perdido até que um jovem bombeiro, vendo o perigo em que a moça está, prepara uma escada e, arriscando a sua própria vida, a salva e a traz em segurança para terra firme.

No meio de toda a movimentação e com a comoção da hora, a jovem esqueceu-se de agradecer ao seu salvador pelo seu ato. No dia seguinte, o chama a seu lar para agradecer-lhe. Ele, por sua vez, a procura e o relacionamento entre os dois se transforma em amizade. Esta amizade se transforma em amor e os dois resolvem casar. Um dia, vão ao Registro Civil, casam-se e transformam-se em marido e esposa.

Esta mulher nunca se esquecerá que este bombeiro era seu salvador e que, se não fosse por ele, talvez teria morrido queimada naquele incêndio. Mas ele é para ela muito mais do que um salvador; ele é seu marido, seu amante, seu companheiro no meio dos problemas e dificuldades da vida, seu tudo.

O mesmo acontece com os cristãos. Aquele que foi ao Calvário para tornar possível nossa salvação, agora está unido conosco em um vínculo que nem o tempo nem a eternidade poderão quebrar. Ele não é apenas o Salvador, mas o Amante, o Amigo, o Conselheiro, o Guardião e o Guia de todos os que O conhecem. As palavras de Deus em Isaías são muito apropriadas neste caso: *“O teu Criador é o teu marido”* (Isaías 54.5).

5. ADORAR É DAR A DEUS

A salvação é algo que nós temos recebido como um presente de Deus (Romanos 6.23). A adoração é algo com que nós presentecemos a Deus como um reconhecimento voluntário de nosso profundo apreço pelo que Ele é e por tudo o que Ele fez.

Consideremos três casos deste aspecto da adoração, que têm sido descritos para nós na Palavra de Deus. Os três devem ser combinados para fazer com que todo crente entenda isto com clareza.

A) O primeiro caso que temos a considerar é o do israelita descrito em Deuteronômio 26.1-11.

Pedimos a cada crente que leia esta passagem cuidadosamente. Aqui está o quadro que Deus apresenta e que leva à conclusão: *“E te prostrarás perante Ele [o Senhor teu Deus]”* (v. 10). Examinemos brevemente este

capítulo, tão cheio de significado espiritual, e observemos sete coisas com respeito a este adorador.

1) O adorador é uma pessoa que tem experimentado o que significa ser remido mediante o sangue e o poder (vv. 5-8).

Ele era um homem redimido, que se tinha refugiado no cordeiro pascal (Êxodo 12.12-13). Deus lhe mandou que recordasse o fato de que em outro tempo tinha sido escravo sob a amarga escravidão dos egípcios, mas que o Senhor tinha visto sua aflição, trabalho e opressão e o tinha tirado dessa terrível condição *“com poderosa mão, e com braço estendido, e com grande espanto, e com sinais, e com milagres”*.

Não há dúvida que temos nestas palavras uma ilustração da obra muito maior que Deus efetuou para cada crente. Houve tempo em que estávamos, por natureza, perdidos no pecado e sob uma terrível condenação; apesar disto, graças à obra redentora efetuada por Seu amado Filho na cruz do Calvário, uma salvação gratuita e eterna foi providenciada para todo pecador que reconheça sua necessidade, confie em Cristo como seu Salvador e O reconheça como Senhor de sua vida. Feliz é aquele que pode fazer suas as palavras deste israelita e testemunhar verdadeiramente: *“E o Senhor me tirou... com mão forte do pecado, de minha necessidade e de minha escravidão, e me levou para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus!”*

Realmente, somente quem já experimentou desta maneira o poder salvador de Deus em sua própria vida pode aproximar-se de Deus como um adorador inteligente e real. Pedro recordou àqueles cristãos a quem estava escrevendo *“que não foi mediante cousas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento... mas pelo precioso sangue,... o sangue de Cristo.” E, como redimidos, agora eles poderiam oferecer “sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo”* (1ª Pedro 1.18-19; 2.5).

2) O adorador tem herança na terra (v. 1).

“Ao entrares na terra que o Senhor teu Deus te dá por herança” (v. 1). Esta pessoa tinha recebido a direção divina, pois tinha sido guiada de dia pela nuvem e de noite pela coluna de fogo. Tinha sido objeto do cuidado providencial de Deus, pois tinha comido do maná do céu e tinha bebido das águas que fluíram da rocha ferida. Agora, pela graça de Deus, o vemos tendo cruzado o rio Jordão e já morando na terra que Deus lhe tinha prometido.

O significado disto deve ser claro para todo crente. As Escrituras contemplam o cristão como estando sentado *“nos lugares celestiais em Cristo Jesus”* (Efésios 2.6). Deus mesmo lhe assegura que em Cristo *“fomos*

feitos herança, predestinados segundo o propósito dAquele que faz todas as cousas conforme o conselho da Sua vontade” (Efésios 1.11). Com a bendita certeza de que tudo isto agora já é seu, o crente pode entrar livremente junto ao trono da graça e oferecer sua adoração com gratidão.

3) O adorador é uma pessoa a quem Deus tem abençoado (v. 2).

Foi-lhe dito que pegasse as primícias dos frutos com que Deus o tinha abençoado e que os apresentasse a Deus como um ato de adoração. As promessas de bênçãos que Deus tinha feito a Israel eram, em grande parte, de bênçãos **temporais** e **materiais** e estavam condicionadas a que obedecessem Seus mandamentos.

“Se atentamente ouvires a voz do Senhor, teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os Seus mandamentos que hoje te ordeno, o Senhor, teu Deus, te exaltará sobre todas as nações da terra. Se ouvires a voz do Senhor, teu Deus, virão sobre ti e te alcançarão todas estas bênçãos: Bendito serás tu na cidade e bendito serás no campo. Bendito o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e o fruto dos teus animais, e as crias das tuas vacas e das tuas ovelhas. Bendito o teu cesto e a tua amassadeira. Bendito serás ao entrares e, bendito ao saíres” (Deuteronômio 28.1-6).

Em contraste com as bênçãos terrenas de Israel, as bênçãos do crente são **eternas** e **espirituais**. Que maravilhosa introdução apresenta a epístola aos Efésios! *“Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo”*. A seguir, o escritor logo cita algumas destas bênçãos, tais como a eleição, a predestinação e a redenção do cristão.

Paulo destaca então as importantes consequências de todas estas bênçãos. Elas têm que redundar em primeiro lugar para a glória da graça do Pai, que as planejou; em segundo lugar, para a glória da graça do Filho, que as tornou possíveis para nós; e, em terceiro lugar, para a glória da graça do Espírito Santo, que no-las proporcionou e que as fez reais para a experiência do crente (veja Efésios 1.6, 12, 14).

É assim que, tanto no Velho como o Novo Testamentos, o adorador não vem **para ser abençoado**, mas porque **já tem sido abençoado**. Talvez uma boa definição para um cristão seja: “um a quem Deus tem abençoado”. Cada crente pode realmente dizer: *“A bênção do Senhor enriquece e, com ela, Ele não traz desgosto” (Provérbios 10.22).*

4) O adorador é uma pessoa agradecida (vv. 2-3).

Ele é descrito primeiramente **recolhendo** a dádiva das primícias, depois **colocando-a** num cesto e, finalmente, **trazendo-a** perante o Senhor. Nesta oferta não devia haver nada de formalidade. Seu ato de adoração consistia em recolher cuidadosamente o fruto, colocá-lo

cuidadosamente no cesto e, a seguir, ter o trabalho de ir até o lugar onde Deus escolhera.

Isto tudo sugere sua apreciação por tudo quanto Deus era e por tudo quanto tinha feito por ele. Mediante este ato, unia-se à grande companhia dos que, através do tempo, têm cantado: *“Grandes coisas fez o Senhor por nós; por isso, estamos alegres”* (Salmo 126.3).

Deus quer um povo agradecido que não se contente em apenas estar sempre recebendo dEle, mas que esteja disposto também a dar a Ele. Deus quer que sejamos como o samaritano a quem o Senhor curou de sua lepra. Apesar de seus nove companheiros terem prosseguido em seu caminho, ele voltou ao Salvador e prostrou-se a Seus pés, agradecendo-Lhe. *“Não houve porventura, quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro?”* (Lucas 17.12-19).

Muitos cristãos sofrem de um mal pelo qual podem ser chamados de “pedintes”. Cada vez que entram na presença do Senhor é para pedir-Lhe que Ele “lhes dê” algo. “Dê-me isso...”, “dê-me aquilo...; dê-me mais isto...” é um rogo constante e monótono. São como algumas crianças que só procuram seus pais para conseguir alguma coisa deles e que nunca pensam em dar algo a seus pais como recompensa.

Consideremos a história de uma menina que trouxe grande alegria para sua mãe. Um dia, ela voltou de brincar no quintal, sentou-se numa cadeira e contemplou sua mãe enquanto ela passava ferro. Sua mãe lhe perguntou: “O que você quer, querida?” E ela respondeu: “Não quero nada, mamãe. Só quero sentar-me aqui, olhar para você e amá-la!”

Nosso Senhor indicou claramente que Deus Pai está buscando adoradores entre os Seus filhos. *“Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para Seus adoradores”* (João 4.23). Deus deseja profundamente que aqueles a quem Ele tem abençoado tão abundantemente respondam a Seu desejo de receber adoração e que, enquanto esperam em Sua presença, derramem seu amor por Ele em adoração.

Dizem-nos que as palavras “pensar” e “agradecer” (em inglês “think” e “thank”) eram originalmente a mesma. Se é verdade ou não, uma coisa é certa: um cristão **“que pensa”** há de converter-se em um cristão **“agradecido”**, porque só precisa **recordar** para **alegrar-se**.

A mensagem de Deus para Israel era: *“Ninguém aparecerá de mãos vazias perante Mim”* (Êxodo 23.15). Era realmente patético que, em uma reunião especialmente convocada para adoração, houvesse tantos que aparentemente não tivessem separado o tempo necessário e nem tivessem realizado o esforço de separar do fruto recebido em seu cesto de gratidão.

Os longos períodos de silêncio de muitas reuniões de adoração são muitas vezes não os silêncios de **adoração sublime**, mas os silêncios de uma **pobreza espiritual**. Note-se que em Deuteronômio 26 é considerada a adoração individual. Desnecessário é dizer que a **qualidade** de nossa **adoração coletiva** dependerá da **espiritualidade** de **cada crente** presente na reunião convocada com este propósito.

O ensino óbvio desta passagem de Deuteronômio 26 é que cada crente deve exercitar-se espiritualmente durante a semana e escolher e dispor pessoalmente seu cesto de primícias. E, ao reunir-se com o povo de Deus, deveria trazer seu coração cheio de sua apreciação do que Deus é, tal como revelado em Seu Filho amado. À medida que cada cristão faça isso, a espiritualidade da reunião de adoração se elevará a um nível superior e Deus certamente receberá o que Ele procura – a adoração de Seus amados filhos comprados a preço de sangue e nascidos do Espírito. Não o desiludamos quanto a isto!

5) Supõe-se a obediência do adorador à palavra de Deus (v.2).

Foi-lhe dito que fosse *“ao lugar que o Senhor, teu Deus, escolher para ali fazer habitar o seu nome”*. Este lugar foi designado mais adiante. No princípio era Silo, onde *“toda a congregação dos filhos de Israel”* se reuniu (Josué 18.1). Depois este lugar foi trasladado para Jerusalém, onde o templo foi edificado (1º Reis 8.29).

É importante observar que Deus não deixou este lugar à vontade de cada adorador. Ele escolheu um lugar determinado, onde pôs o Seu Nome, fazendo-o conhecer a Seu povo. Ao adorador foi indicado o lugar e oferecer sua dádiva das primícias se ele queria ser agradável a Deus.

Imaginemos que um israelita, estando na terra, dissesse: “Não acho que faça diferença alguma o **lugar** onde se apresente a oferta. Pessoalmente, prefiro Jericó a Jerusalém porque Jericó está mais perto de minha casa. Além disso, a estrada para Jericó é uma subida e isto exigiria de mim esforço muito maior do que o que estou acostumado a efetuar. Por isso, adorarei a Deus no lugar de **minha** escolha”.

Isto é muito parecido com a atitude atual de muitos cristãos. Costuma-se aconselhar a um recém convertido “que se una à igreja de sua escolha”. Em muitos formulários de decisão deixa-se um espaço em branco para que a pessoa que manifesta receber a Cristo indique que igreja prefere. Será que Deus não deixou instruções quanto ao tema de comunhão na igreja?

Será que Deus permite que cada cristão siga suas próprias inclinações em assunto de tamanha importância? Certamente que não. O mesmo Deus que indicou ao israelita do Antigo Testamento exatamente

como, quando e onde adorar nos tem deixado em o Novo Testamento claras instruções a respeito deste assunto. As bem conhecidas palavras do Senhor Jesus deveriam chegar ao coração de cada cristão: *“Onde estiverem dois ou três reunidos em Meu Nome, ali estou no meio deles”* (Mateus 18.20).

Cada crente fará bem em examinar a sua posição com relação à sua igreja ou grupo. Deve ter certeza que conta com o apoio do ensino geral das Escrituras do Novo Testamento, tanto em relação à autorização para reunir-se com os crentes quanto à conduta em tais reuniões.

Estes princípios divinos de comunhão na igreja têm sido claramente expostos na Palavra e deveriam ser obedecidos de todo coração a qualquer custo.

6) O adorador é uma pessoa humilde (vv. 5-9).

Não há lugar para o orgulho, posição, beleza ou suposta superioridade. Sua confissão era: *“Arameu prestes a perecer foi meu pai”*. Não vemos aí nenhum espírito de superioridade, nem modos condescendentes ao entrar na presença de Deus. Nada de glorificação para o homem, nem espaço para a detestável carne, da qual Cristo disse que *“para nada aproveita”* (João 6.63). Não há lugar para esnobismo porque todo o Israel tem um antepassado comum: um *“arameu prestes a perecer”*.

A pessoa esnóbil tem sido bem definida como sendo alguém que, tendo chegado à metade da escada da fama, passa seu tempo **lambendo** os pés dos que estão acima dele e **pisando** os que estão por baixo dele!

De todo tipo de esnobismo nenhum é mais repulsivo do que o esnobismo religioso, personificado no fariseu, cuja elevação estava exclusivamente limitada a seu nariz, e que orou desta maneira consigo mesmo: *“Ó Deus, graças Te dou porque não sou como os demais homens,...”* (Lucas 18.11-12).

Cada crente faria bem em gravar isto em seu coração quando se aproximar do trono santo de Deus. Deus odeia todos os tipos de orgulho. Ele declarou, por meio de Isaías: *“Assim diz o Alto, o Sublime, que habita na eternidade, o Qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito”* (Isaías 57.15).

A ainda lemos: *“Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes”* (Tiago 4.6). Não pode ser orgulhoso quem é um pecador, pois foi salvo por graça divina e quem, se não fosse esta graça de Deus, poderia estar neste momento já no inferno. A humildade de espírito é, pois, um acompanhamento indispensável na adoração.

7) O adorador dá a Deus (vv. 10-11).

“Então, as porás [as ofertas] perante o Senhor, teu Deus, e te prostrarás perante Ele”. Observe-se que, neste capítulo, o adorador não pede nem uma única coisa a Deus. Ele não vem a Deus com uma **petição** em seus lábios, mas com um **presente** em sua mão. Embora seja verdade que só traz a Deus o que de Deus recebeu, assim mesmo, Deus Se compraz em receber a oferta e a credita em sua conta! (v. 10).

Certa vez, uma menina sentou-se no colo do pai e pediu-lhe uma certa importância de dinheiro. E, quando o pai lhe perguntou para que ela queria aquele dinheiro, ela ingenuamente respondeu: “É que amanhã é seu aniversário e eu queria comprar-lhe um presente”. Então seu pai lhe deu o dinheiro pedido e, realmente, no dia seguinte, recebeu um pequeno presente de sua filha, pelo qual ele mesmo tinha pago. É desnecessário dizer quanto o pai apreciou esta prova de lembrança e de afeto da filha.

Davi compreendeu isto perfeitamente, pois disse a Deus: *“Porque quem sou eu, e quem é o meu povo para que pudéssemos dar voluntariamente estas cousas? Porque tudo vem de Ti e das Tuas mãos To damos”* (1º Crônicas 29.14). Deus derrama abundantemente Suas bênçãos sobre o Seu povo. Será demais Ele esperar que Lhe tragam as primícias de consideração pelo que Ele é e de gratidão por tudo quanto Ele tem feito?

Ah! Quão pouca adoração Deus recebe de Seus filhos! Muitas vezes as assim chamadas “reuniões de adoração” degeneram em simples reuniões de oração glorificada! Um irmão levanta-se e ora: “Ó, Senhor, ajuda-nos a adorar”. Outro diz: “Ó, Senhor, faze com que possamos adorar-Te verdadeiramente”.

A pessoa descrita em Deuteronômio 26 não disse: “Senhor, ajuda-me a trazer meu cesto de primícias”. Ele as trouxe e disse: Eis *“que agora trago”* as primícias (v. 10). A reunião de adoração não foi instituída para capacitar-nos a orar de modo que possamos adorar a Deus, mas para a apresentação de nossa adoração a Ele. A conclusão lógica é que se se oferecessem mais orações antes da reunião de adoração, não seria necessário orar nesta reunião, mas ela expressaria mais e melhor nossa adoração.

B) Nosso próximo caso de adoração como dádiva a Deus é o dos magos (Mateus 2.1-12)

Não há dúvida com respeito ao propósito da longa viagem dos magos vindos do Oriente, já que eles perguntaram: *“Onde está o recém-nascido*

Rei dos judeus? Porque vimos Sua estrela no oriente e viemos para adorá-lo” (Mateus 2.2). À medida que concentramos nossa atenção nestes homens cuja missão era adorar ao Filho de Deus, várias coisas nos impressionam:

1) A adoração é um ato dos sábios.

Não sabemos quantos eram estes homens, pois as Escrituras não o dizem, mas em relação à sua descrição não temos dúvida alguma. Eram homens sábios. Embora sábios mundanos possam zombar do cristão e apontá-lo como um tolo, apesar disto, Deus o considera um sábio.

Tem sido dito mui acertadamente que “noventa por cento da sabedoria consiste em ser sábio a seu tempo”! A queixa de Deus em relação a Israel era: *“Tomara fossem eles sábios! Então, entenderiam isto e atentariam para o seu fim”* (Deuteronômio 32.29).

Os primeiros sinais de sanidade espiritual podem ser observados numa pessoa quando percebe seu verdadeiro estado de pecador perdido e ela se volta para o Senhor em verdadeiro arrependimento e fé. Isto é o que quer dizer tornar-se *“sábio para a salvação”* (2ª Timóteo 3.15).

A educação moderna não faz provisão nenhuma para a aquisição da **sabedoria espiritual**. Na maior parte das instituições dedicadas ao assim chamado “ensino superior”, o fato da realidade de Deus e a Sua revelação por meio de Sua Palavra raras vezes são mencionados, a não ser talvez para ridicularizá-las. Assim estão cumprindo os requisitos da descrição daqueles que são mencionados em Romanos 1.22: *“Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos”*.

Nenhum homem é realmente sábio, apesar de quantos títulos tenha em sua formação, até que tenha dado a Deus o primeiro lugar em sua consciência, tenha aceito a Palavra de Deus como autoridade suprema para a sua vida e tenha chegado a conhecer a Cristo como seu próprio Salvador e Senhor pessoal. Só então, à semelhança dos magos, estará em condições para adorar.

O conceito que Deus tem da sabedoria deste mundo, isolada de um conhecimento dEle, tem sido bem considerado e deveria ser estudado cuidadosamente e com oração por todo filho de Deus (leia 1ª Coríntios 1.18-31).

2) A adoração requer a direção divina.

Estes homens foram guiados por uma estrela no céu até serem conduzidos à presença do Filho de Deus para apresentar-Lhe em adoração suas ofertas. A aplicação disto à época atual é óbvia. Se temos que adorar a Deus como devemos, devemos não apenas ser *“sábios para a salvação”*,

mas também devemos ter uma direção celestial, autorizada e infalível, em relação à nossa adoração.

Não é demais afirmar que esta direção está na Bíblia, a Palavra de Deus, divinamente inspirada. É este livro que o Espírito Santo que mora no crente usa para guiar o crente a um conhecimento e a uma apreciação de toda a verdade (João 16.13-15).

Certamente é sábio o crente que, como os sábios de outrora, não se conforma em ser guiado pelas tradições de seus pais, independentemente de quão veneráveis e antigas elas sejam, nem pela “voz da sua própria consciência”, mas que não descansa até encontrar um “*assim diz o Senhor*”, tanto para a segurança de sua própria salvação como para seu modo de adoração.

3) A adoração requer tanto a separação quanto a renúncia.

Estes homens, tendo recebido o chamado de Deus para adorar e sendo guiados por uma estrela, deixaram seu país, seus lares e seres amados, e se converteram em estrangeiros e peregrinos. Entre onde estavam e o lugar ao qual Deus os guiaria havia muita distância e a viagem pelo deserto seria cansativa.

Mas, por causa dAquele a Quem eles queriam adorar, deram as costas para as comodidades. E, no fim, quando foram conduzidos à presença da Divindade revestida de humanidade e se prostraram em adoração perante Ele, consideraram que bem tinha valido a pena pagar o preço.

Da mesma maneira, quem queira adorar a Deus de acordo com os princípios expostos em Sua Palavra, deve estar pronto a sofrer por sua obediência sincera à direção divina. Talvez, e provavelmente seja assim, encontre oposição a cada momento entre seus familiares e amigos mais íntimos. Alguns têm enfrentado a oposição judicial e até mesmo a perseguição dos sistemas religiosos altamente organizados, enquanto que outros precisaram cortar costumes arraigados no círculo peculiar da sociedade.

O caminho da sincera obediência à Palavra de Deus nunca foi barato ou fácil para a carne, mas o gozo compensador da obediência retribui com altos juros o sacrifício realizado.

4) A adoração requer tanto a concentração da mente quanto o empenho da vontade.

Estes magos, após uma viagem árdua e prolongada, chegaram finalmente a Jerusalém, “*a cidade do grande Rei*”. Em lugar de encontrarem uma atmosfera simpática de alegre expectativa pela chegada de seu Messias e Rei, descobriram, para sua surpresa e admiração, que o

povo cujo Rei eles tinham vindo adorar não só ignorava Sua chegada mas manifestava dois grandes males: a apatia e a antipatia a Sua missão! (Salmo48.2).

Sua pergunta: “*Onde está o recém-nascido Rei dos judeus?*” foi recebida com olhares desinteressados. Aparentemente, a estrela que tinha atraído e guiado estes magos não tinha significado algum para os líderes de Israel. Nos é dito que tanto o rei Herodes como “*toda a Jerusalém*” ficaram “*alarmados*” com esta pergunta.

O que devia ser “*a Esperança de Israel*” converteu-se em um mal-estar, porque perturbava sua complacência. Estes dirigentes religiosos de Israel, mandados por Herodes, podiam recorrer às Sagradas Escrituras e citar a profecia de Miquêias a respeito do lugar do Seu nascimento, mas **não lemos que nenhum deles tenha acompanhado os magos a Belém** ou se tenha unido a eles na sua adoração ao Messias! Tal era a apatia da nação que Deus escolheu para este propósito! (Romanos 9.4-5).

Os magos não tiveram que enfrentar apenas a indiferença, mas (no caso de Herodes) também a oposição velada pela hipocrisia. Este astuto amigo, justamente chamado “o sanguinário”, planejou a destruição deste Menino por temer que viesse a ocupar o trono que ele tinha conseguido através de usurpação.

Como é bom saber que nem a apatia de Israel, nem a antipatia de Herodes conseguiram afetar os magos. Eles tinham **concentrado suas mentes** na missão de encontrar e adorar a Cristo. E isto, aliado à sua **força de vontade** de não permitir que nada os perturbasse, finalmente resultou na concretização de sua busca.

O crente que trata de adorar a Deus de modo agradável a Ele também descobrirá sua necessidade destas duas virtudes. A **concentração da mente** não é fácil, mas deve ser praticada rigidamente, a fim de evitar que a distração, a vacilação e os pensamentos ilegítimos privem a Deus da adoração devida ao Seu Nome.

O **empenho da vontade** é também necessário se temos que vencer a oposição da trindade do mal. O **Diabo**, com suas hostes de espíritos malignos, que fará tudo que estiver ao seu alcance para atrapalhar. O **mundo**, com seus prazeres, riquezas e cuidados, tudo fará para asfixiar o desejo celestial da adoração. A **carne**, com seu amor ao lazer, ao amor próprio e à indulgência própria, tratará de levantar uma barreira que não permita ao crente “*entrar no lugar santíssimo*” para derramar seu coração em adoração a Deus.

5) A adoração é acompanhada de gozo.

Nos é dito que, tendo sido enviados a Belém, a estrela começou novamente a guiá-los “até que, chegando, parou sobre onde estava o Menino”. Esta prova adicional da direção e da aprovação divinas fez com que “alegraram-se com grande e intenso júbilo” (v. 10).

Aqui seguramente aprendemos que, ao ocupar-nos com o Filho de Deus, não somente somos conduzidos à adoração, mas também que somos enchidos com um gozo santo e indescritível que quase chega ao êxtase. Davi percebeu isto há muito tempo e disse: “Na Tua presença há plenitude de alegria, na Tua destra, delícias perpetuamente” (Salmo 16.11).

No Salmo 43.4, ele diz: “Irei ao altar de Deus, que é a minha grande alegria; ao som da harpa eu Te louvarei, ó Deus, Deus meu”. Quando o Senhor apareceu a Seus discípulos, logo após a Sua ressurreição, “alegraram-se os discípulos, ao verem o Senhor” (João 20.20).

Os sistemas religiosos humanamente concebidos que há na terra caracterizam-se em sua maior parte pelo elemento de **temor** e medo da falsa divindade cujos devotos tratam de agradar com suas orações, obras e oferendas.

O cristianismo, pelo contrário, caracteriza-se pelo **gozo**. O crente, certo de sua felicidade eterna e de sua “aceitação pelo Amado”, pode gloriar-se “em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo” (Romanos 5.11).

Este “gozo do Senhor, que é a nossa fortaleza” não deve ser confundido com a hilaridade de espírito que demonstram os mundanos descuidados como também os pagãos naquelas oportunidades em que tentam apagar Deus de seus pensamentos e fechar os olhos para a realidade de sua pecaminosidade e para as terríveis consequências de morrer neste estado.

6) A adoração está condicionada a ver o Filho de Deus.

Foi quando viram o Senhor Jesus que eles se prostraram e adoraram. O crente só consegue adorar como é devido quando, pela fé, vê e se ocupa com Aquele mediante o Qual aprovou ao Pai revelar-Se a Si mesmo em toda a glória de Seus atributos divinos.

Nos é dito de Cristo: “Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é Quem O revelou” (João 1.18).

Tudo o que pode ser visto do Pai se experimenta através do Espírito Santo. Assim, a gloriosa Trindade da Divindade Eterna (Pai, Filho e Espírito Santo) é revelada aos corações devotos de Seu povo redimido.

É lamentável que a visão espiritual do cristão seja obscurecida pelo descuido em seu andar, pelo mundanismo de sua vida e pelo pecado não julgado nem confessado.

Em tais casos, não há adoração subindo aos céus desde o altar de sua alma.

Spurgeon teve isto presente quando escreveu seu maravilhoso hino de comunhão:

“Se agora, com os olhos manchados e obscurecidos,
Observamos os sinais, mas não O vemos,
Possas Seu amor tirar as escamas
E rogamos que O contemplemos face a face”.

(Tradução literal)

Quantas vezes, à semelhança daqueles dois desanimados discípulos a caminho de Emaús, os olhos de nossos corações estão velados de maneira que não percebemos a presença do Senhor (Lucas 24.16)! Paulo orava pelos crentes de Éfeso para que os olhos de seu entendimento fossem iluminados (Efésios 1.18).

À medida que se sente a presença de Cristo e a alma percebe Suas formosuras e glórias, não demorará muito até que o crente fique absorto em admiração e adoração.

O escritor da epístola aos Hebreus nos fala desta visão maravilhosa e diz: *“Vemos, todavia, Aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor do que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra”* (Hebreus 2.9).

O lindo hino da senhorita Thompson sintetiza este pensamento:

“Contemplamos ao Senhor em glória
Enquanto inclinamos nossos corações em adoração;
Ali lemos a maravilhosa história
Da cruz, com sua vergonha e dor.
Contemplando-a, Te adoramos,
Bendito, preciso e santo Senhor!
Tu, o Cordeiro, só Tu és digno;
Seja este o acorde do céu e da terra!”

(Tradução literal)

7) A adoração é uma apresentação de nossas ofertas ao Senhor.

Lemos que estes magos *“abrindo os seus tesouros, entregaram-Lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra”*. O significado típico destas ofertas é maravilhoso. O ouro fala da **Divindade**, como fica claro estudando-se o Tabernáculo. O incenso só oferece o seu perfume à medida que entra em contato com o fogo. A mirra nos fala de **sofrimento** e está relacionada com a morte e o sepultamento de nosso Senhor.

Desta maneira, os magos, através das ofertas que Lhe apresentaram, estavam expressando, em primeiro lugar, sua fé em Sua Divindade essencial e eterna; em segundo lugar, sua estima da fragrância de Sua vida imaculada que subiria como perfume suave ao Pai e, em terceiro lugar, sua estima da virtude e dos sofrimentos vicários, mediante os quais seria efetuada a redenção da humanidade.

Cada crente pode tirar proveito de seu exemplo quando se aproxima de Deus em adoração. Nada dá mais prazer ao Pai do que receber de Seu povo as ofertas de apreço a Seu Filho enquanto meditam nEle. Podemos pensar em Suas **glórias oficiais**, como possuidor da plena Divindade, igual e eterna com o Pai e com o Espírito Santo. Podemos meditar em Suas **glórias morais**, como o Homem perfeito sobre a terra, que revelou plena e perfeitamente toda a vontade do Pai, glorificando-O deste modo sobre a terra.

Podemos ocupar-nos com Suas **glórias redentoras**, as quais conseguiu mediante Seu sacrifício substitutivo sobre a cruz e que Deus aceitou plenamente, ressuscitando-O dentre os mortos e glorificando-O à Sua própria destra. Seja qual for o aspecto no qual contemplamos a Cristo, sempre resultará em adoração a Deus.

Sigamos o exemplo destes magos em sua procura e não deixemos que nada e nem ninguém nos demova até que, guiados pelo Espírito de Deus por meio da Sua Palavra, sejamos levados conscientemente à presença do Filho de Deus e apresentemos a oferta de nossa adoração ao Filho e ao Pai, que busca adoradores que O adorem “*em espírito e em verdade*” (João 4.23-24).

C) O terceiro caso que ilustra o significado de como dar adoração a Deus é o de Maria de Betânia

A história está registrada em João 12.1-11 e talvez seja o caso mais maravilhoso de adoração em todas as Escrituras. A divisão que fazemos não é original. É um exemplo desta habilidade escritural para realmente “distinguir entre coisas que diferem”.

Examinemos estes incidentes desde o ponto de vista negativo e tratemos de descobrir o que Maria **não veio a fazer** nesta ocasião memorável. A partir deste enfoque **negativo**, podemos aprender muito do caráter **positivo** da verdadeira adoração.

1) Maria não veio para escutar um sermão.

E isto apesar de que lá estivesse o maior Mestre que o mundo jamais tenha conhecido e de Quem se disse: *“Ninguém falou como este homem”*. Em outras ocasiões já tinha sido seu o privilégio de sentar-se a Seus pés e ouvir Suas palavras. As lições que ela tinha aprendido não tinham sido esquecidas; mas este não era seu propósito ao vir à presença dAquele que ela amava acima de todos.

Já temos dito que a Ceia do Senhor instituída por Cristo na noite de Sua traição foi criada para permitir aos crentes que O lembrem e, deste modo, tributem a Ele e ao Pai a adoração de seus corações. Portanto, o propósito primordial de tal reunião não é ouvir uma exposição da Palavra de Deus por parte de algum pregador capacitado, não importando quão bom isto possa parecer, mas passar o tempo ocupados com Ele, a Quem a Ceia pertence, e que disse: *“Fazei isto em memória de Mim”* (1ª Coríntios 11.24).

2) Maria não veio para fazer-Lhe um pedido.

Em outra ocasião o tinha feito (João 11.32). Agora, seu propósito não era derramar sua alma em uma súplica sincera perante Aquele que tinha toda a onipotência e que poderia ter satisfeito qualquer pedido que ela Lhe fizesse. Embora ela compreendesse perfeitamente o valor da oração, não foi este o motivo que a levou a vir a Ele. Ela não veio para **obter**; ela veio para **dar**.

Da mesma maneira, a Ceia do Senhor não existe para permitir aos crentes que supliquem ao trono da graça. Esta reunião de crentes é para a adoração que, como já temos visto, se distingue perfeitamente da oração.

3) Maria não veio para encontrar-se com seus irmãos crentes.

Havia muitos ali e ela amava ternamente a todos, já que eles amavam ao Senhor, mas seu pensamento dominante não era ocupar-se com o povo do Senhor, nem gozar da comunhão com eles. Ela desejava estar ocupada com o próprio Senhor, deixando de lado toda pessoa e toda coisa sobre a terra.

Este deveria ser o propósito a animar o coração de todo cristão enquanto, respondendo ao apelo do Senhor, se congrega com seus irmãos crentes com o propósito de lembrar-se do Senhor e de adorá-LO. A comunhão com os cristãos é boa e necessária, mas não é o mais necessário. Às vezes, o bom se constitui inimigo do melhor. É possível que nos preocupemos tanto com nossos irmãos crentes que o Senhor seja relegado a um lugar secundário. A comunhão é primordial *“com o Pai e com Seu Filho”* e a comunhão com os irmãos flui naturalmente desta união e comunhão com Ele.

4) Maria não veio para ser reavivada por Cristo.

E bem que este poderia ter sido um bom motivo. Após a monotonia dos afazeres domésticos ou comerciais, bem que poderia ter argumentado que precisava do repouso e da vivificação espiritual que somente Cristo poderia proporcionar-lhe, mas não foi este o motivo que a levou ao Senhor.

Certamente não há nada tão vivificante para o crente, cansado de sua luta com o mundo, a carne e o Diabo, como vir e sentir-se sossegadamente na presença do Senhor, para que os Seus cuidados sejam dissipados e a calma celestial penetre em sua alma. Mas o ato de Maria nos ensina que esta não é a melhor coisa da vida.

Ela não veio para vivificar-se **a si mesma**, mas para vivificar ou **refrescar ao Senhor** e encher Sua alma de gozo! Todos somos basicamente egoístas em nossa concepção das coisas. E pensamos muito no que nos dará prazer ou satisfação.

Através deste ato, Maria antecipou a cruz e os sofrimentos do Senhor e se encarregou de que nosso Senhor fosse refrescado na véspera de Sua obra redentora. Assim é que, nesta ocasião, ela fez para seu Senhor o que certa vez os homens de Davi tinham feito para este. Ante seu desejo expresso de beber da água do poço de Belém, três de seus valentes irromperam entre as hostes dos filisteus que os cercavam e cumpriram o desejo de seu rei e satisfizeram seu desejo (2º Samuel 23.15-17).

O maravilhoso ato de Maria seguramente nos ensina que a adoração não foi instituída para produzir uma **autossatisfação** no crente, mas para **produzir satisfação** ao Salvador.

5) Maria não veio para ter uma reunião com o dono da casa.

Nem mesmo com seus próprios familiares carnais. Não nos é dito quem era o dono da casa nesta ocasião, mas Maria não prestou muita atenção nele, pois seus olhos estavam fixos em Outro. Ela contemplou ao Senhor como o dono da casa e veio render-Lhe honra.

A cristandade, com sua casta especial de clérigos, tem eliminado em grande medida da mente do povo o fato de que, na Ceia do Senhor, Cristo é o anfitrião em Sua própria mesa e que todos os crentes reunidos são apenas hóspedes convidados por Ele. As Escrituras nada dizem de um clérigo celebrante sem cuja presença a Ceia do Senhor não pode ser realizada.

Muitas vezes se permite que o “ministro oficiante” se converta no “anfitrião” ou o centro de atração e as pessoas se ocupam mais com sua aparência, personalidade e eloquência do que com o Senhor mesmo. Deste modo, talvez inconscientemente, se permite ao homem usurpar o lugar que Cristo tem reservado para Si mesmo, como o Anfitrião de Sua própria Ceia.

É como o hino o expressa:

“O Anfitrião és Tu, bendito Senhor,
Teus honrados hóspedes somos nós;
Com corações agradecidos e devotos
Queremos recordar-Te.
Senhor Jesus, Te amamos sem ver-Te,
Enquanto meditamos em Ti.
A ninguém queremos ver, mas somente a Ti,
Tu, o Homem do Calvário!”

(Tradução literal)

Deus permita que cada um de nós dê ao Senhor o lugar que Lhe corresponde como o Anfitrião divino em Sua própria Ceia e não permitamos que homem algum, não importa qual seja sua personalidade, quão agradável seja sua liderança ou quão dotado seja o seu ministério, roube a Cristo o lugar de absoluta preeminência que Lhe corresponde.

6) Maria não veio a Cristo porque fosse atitude popular fazer isto.

Pelo contrário, foi no momento quando o ódio reprimido do mundo religioso e político estava a ponto de se manifestar sobre o Filho de Deus. Com a exceção de alguns discípulos, a maioria dos quais pertencia à classe baixa da sociedade, Ele foi *“desprezado e o mais rejeitado entre os homens”*.

O período de Sua popularidade tinha declinado e o dia da Sua traição e da sua crucificação estava próximo. Foi *“seis dias antes da Páscoa”*, quando o mundo iria manchar suas mãos com o sangue de Cristo, que Maria veio com seu presente de amor para derramá-lo nos pés do Salvador.

Através deste ato, ela proclamou, mais intensamente do que com suas palavras, seu sincero amor e sua devotada lealdade ao Ser que o mundo não queria reconhecer. E, deste modo, ela tomou seu lugar com Ele e compartilhou Sua rejeição.

O crente também deve estar preparado, em lealdade ao seu Senhor e à Sua Palavra, a desafiar o desprezo do mundo político e até a perseguição dos falsos sistemas religiosos ou organizações políticas a fim de adorar a Deus de maneira agradável a Ele. A senda do discipulado sincero nunca tem sido transitada pelas multidões, nem tem sido popular.

O cristão que trata de cumprir todos os princípios bíblicos de reunião achará bastante oposição, até por parte de alguns que alegam ser fundamentalistas a suas crenças doutrinárias. No entanto, se ele tem, como Maria, uma simples visão da glória de Cristo, considerará *“tudo como*

perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus”, seu Senhor (Filipenses 3.8).

Deverá estar disposto, como adorador, a experimentar algo do que Paulo chama “*a comunhão dos Seus sofrimentos*” (Filipenses 3.10), mas pode descansar na certeza de que, como Maria, sua fidelidade ao Senhor e à Sua Palavra não passarão despercebidas, nem ficarão em Sua recompensa “*naquele dia*” quando todos os Seus compareçam perante o Tribunal de Cristo (Romanos 14.10).

7) Maria não veio para ficar com o melhor que tinha, mas derramou tudo, livremente e alegremente, aos pés de seu Senhor.

Observemos várias coisas em relação a esta oferta que ela fez e que ilustram maravilhosamente a verdadeira adoração:

a) Sua oferta foi mui custosa (v. 3). A fim de consegui-la, ela tinha-se privado de muitas coisas que poderia ter comprado legitimamente para seu uso próprio. Como o trabalhador daquela época ganhava um denário por dia, sua oferta representava **o salário de um ano**. Assim, pois, a oferta que ela trouxe não era insignificante. O coração de Maria tinha sido conquistado inteiramente pelo Senhor ao ponto de ela não medir o custo para demonstrar sua estima por Ele.

O amor sempre se mede pelo sacrifício que efetua a favor de seu objeto. Nosso Senhor “*amou a Igreja e a Si mesmo Se entregou por ela*” (Efésios 5.25). Será que nós devemos fazer menos do que Ele fez? O tipo de adoração que não custa nada de tempo, de energia, de pensamentos e de dinheiro não é digno de tal nome.

Como Maria, cada crente deve estar preparado a pagar pelo privilégio de adorar, seja qual for o preço. Davi pôde dizer: “*Não darei sono aos meus olhos, nem repouso às minhas pálpebras, até que eu encontre lugar para o Senhor, morada para o Poderoso de Jacó*” (Salmo 132.4-5).

b) Sua oferta tinha sido reservada para este propósito especial (v. 7). Ela tinha entesourado em seu coração as palavras que saíam de Seus lábios enquanto se assentava aos Seus pés. Em consequência, sabia que Ele seria traído, crucificado, sepultado e que haveria de ressuscitar. Portanto, superava amplamente aos apóstolos em discernimento espiritual.

Aparentemente, eles nunca compreenderam realmente o significado pleno de Suas palavras, embora Ele tenha usado a linguagem bem clara para descrever os acontecimentos que se transformariam no “centro das eternidades que Te contemplam com os olhos extasiados para trás e para a frente” (leia-se Mateus 16.21; Marcos 10.32).

Assim é que Maria teve o grande privilégio de ser a única pessoa que ungiu o Senhor Jesus para a Sua sepultura; as outras mulheres chegaram tarde demais! (leia-se Marcos 16.1-6; Lucas 23.55-56). Maria de Betânia não precisou ir ao sepulcro porque sabia que Aquele cuja palavra tinha chamado Lázaro da morte para a vida tornaria a tomar a vida que tinha entregue para sua redenção (João 10.17-18).

Quão bom é quando os crentes vêm ao Senhor primeiramente como indivíduos com suas ofertas cheias do custoso perfume de nardo da apreciação por Ele e, depois, junto com seus santos irmãos, derramam o perfume de sua adoração em Sua presença! Tal oferenda não honra somente ao Filho, mas também deleita o coração do Pai.

c) Sua oferta foi trazida aos pés de Cristo (v.3). Aqueles pés que tinham percorrido as estradas poeirentas e escarpadas da Palestina, levando bênçãos sem conta aonde quer que fossem, eram certamente “*formosos*” para ela (Romanos 10.15). Ela bem sabia que estes pés logo O levariam voluntariamente ao Calvário para ser traspassado por suas transgressões e ferido por suas iniquidades. Também sabia que, como Messias, Ele tinha que ocupar um dia o trono e que, na glória da ressurreição, teria que reinar até que Deus pusesse a Seus inimigos por estrado de Seus pés (Salmo 110.1-2).

Sem dúvida, ela tinha tudo isso presente enquanto se aproximava dEle com sua preciosa oferta que agora derramava sem reservas e **completamente** a Seus pés. Ela não reteve nada para seu uso próprio, mas entregou tudo a Ele. Não houve reservas mentais ao entregar sua oferta. Ela não quis usar medidas incompletas para expressar sua devoção ao Senhor. Em contraste com Ananias e Safira que, para “aparecer”, “*retiveram o preço*”, ela entregou tudo a Cristo com satisfação e disposição (Atos 5.2).

Sem dúvida, o crente pode tirar proveito de seu nobre exemplo, o qual recebeu amplo louvor de Cristo. A adoração deve ser de todo coração para 10 o chamaram de “desperdício”, mas o louvor do Senhor fez mais do que recompensá-la pelas críticas adversas que ela recebeu.

Temos visto que as Escrituras consideram a adoração como um ato tanto individual quanto coletivo. É somente à medida que cada crente traga aos pés do Senhor sua oferta do perfume da apreciação e adoração que o conjunto de crentes reunidos será afetado por ela. A doce fragrância de tal adoração coletiva persistirá agradavelmente na memória dos presentes.

E mais: parte do seu perfume será carregado consigo para outros, que concluirão que tinham “*estado com Jesus*” (Atos 4.13). Foi quando os

presentes na congregação em uníssono, a um tempo, louvaram ao Senhor e renderam-Lhe graças que *“a Casa do Senhor se encheu de uma nuvem... porque a glória do Senhor encheu a Casa de Deus”* (2º Crônicas 5.13-14).

Estas três ilustrações das Escrituras certamente serão suficientes para compreendermos a verdade indicada no início desta seção, isto é, que **a adoração é dar a Deus.**

Enquanto continuamos meditando na definição de adoração, consideremos agora:

6. O SANTO PERFUME (Êxodo 30.34-38)

Este maravilhoso quadro de adoração nos é dado como parte da revelação de Deus a Moisés relacionada com o Tabernáculo, a respeito do qual Ele tinha dito: *“Me farão um santuário, para que Eu possa habitar no meio deles”* (Êxodo 25.8).

Foram dadas instruções minuciosas a respeito dos detalhes de seu mobiliário e observamos que Deus disse repetidamente a Moisés: *“Segundo tudo o que Eu te mostrar para modelo do tabernáculo e para modelo de todos os seus móveis, assim mesmo o fareis”* (Êxodo 25.9-40; 26.30; 27.8; comparar com Hebreus 8.5).

Três coisas nos impressionam enquanto lemos esta passagem relacionada com o santo perfume.

A) O uso exclusivo que ele tinha (vv. 37-38).

Era reservado para ser utilizado exclusivamente na adoração a Deus no santuário. Deus proibiu expressamente que fosse feito para outra finalidade. A dedução que tiramos daqui é que a adoração pertence somente a Deus e que Ele não compartilha com ninguém esta honra. Davi, *“o doce salmista de Israel”*, escreveu sob a inspiração do Espírito: *“Ele é o teu Senhor; inclina-te perante Ele”* (Salmo 45.11); *“exaltai ao Senhor, nosso Deus, e prostrai-vos ante o escabelo dos Seus pés, porque Ele é santo”* (Salmo 99.5); *“vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do Senhor, que nos criou”* (Salmo 95.6). Lembremos que a primeira exigência da lei era: *“Não terás outros deuses diante de Mim... porque Eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso”* (Êxodo 20.3-5).

Não existe substituto para a adoração espiritual. Ela constitui o direito, a propriedade e o privilégio exclusivo do próprio Deus e Ele não tolera rival. A idolatria é essencialmente o meio pelo qual o homem trata de tirar Deus de Seu lugar ou trata de relegá-LO a uma posição de

importância secundária. Qualquer coisa ou pessoa que o homem adore em seu coração, a não ser a Deus, é um ídolo.

Foi por causa da apostasia idólatra de Israel que Deus o pôs de lado como nação, permitindo que fossem feitos cativos e que fossem dispersados pelos quatro cantos da terra (leia-se 2º Reis 17.7-18; 2º Crônicas 36.14-17). Faremos bem em prestar a devida atenção às palavras divinas: *“Eu sou o Senhor, este é o Meu Nome; a Minha glória, pois, não a darei a outrem”* (Isaías 42.8). Só dEle se diz que *“santo e tremendo é o Seu nome”* (Salmo 111.9).

Sempre existe o perigo sutil de ocupar-nos mais com o visível do que com o invisível, com o temporal do que com o eterno, com a cerimônia formal e externa do que com a realidade interior e espiritual. Não pode haver, pois, substituto algum para a adoração espiritual, não importando quão enfeitado seja o ritual, ou suntuosas as vestimentas, ou quão formoso o templo, ou bem expressas as orações, ou quão ordenadamente seja dirigido o trabalho.

Não há dúvida de que tudo isto apela aos sentidos e agrada à carne porque o homem é religioso por natureza, mas, se não for espiritual, não pode agradar a Deus.

B) Os ingredientes que o formavam (vv. 34-36).

Quatro ingredientes, misturados em proporções iguais, compunham o perfume e cada parte era necessária ao formar o todo. Estes ingredientes eram estoraque, ônica, gálbano e incenso puro. Cada um destes quatro elementos tinha um significado típico, que, por enquanto, não consideraremos. Pensemos neles como quatro elementos que, quando presentes no coração do crente quando está na presença de Deus, fazem com que o perfume da adoração suba ao Pai e ao Filho.

a) O primeiro ingrediente é a recordação. É bom que o crente use sua memória para lembrar-se do que era por natureza e o que é agora, mediante a incomparável graça de Deus. As palavras de Paulo aos santos em Éfeso são apropriadas para isto: *“Portanto, lembrai-vos de que, outrora, vós, gentios na carne,... mas, agora, em Cristo Jesus,... fostes aproximados pelo sangue de Cristo”* (Efésios 2.11-13).

Que cada cristão traga à sua memória seu negro passado, quando vivia sem Deus, sem Cristo, sem vida e sem esperança. E que, a seguir, contraste tudo isto com sua atual aceitação no Amado, junto com todas as bênçãos espirituais que agora são sua possessão presente e eterna. Certamente o resultado de tal recordação fará que seu coração se eleve em adoração Àquele que tornou isto tão real em sua experiência.

Sua memória também deveria centrar-se na Pessoa e na obra do próprio Senhor Jesus. O propósito da Ceia do Senhor, como Ele mesmo disse, é: *“Fazei isto em memória de **Mim**”*. Diante disso, a adoração será uma característica essencial de tal reunião, porque a **adoração é avivada sobre o fogo da recordação**. É como o expressou Davi: *“Enquanto eu meditava, ateou-se o fogo; então, eu disse com a própria língua”* (Salmo 39.3). É esta lembrança que nos permite recordar a história de Sua vida imaculada, como está registrada nas Sagradas Escrituras.

O cristão deveria concentrar-se nas palavras maravilhosas de Cristo, Seus maravilhosos feitos, Seu caráter santo e perfeito, Sua absoluta obediência à vontade do Pai, Sua graça infinita em ir até a cruz, Sua obra de redenção consumada através de Seu sacrifício, Sua ressurreição vitoriosa, Sua ascensão gloriosa e Seu ministério atual como o Grande Sumo Sacerdote de Seu povo. À medida que o coração crente assim o fizer, haverá de acender-se e sua adoração subirá a Deus como um perfume fragrante.

b) O segundo ingrediente é a gratidão. À medida que a memória recorda tudo o que Deus é e tem feito, o coração responde tal qual as cordas da harpa soam em canção sob as destros mãos de um músico experto. Já temos dito que a gratidão do crente deleita o coração do Pai. Sócrates, o grande filósofo grego, declarou que a gratidão era a maior de todas as virtudes e que a ingratidão era o mais vil de todos os vícios.

Um estudo dos grandes hinos de adoração revela quão significativo é o papel que a gratidão tem em sua composição. Ana Burlingam o expressa maravilhosamente do seguinte modo:

“O saber que Ele nos ama
Tem feito meu cálice transbordar;
Ó Jesus, Teu Nome,
Comove nosso espírito
Hoje e para sempre”.

(tradução literal)

Os hinos “Ter Stegen” estão entre os mais belos que temos. Um deles, por Ernest C. Homburg, escrito há 300 anos, tem a fragrância da gratidão:

“Ó Senhor, de coração Te agradeço
Por tudo que sofreste em meu lugar,
Com Tua agonia, morrendo sem consolo,
Sozinho, na escuridão do juízo.

Que eu, na glória dos céus,
Possa para sempre estar.
Mil, um milhar de graças
Te trago, bendito Salvador!”

(tradução literal)

c) O terceiro ingrediente é a reverência. Esta surge quando a alma compreende, pelo menos em alguma medida, a majestade do Seu caráter divino e a glória de Seus atributos únicos, tal como estão manifestos em Sua onisciência, onipotência, onipresença e imutabilidade.

Estamos vivendo em uma era caracterizada em grande medida pelo cinismo, a falta de respeito e a leviandade em relação às coisas divinas. A tendência moderna consiste em humanizar a Divindade e deificar a humanidade e isto não tem contribuído positivamente para o conceito humano de Deus.

É suficiente ler as Escrituras para descobrir que sempre que uma pessoa tem sido trazida conscientemente à presença de Deus tem sido enchida de um santo temor, se tem humilhado ao pó e tem sentido uma profunda reverência por Deus.

Moisés, o grande líder de Israel, aprendeu diversas vezes esta lição. Na primeira revelação de Deus a Moisés na sarça ardente, a voz do Senhor disse: *“Tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa”* (Êxodo 3.5). Na revelação de Deus a ele no monte, em resposta a seu pedido de ver a Sua glória, Deus lhe deu uma visão de Si mesmo. Em consequência de tal espetáculo, lemos: *“Imediatamente, curvando-se Moisés para a terra, O adorou”* (Êxodo 34.8).

Isaias, cujo magnífico conceito da Divindade tem comovido os corações do povo de Deus durante vinte e cinco séculos, teve que enfrentar este requisito essencial. No capítulo seis de sua profecia, ele descreve a visão que teve da glória de Deus e que revolucionou por completo sua vida. Esta visão não só lhe fez compreender sua insignificância, impureza e insuficiência, mas também gravou indelevelmente nele a grandeza, santidade e poder de Deus.

Daniel nos diz que, quando ele teve a visão majestosa de Deus, *“não restou força em mim; o meu rosto mudou de cor e se desfigurou, e não retive força alguma”* (Daniel 10.5-11).

Poderíamos acrescentar outros nomes a esta lista, mas os que temos mencionado são suficientes para indicar quão necessário se faz que a reverência piedosa acompanhe todo o nosso relacionamento com as coisas divinas. Esta reverência sempre deve estar presente se nossa adoração tem de ser aceitável Àquele descrito como *“o Alto e Sublime e que habita na*

eternidade” e que declarou: *“Tema ao Senhor toda a terra, temam-nO todos os habitantes do mundo”* (Salmo 33.8).

A familiaridade com Deus nunca pode produzir desdém porque aqueles que melhor a conhecem mais O amam e mais O temem. Quanto mais uma pessoa tem sua alma impressionada por Deus tanto mais esta pessoa se enche de um santo temor enquanto está na presença dAquele perante Quem *“todas as cousas estão descobertas e patentes”* (Hebreus 4.13).

É desnecessário afirmar que a humildade de mente, a sobriedade na maneira de ser e a sinceridade de espírito são essenciais na presença do Ser que disse: *“Reverenciareis o Meu santuário. Eu sou o Senhor”* (Levítico 19.30).

d) O quarto ingrediente é a admiração. Já temos dito que a adoração contém, como um de seus elementos básicos, a admiração. Quem deixa de admirar, deixa de adorar.

O hinólogo se expressou assim:

“Fico todo admirado na presença
De Jesus, o Nazareno,
E me pergunto como pôde amar-me,
Um pecador imundo e condenado!
Que maravilha! Que maravilha!

Minha canção sempre será
Quão maravilhoso, quão maravilhoso
É o amor de meu Salvador por mim!”

(tradução literal)

Um dos muitos títulos da Divindade é “Maravilhoso”. Tudo quanto se relaciona com o Onipotente é revestido de Seu caráter. Enquanto o crente medita na maravilha de Sua Pessoa, Sua criação, Sua Palavra, Seu Filho, Seu amor, Sua salvação e a bênção de cada cristão, sente-se levado a exclamar:

“Que Tu amasses um miserável como eu
E fosses o Deus que tu és
É incompreensível para meu intelecto,
Mas brilha qual sol em meu coração!”

(tradução literal)

C) Sua finalidade (v. 37).

Era para o deleite de Deus e para a Sua glória. Estes ingredientes, misturados em partes iguais, combinavam-se para produzir um perfume que subia a Deus numa fragrância que Lhe dava prazer.

Da mesma maneira, quando um crente permanece na presença de Deus com uma medida igual de recordação, gratidão, reverência e admiração bem misturados em seu coração, certamente se elevará do incensário de sua alma um perfume de adoração humilde, reverente, sincera e gloriosa a seu Deus e Pai e ao Senhor Jesus Cristo.

Esta adoração deleitará o coração de Deus porque satisfaz Seu desejo de receber adoração de Seu povo. O Filho expressou isto com estas palavras: *“Vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para Seus adoradores”* (João 4.23).

Nossa última consideração sobre o significado da adoração será:

7. O SIGNIFICADO BÁSICO OU RAIZ DA PALAVRA NO ANTIGO TESTAMENTO

Aqueles que têm capacidade de julgar têm afirmado que o significado básico ou raiz da palavra hebraica traduzida “adoração” transmite o pensamento de “um cachorro a seu mestre”.

Indo da cidade de Nova Iorque ao povoado de Hartsdale, encontramos à esquerda um cemitério de animais. Talvez seja o mais enfeitado do mundo todo. Sob monumentos de mármore, alguns dos quais custam milhares de dólares, jazem restos de animais domésticos e alguns pássaros.

Em muitos deles há inscrições sentimentais, como “O único bebê da mamãe”. Outros são grotescos, como um a respeito de um cachorro: “Ele não pode vir a nós, mas nós podemos ir a ele”. Mas há um que se destaca entre todos. É de um cachorro cujo dono fez escrever: “À memória de Bruce, servo devotado, fiel amigo, grande admirador e ardente adorador de seu amor”. A seguir, vem o nome do dono do animal.

Esta descrição não é a de um cachorro? O cachorro tem sido chamado de “o melhor amigo do homem”. Um cínico declarou: “Quanto mais conheço os homens, mais aprecio os cachorros”.

Usemos uma ilustração para esclarecer este ponto. Suponhamos que um homem, bem agasalhado, se atreve a sair à rua numa noite fria e com muito vento. Está tudo congelado e as ruas estão praticamente desertas. De repente, descobre um pobre cachorro abandonado, morto de frio e de

fome, protegendo-se do implacável vento por trás de um poste. Alguns rapazes cruéis amarraram uma lata em seu rabo e o maltrataram, estando agora quase nas últimas. O cachorro não poderá sobreviver numa noite como esta na rua.

O homem observa o cachorro e se comove. Que quadro triste ele apresenta: fraco, miserável, assustado, sem lar, faminto! Cedendo a um impulso, o homem se inclina, estica sua mão e chama o cachorro. E o faz com receio, pois o cachorro tem suas boas razões para desconfiar dos homens, mas se aproxima lentamente até que, por fim, está sob sua mão. O homem o acaricia na cabeça e lhe diz palavras amáveis. A seguir, desamarra a lata de seu rabo, o levanta, abre seu agasalho, o cobre com ele e o leva para seu lar.

Quando entra na casa, diz à sua esposa: “Encontrei na rua um pobre cachorro faminto que, se não encontrar hoje um lar, vai morrer hoje mesmo. Por favor, faça um ninho para ele num canto da cozinha e cuidaremos dele nem que seja esta noite”. O animal recebe um pouco de leite quente e os restos da janta daquele dia. Pela primeira vez em muito tempo, o cachorro abana seu rabo em sinal de gratidão por esta bondade pouco usual.

Na manhã seguinte, o cachorro cumprimenta seus benfeitores com uma nova abanada de rabo e eles decidem dar-lhe um lar permanente. Passa-se um mês e... que mudança maravilhosa houve no cachorro! Graças à boa comida e ao cuidado adequado, o animal de formosa aparência de hoje mal pode ser reconhecido como sendo aquele cachorro faminto e maltratado de quatro semanas atrás.

Uma tarde, enquanto o dono da casa está sentado em sua poltrona, com seu braço estendido sobre o braço da poltrona e com sua mão pendente, sente algo quente e molhado sobre sua mão. Olhando para baixo, vê o cachorro olhando-o com olhos adoradores e lambendo a mão daquele a quem deve tudo.

O cachorro não entrou na sala para pedir um osso e nem para ser acariciado. Não quer nada de seu amo a não ser o privilégio de sentar-se a seu lado de modo que possa contemplá-lo extasiado, com olhos adoradores, e gozar de vez em quando do privilégio de lambe a mão daquele a quem ama mais do que a todos os outros. Isto é adoração.

Apliquemos agora isto ao crente, um pecador perdido culpado e incapacitado, que só merecia a condenação de um Deus santo. Agora, porém, mediante a graça do Senhor Jesus Cristo e pela sua fé no Seu sacrifício substitutivo e na Sua ressurreição gloriosa, tendo-O aceitado

como seu Salvador e Senhor, tem sido redimido, salvo e trazido para uma posição de aceitação, provisão e segurança.

Certamente não será demais que o Senhor espere que Seu povo, salvo por um custo tão elevado, queira, como aquele cachorro, vir à Sua presença para ocupar-se tão somente dAquele a quem “ama sem tê-IO visto”.

Deus permita que todos nós saibamos, por experiência própria, algo do verdadeiro significado e natureza da adoração e cumpramos assim Seu propósito em nossa salvação.

As palavras de C. A. Wellesley são apropriadas para finalizar esta parte de nosso estudo:

“Ocupado contigo, Senhor Jesus,
Teus caminhos e pensamentos,
Voltados para mim,
Traçam histórias profundas
De Tua graça.
Ocupado contigo, Senhor Jesus,
Gozo e satisfação quero encontrar
Somente em Ti.
Tu és o mais próximo e o mais querido
Para mim”.

(tradução literal)

.oOo.

II - A IMPORTÂNCIA DA ADORAÇÃO

Tendo tratado de maneira bastante extensa do significado da adoração, consideremos agora sua importância, tal como se observa tanto no Antigo quanto em o Novo Testamentos.

Já que a adoração é a ocupação mais sublime do cristão, logicamente se conclui que deve ser de suma importância. Precisamos consultar as Escrituras e veremos um séxtuplo testemunho da realidade de sua importância.

1. Foi o primeiro mandamento da lei (Êxodo 20.1-2)

A Lei é a revelação das justas demandas de um Deus de infinita santidade. A justiça divina tem sido bem definida como “a consistência de Deus com Seu próprio caráter”. Já que Deus é infinitamente santo, Suas demandas devem ser consistentes consigo mesmo. Esta lei consiste em dez mandamentos; eles compõem a Lei, e não são dez leis como alguns equivocadamente pensam. A leitura destes mandamentos revelará imediatamente a importância da adoração.

Esta, como já temos observado, dá a Deus o lugar de preeminência absoluta. Aqui Deus diz: *“Não terás outros deuses diante de Mim”* (v. 3). Deus não exige somente o primeiro lugar, mas continua mostrando Sua intolerância de tudo quanto Lhe roube esta posição. Mais adiante, neste mesmo livro, Ele diz: *“Não adorarás outro deus; pois o nome do Senhor é Zeloso; sim, Deus zeloso é Ele”* (Êxodo 34.14).

Muitas coisas surgirão na vida de um crente tentando afastar seu coração de Deus como o supremo alvo de seus afetos. O Espírito cita o exemplo de um Israel apóstata como uma advertência contra este perigo (leia 1ª Coríntios 10.1-12). É terrível quando o ego, em suas múltiplas e variadas formas, sobe ao trono do coração e toma o lugar de Deus na vida do crente, de tal maneira que pouca ou nenhuma adoração suba a Ele.

Entre os muitos ídolos que têm conseguido afastar de Deus o coração do cristão estão os negócios, as riquezas, o lar, a família, as possessões, os talentos, a popularidade, o poder e o prazer. Mais adiante consideraremos alguns destes fatores com mais detalhes. As palavras finais da primeira epístola de João deveriam ser consideradas seriamente por todo cristão: *“Filhinhos, guardai-vos dos ídolos”* (1ª João 5.21).

2. Percebemos sua importância na preeminência que recebe nas reuniões do povo de Deus, nas diversas festas que Ele instituiu (Levítico 23)

Deus mandou que Seu povo se reunisse em assembleia periodicamente. Fez isto a fim de conceder-lhe a dupla oportunidade de reconhecê-lo como o Doador de todo dom bom e perfeito e de adorar perante Ele. Em Deuteronômio 12.5-7 indica-se tanto o lugar como o propósito de tais festas: *“Buscareis o lugar que o Senhor, vosso Deus, escolher de todas as vossas tribos, para ali pôr o Seu Nome e Sua habitação; e para lá ireis. A esse lugar fareis chegar os vossos holocaustos, e os vossos sacrifícios, e os vossos dízimos, e a oferta das vossas mãos, e as ofertas votivas, e as ofertas voluntárias, e os primogênitos das vossas vacas e das vossas ovelhas. Lá, comereis perante o Senhor, vosso Deus, e vos alegrareis em tudo o que fizerdes, vós e as vossas casas, no que vos tiver abençoado o Senhor, vosso Deus”*.

O primeiro lugar que Deus escolheu foi Silo e, depois, Jerusalém; o propósito pelo qual estas reuniões foram instituídas continuou sendo o mesmo. Resumidamente, o propósito era adorar a Jeová e regozijar-se

perante Ele. Isto observa-se nos primeiros versículos de 1º Samuel. Este livro começa com a descrição de um homem chamado Elcana, de quem se diz: “Este homem subia da sua cidade de ano em ano a adorar e a sacrificar ao Senhor dos Exércitos, em Silo” (1º Samuel 1.3).

Estas festas de Jeová eram sete e estão repletas de abundante significado espiritual, como certamente o têm todos os tipos. Os nomes destas festas são: da Páscoa, dos Pães Asmos, das Primícias, de Pentecostes, das Trombetas, da Expição e dos Tabernáculos.

Quando chegamos ao Novo Testamento, descobrimos que o Senhor Jesus fez uma provisão semelhante para o Seu povo redimido ao instituir a Ceia do Senhor. O propósito desta ordenança está claramente indicado nas palavras do Senhor: *“Fazei isto em memória de Mim”* (1ª Coríntios 11.23-26). Nesta festa semanal de recordação, a adoração é a característica predominante, como acabamos de ver. De Atos 20.7 deduz-se que era costume da igreja primitiva reunir-se cada dia do Senhor para partir o pão em memória dEle e expressar deste modo, todos juntos, sua unidade em Cristo e sua comunhão nos laços do amor cristão.

Além da Ceia do Senhor, são mencionadas outras reuniões no livro de Atos. Nos é dito que os santos se reuniam para adoração, para o ministério da Palavra e para um testemunho unido do Evangelho (Atos 12.12; 11.22-26; 2.6-12). As bem conhecidas palavras de Cristo certamente são apropriadas neste sentido: *“Onde estiverem dois ou três reunidos em Meu Nome, ali estou no meio deles”* (Mateus 18.20). Todo crente deveria estar presente em tais reuniões, não deixando de *“congregar-nos, como é costume de alguns... e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima”* (Hebreus 10.25).

3. O simbolismo do Antigo Testamento dá à adoração um lugar proeminente

Griffith Thomas certa vez chamou a atenção para o fato que o Antigo Testamento se caracterizava por três coisas. Em primeiro lugar, era um livro de profecias não cumpridas, de cerimônias não explicadas e de anseios não satisfeitos.

Quando chegamos ao Novo Testamento, estas profecias não cumpridas, que nos falam do Messias esperado, são meticolosa e maravilhosamente cumpridas em Cristo. As cerimônias não explicadas resultam tão claras como o cristal e brilham com um significado espiritual à luz da Pessoa e da Obra de Cristo.

Os anseios insatisfeitos do coração encontram sua plena satisfação nAquele que disse: *“Tomai sobre vós o Meu jugo e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas”* (Mateus 11.29).

Duas Escrituras são suficientes para indicar o valor destes símbolos e sombras do Antigo Testamento. Com respeito aos incidentes da história de Israel, lemos: *“Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado”* (1ª Coríntios 10.11).

A outra declara: *“Tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança”* (Romanos 15.4).

A epístola aos Hebreus é particularmente rica em ensino simbólico. Ao meditar neste simbolismo do Antigo Testamento, é colocada uma ênfase suprema na adoração. Vamos considerar cinco casos:

1) Na descrição do Tabernáculo (Êxodo 25.10-40).

O propósito de sua instalação não nos é ocultado. Deus disse: *“Me farão um santuário, para que Eu possa habitar no meio deles”* (Êxodo 25.8) Deus deu o modelo ou a planta para a construção deste Tabernáculo a Moisés, no monte santo onde ele esteve escondido com a Divindade durante quarenta dias.

O primeiro móvel que Deus descreve é a arca da aliança, sob o propiciatório. Por que é descrito este objeto especial em primeiro lugar? A resposta é óbvia. Foi acerca desta arca da aliança, coberta pelo propiciatório, que Deus disse: *“Ali, virei a ti e, de cima do propiciatório,... falarei contigo”* (Êxodo 25.22).

Deste modo, a arca e o propiciatório constituíam **o lugar de adoração**, onde Deus e o homem podiam reunir-se e gozar da doce comunhão de Um com o outro.

A seguir, temos a descrição dos outros móveis do Tabernáculo na seguinte ordem: A mesa para os pães da proposição, o candeeiro, o altar de bronze, o altar de incenso e a bacia de bronze. É importante observar que **esta ordem é bem diferente da ordem de nossa compreensão espiritual** das verdades simbolizadas por estes objetos.

Começamos, como pecadores, perante o altar de metal. É ali onde aprendemos a verdade do sacrifício substitutivo do Cordeiro de Deus. A partir dali, começamos a aprender o valor dos outros objetos até que, finalmente, chegamos a compreender o significado espiritual do propiciatório e de nossa mais sublime ocupação: a adoração a Deus.

Não deixa de ser profundamente significativo que são usados sete capítulos, com 243 versículos, para a descrição do Tabernáculo, cujo propósito primordial era a adoração ao Senhor. No relato da Criação dos céus e da terra temos um único capítulo, com apenas 31 versículos.

2) Na ordem do acampamento de Israel (Números 1.52-53; 2.1-2).

Nos é dito que *“Deus não é de confusão e sim de ordem”* (1ª Coríntios 14.33,40 – Versão inglesa). Este fato ressalta mui claramente as instruções de Deus com respeito ao lugar onde se localizaria cada uma das doze tribos em relação ao Tabernáculo.

O centro do acampamento era ocupado pelo Tabernáculo que, logicamente, nos fala simbolicamente de Cristo no meio de Seu povo.

Aqueles que acampavam mais perto do Tabernáculo eram os **sacerdotes**, os filhos de Arão, cuja responsabilidade era officiar na **adoração** da nação.

Um pouco mais longe ficariam os **levitas**, cujas tarefas se relacionavam com o **serviço** do Tabernáculo. Ainda mais longe e formando um círculo ao redor do Tabernáculo, estavam as demais tribos, que constituíam os **guerreiros** de Israel. Desta maneira, a ordem de precedência é dada por autoridade divina. Primeiro os **adoradores**; depois, os **trabalhadores**; e, finalmente, os **guerreiros**.

3) Na tríplice divisão de Israel.

Já temos observado esta divisão: os sacerdotes, os levitas e as tribos. É instrutivo considerarmos **as idades** em que estes homens iniciavam suas tarefas. Os sacerdotes deviam ter uma idade de **trinta** anos antes de serem considerados competentes para comprometer-se com a adoração do Senhor (Números 4.3).

Os levitas deviam ter **vinte e cinco** anos de idade antes que pudessem ocupar-se com suas tarefas relacionadas com o serviço do Tabernáculo (Números 8.24). Os guerreiros das tribos podiam fazer parte do exército com a idade de **vinte** anos (Números 1.3).

Observamos que a adoração está relacionada com a maturidade espiritual. A **guerra** é característica da juventude e da falta de maturidade; o **trabalho** indica um pouco mais de vida; enquanto que a **adoração** vem depois.

A adoração requer, portanto, um maior conhecimento espiritual, um discernimento mais profundo e uma experiência mais rica que o trabalho ou a guerra, embora estas duas sejam também necessárias na vida cristã.

4) Na descrição das cinco principais oferendas (Levítico 1-7).

Estas ofertas, que se combinam para apresentar simbolicamente o sacrificio de Cristo, são apresentadas numa certa ordem. Semelhantemente ao caso do mobiliário do Tabernáculo, elas não são apresentadas na ordem em que **nós** compreendemos espiritualmente seu significado espiritual, mas aparecem na ordem da apreciação **divina**.

Estas ofertas combinam-se para apresentar a virtude e o valor da Pessoa de Cristo e de Sua obra sacrificial em cinco aspectos diferentes.

Observemo-los cuidadosamente:

a) O holocausto ou, literalmente, “a oferta que sobe” (Levítico 1). Esta oferta de “*cheiro agradável*” era consumida totalmente pelo fogo do altar. Na realidade, esta oferta dá o nome ao altar de metal, porque é chamado de “*o altar do holocausto*” (Êxodo 30.28; 40.10).

A totalidade desta oferta era exclusivamente para os olhos, a estima e o prazer de Deus. Quão eloquentemente isto nos representa a dedicação perfeita que Cristo fez de Si mesmo a Seu Pai para Sua suprema delícia e aceitação.

Desde o presépio de Belém até a cruz do Calvário, o caminho de nosso Senhor sobre a terra foi marcado por Sua submissão voluntária à vontade

do Seu Pai, Sua obediência absoluta à palavra de Seu Pai e o cumprimento perfeito das demandas justas de Seu Pai.

Toda a Sua vida está resumida nestas palavras: *“Agrada-Me fazer a Tua vontade, ó Deus Meu; dentro do Meu coração, está a Tua lei”* (Salmo 40.8; Hebreus 10.7-9). Assim, o sacrifício de Cristo era, em primeiro lugar, para Deus.

Assim como o holocausto era totalmente dedicado a Deus, a adoração também é. Sobe do coração do crente, assim como o holocausto subia do altar, para trazer prazer somente a Deus. Desta maneira, o holocausto, que nos fala da adoração, está em primeiro lugar na menção da preferência divina.

A seguir, temos a descrição das outras quatro ofertas.

b) A oferta queimada ou **oferta de manjares** (Levítico 2). Esta nos fala da oferta que Cristo fez de Si mesmo a Deus a favor do homem. Consistia em farinha pura (flor de farinha), sobre a qual era derramado azeite, colocando-se depois incenso sobre ela. Esta oferta era oferecida sobre o altar como cheiro agradável ao Senhor. Ela tipifica a Cristo como o Pão de Deus, em Quem o Pai teve completa satisfação.

c) A oferta pacífica (Levítico 3). Esta indica aquele aspecto do sacrifício de Cristo mediante o qual foi conseguida nossa paz com Deus e foi feita a nossa comunhão com Ele, porque tanto Deus quanto o homem compartilhavam desta oferta.

Foi assim que se providenciou uma mesa na qual podiam assentar-se Deus e o homem, e cada um gozar de sua porção da oferta. Nela vemos tanto a Deus como ao homem encontrando sua satisfação na Pessoa e na Obra de Cristo.

d) A oferta pelo pecado (Levítico 4). Esta ilustra a tremenda verdade que Cristo morreu por causa do que **somos** por natureza: pecadores. Mediante Seu sacrifício, o **pecado** do crente tem sido condenado e tirado de diante dos olhos de Deus.

Este é o princípio fundamental do qual surgem os **pecados** como fruto (Hebreus 9.27; Romanos 8.3; 2ª Coríntios 5.21).

e) A oferta expiatória (Levítico 5). Esta representa a obra de Cristo com relação a nossos pecados, as coisas más que temos feito, tanto em pensamento, como em palavras, ações e atitudes.

Estes pecados foram levados sobre Seu próprio corpo e a pena foi paga com Seu precioso sangue (1ª Pedro 2.24; Isaías 53.5-6).

É bom que o crente compreenda que o sacrifício de Cristo foi de tal importância que requereu cada uma destas cinco ofertas a fim de tratar de todas suas implicações.

Na ordem de nosso **discernimento espiritual** e apreciação destas ofertas, pensamos primeiro em nós mesmos, em nosso pecado e em nossa necessidade, de modo que nos aproximamos de Deus por meio da **oferta expiatória**.

Mais adiante, vemos que Cristo morreu não só para tirar nossos pecados, mas também para tirar o **pecado** e que não morreu somente pelo que nós **fizemos**, mas também pelo que nós **éramos**. Desta maneira, aprendemos a dar valor à **oferta pelo pecado**.

Mais adiante ainda, compreendemos algo do que significa ter comunhão com Deus graças à paz que Cristo nos conseguiu e começamos a apreciar a **oferta pacífica**.

Depois compreendemos a perfeição da vida de Cristo sobre a terra e de Seu serviço a Deus a nosso favor e damos valor à **oferta queimada**.

Depois de tudo isto, à medida que estudamos a Palavra, surge para nós o maior aspecto de Seu sacrifício e chegamos a ter uma estima mais completa do aspecto divino do sacrifício de Cristo e vemos como Ele deleitou perfeitamente o coração do Pai e trouxe glória ao Seu Nome. Então penetramos na verdade do **holocausto**.

5) Na visão de Isaías (Isaías 6.1-3).

O chamado e a comissão deste homem de Deus foram precedidos por uma visão que ilustra ainda mais a importância da adoração. Em sua visão, ele viu ao Senhor *“sentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de Suas vestes enchiam o templo”*. Por cima do trono havia serafins; cada um tinha seis asas. Nos é dito o porquê das seis asas: *“com duas cobria o rosto, com duas cobria os pés e com duas voava”*.

Enquanto eles atendiam ao Senhor sobre Seu trono, *“clamavam uns aos outros, dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da Sua glória”*.

Deste modo, os seres angelicais, que estavam na presença do Deus do Universo, utilizavam **quatro** de suas asas para indicar sua atitude de reverência e de adoração e unicamente **duas** para efetuar seu serviço.

Estes cinco casos, escolhidos entre muitos outros das Escrituras, certamente servem para destacar a importância suprema da adoração, conforme a apreciação que Deus tem dela.

4. Moisés aprendeu a importância da adoração **(Êxodo 33.11; 34.9)**

Moisés, o grande líder de Israel, teve muitas e diversas experiências no relacionamento de Deus com ele, mas é duvidoso que alguma delas possa comparar-se à descrita em Êxodo 33 e 34. Consideremo-la por um momento e aprendamos, em medida ainda maior, a importância da adoração.

1) Moisés tinha sido escolhido por Deus.

É perfeitamente certo que Moisés escolheu a Deus voluntariamente, pois as Escrituras afirmam claramente: *“Pela fé, Moisés, quando já homem feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir os prazeres transitórios do pecado”* (Hebreus 11.24-25).

No entanto, esta eleição de Moisés deveu-se à eleição primária que Deus fez dele, assim como no caso de todo crente. Lemos que temos sido escolhidos em Cristo “*antes da fundação do mundo*” (Efésios 1.4).

O movimento de uma alma em direção a Deus é tão somente o efeito do movimento de Deus em direção a esta alma. Daqui aprendemos que o adorador é um que tem sido eleito e chamado por Deus.

Isaac Watts expressou isto maravilhosamente em um hino:

“Por que ouvi Tua voz
E entrar enquanto há lugar
Quando milhares fazem uma escolha infeliz
E preferem morrer de fome a vir?
Foi o mesmo amor que preparou a festa,
Que docemente me fez entrar,
Se não fosse assim, eu recusaria entrar
E morreria em meu pecado”.

(tradução literal)

2) Moisés tinha sido redimido por Deus.

Ele tinha experimentado a libertação da Páscoa juntamente com todos os que tinham aproveitado esta provisão divina para sua salvação e segurança. Deus lhe tinha dito que anunciasse ao povo de Israel: “*O sangue vos será por sinal... quando Eu vir o sangue, passarei por vós*” (Êxodo 12.13).

Foi assim que ele aprendeu o valor do **sangue** do cordeiro derramado para garantir-lhe **segurança** e o valor da **palavra** dita pelo Senhor para dar **certeza** a todos os que soubessem aproveitar a provisão de Deus para a salvação.

3) Moisés teve o privilégio de uma extraordinária intimidade e comunhão com Deus.

Nos é dito que “*falava o Senhor a Moisés face a face, como qualquer fala a seu amigo*” (Êxodo 33.11). Foi esta santa intimidade com Deus que distinguiu Moisés de todos os seus contemporâneos. Em sua morte, teve a honra de ser o único a ter Deus por enterrador e principal lamentador.

Na realidade, Deus não somente sepultou Moisés, mas sepultou também seu túmulo e o cemitério, porque “*ninguém sabe, até hoje, o lugar de sua sepultura*” (Deuteronômio 34.5-6). Sobre aquela sepultura solitária e desconhecida no cume do Monte Nebo, Deus escreveu este epitáfio: “*Nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, com quem o Senhor houvesse tratado face a face*” (Deuteronômio 34.10).

Que santa intimidade está implícita nestas palavras! Moisés foi um homem que desfrutou do sagrado privilégio da comunhão com Deus, sem nada que atrapalhasse esta comunhão.

A comunhão é uma daquelas palavras impossíveis de definir, mas que, graças a Deus, cada crente pode experimentar. Feliz é a pessoa que goza de tal intimidade com Deus e sobre cujo sepulcro se possa escrever: “Aqui jaz o corpo de uma pessoa com a qual Deus teve comunhão face a face, como qualquer fala com seu amigo”.

4) Moisés aspirava a uma revelação mais completa de Deus, que resultaria numa maior apreciação por parte dele da Divindade.

A consequência da comunhão com Deus é um desejo cada vez maior de ter maior comunhão e uma maior capacidade para Ele. Para Paulo, esta foi a suprema paixão de sua vida. Ele o expressou desta maneira: *“Para o conhecer, e o poder da Sua ressurreição, e a comunhão dos Seus sofrimentos, conformando-me com Ele na Sua morte; para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos”* (Filipenses 3.10-11). Note-se o duplo pedido de Moisés para ter este maior conhecimento de Deus:

a) Ele desejava conhecer o caminho de Deus. *“Rogo-Te que me faças saber neste momento o Teu caminho, para que eu Te conheça”* (Êxodo 33.13). Por “caminho” de Deus entenda-se a revelação dos planos de Deus tais como são evidenciados por Seus tratos com os homens.

Davi orou: *“Deus... faça resplandecer sobre nós o rosto,... para que se conheça na terra o Teu caminho e, em todas as nações, a Tua salvação”* (Salmo 67.1-2). Davi, pelo Espírito, exclamou: *“O Teu caminho, ó Deus, é de santidade. Que deus é tão grande como o nosso Deus?”* (Salmo 77.13). É aqui onde se revelam Sua santidade infinita, Sua sabedoria inescrutável e Seu poder ilimitado.

Através do “caminho” de Deus podemos perceber a Divindade em ação. Paulo falou dos caminhos de Deus e exclamou: *“Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os Teus juízos, e quão inescrutáveis, os Seus caminhos!”* (Romanos 11.33).

No entanto, a plena revelação do “caminho” de Deus aguardava a vinda do Filho de Deus encarnado, Aquele que, com tanta simplicidade, disse: *“Eu sou o caminho”* (João 14.6). Dizendo isto, Ele queria dizer: “Vocês querem ver as ações da Divindade, a revelação do caráter de Deus como se vê em Sua santidade, sabedoria, amor e poder? Então olhem para Mim. Eu sou a Divindade em ação. Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por Mim!”

A resposta de Deus ao audaz pedido de Moisés foi a graciosa promessa: “*A Minha presença irá contigo e te darei descanso*” (Êxodo 33.14). Em outras palavras, Deus mesmo seria o caminho e Sua presença com Moisés lhe daria uma perfeita confiança e um repouso absoluto no que dizia respeito a seu relacionamento com Deus. Desta maneira, a confiança de Moisés estaria baseada na presença assegurada de Deus em todas as circunstâncias da vida e em todas as experiências da viagem que lhe restava.

b) Ele quis ver a glória de Deus (Êxodo 33.18). Num pedido atrevido, Moisés pede ao Deus do Universo que lhe mostre a Sua glória! Talvez a melhor definição de glória seja “excelência demonstrada”. Representa aquelas prerrogativas e excelências únicas que só podem ser mostradas por Deus. “*Eu sou o Senhor, este é o Meu Nome; a Minha glória, pois, não a darei a outrem*” (Isaías 42.8). Moisés realmente disse: “Ó Deus, permite-me ver a manifestação de todos os Teus atributos divinos, a demonstração de Teu resplendor, as excelências únicas de Tua Pessoa, que Te distinguem de toda a Tua criação”.

Assim como Deus tem revelado Seu “caminho” em Seu Filho, também Ele tem revelado toda Sua glória nEle. Uma Escritura entre tantas será suficiente para provar isto: “*Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a*

luz, Ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para a iluminação da glória de Deus, na face de Cristo” (2ª Coríntios 4.6). Deste modo, na Pessoa do Filho de Deus se veem plenamente todas as excelências próprias da Divindade, harmoniosamente combinadas e maravilhosamente apresentadas em toda a sua perfeição.

As palavras de Cristo a Marta deveriam ser consideradas por cada crente: “*Não te disse Eu que, se creres, verás a glória de Deus?*” (João 11.40). Crer em Cristo, recebê-LO e observá-LO é ver a glória de Deus manifesta nEle.

5) Deus concedeu uma rica provisão a Moisés (Êxodo 33.19-23)

Note-se a resposta divina a seu atrevido pedido. Não lhe seria permitido ver o rosto Divino, mas, no entanto, poderia vê-LO “*pelos costas*” (v. 23). Esta expressão poderia ser melhor traduzida por “resplendor crepuscular”. Ilustremos.

Não podemos contemplar o resplendor deslumbrante do sol ao meio-dia, mas podemos apreciar sua glória mediante um magnífico pôr-do-sol.

Da mesma maneira, a glória Divina é de um fulgor tão forte que nenhum olho humano poderia suportar tal visão; mas podemos apreciá-lo mediante o “resplendor crepuscular” que nos é permitido ver mediante Sua santa Palavra. A eternidade brindará a Deus a oportunidade de

demonstrar perante Seu povo redimido *“a suprema riqueza da Sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus”* (Efésios 2.7). Enquanto nos ocupemos com o Senhor Jesus o crente terá uma compreensão e apreciação cada vez maior da glória de Deus.

A fim de que Moisés estivesse em condições de ver este maravilhoso espetáculo, foi necessário que Deus fizesse uma quádrupla provisão para ele, sem a qual não teria sido possível ele presenciar esta demonstração de Sua glória. Este incidente nos proporciona um maravilhoso quadro da provisão que Deus tem feito para cada crente em Cristo Jesus, mediante a qual nos é permitido apreciar a glória de Deus e, como consequência, transformar-nos em Seus adoradores.

a) A Moisés se lhe concedeu primeiro um lugar de aceitação perante Deus. *“Eis aqui um lugar junto a Mim”* (Êxodo 33.21). Ao colocar Moisés desta maneira em uma posição de aceitação, aproximação e afeto para com Deus, Moisés estava preparado para a visão que logo presenciaria.

A Bíblia nos indica claramente que o pecador não tem, lugar perante Deus, nem aceitação à Sua presença. É, por natureza, *“inimigo de Deus”* e *“não se sujeita à lei de Deus”*. Enquanto nesta posição, *“não pode agradar a Deus”* (Romanos 8.7-8). Portanto, por natureza, o pecador não tem nem direito a estar na presença de Deus.

Quando um pecador, realmente arrependido, coloca sua confiança em Cristo e em Sua obra consumada e O recebe como seu próprio Salvador, imediatamente lhe é concedido um lugar de aceitação perante Deus, mediante o qual está capacitado a estar em Sua presença.

Paulo, mediante o Espírito, assim se expressa: *“Em amor nos predestinou para Ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de Sua vontade, para louvor da glória de Sua graça, que Ele nos concedeu gratuitamente pelo Amado”* (Efésios 1.5-6).

As bem conhecidas estrofes de Catesby Paget são apropriadas neste sentido:

“Por natureza e por prática, quão longe,
Quão longe estamos de Deus!
Mas, agora, por graça, fui aproximado dEle,
Por fé no sangue de Jesus.
Tão perto, realmente tão perto;
Mais perto não poderia ser,
Pois na Pessoa de Seu Filho
Estou tão perto como Ele!

Tão amado, realmente tão amado por Deus,
Mais amado não posso ser;
Tal qual o amor para com o Filho
É Seu amor por mim!

(tradução literal)

Podemos deduzir, com segurança, diante do que tem sido visto, que a adoração requer que o adorador esteja em um estado de aceitação perante Deus e que esta aceitação se baseia na graça soberana de Deus.

b) Moisés recebeu um alicerce sobre o qual poderia estar. “*E tu estarás sobre a penha*” (Êxodo 33.21). Deus se encarregou de que, sob os pés de Moisés, houvesse um alicerce sólido, resistente e imutável. Embora ele pudesse tremer enquanto estava sobre a rocha, permaneceria seguro porque a rocha não tremeria!

Não temos a menor dúvida sobre o significado desta penha. Davi cantou: “*O Senhor é a minha rocha*” (Salmo 18.2). Moisés mesmo, em seu canto de despedida, exclamou: “*Proclamarei o nome do Senhor. Engrandeci o nosso Deus. Eis a Rocha! Suas obras são perfeitas*” (Deuteronômio 32.3-4).

Paulo diz em sua carta aos coríntios: “*Ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo*” (1ª Coríntios 3.11). As palavras de nosso Senhor a Pedro, quando este fez sua confissão da Divindade eterna e essencial de Cristo, foram: “*Sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja*” (Mateus 16.18).

Só quando estamos sobre esta Rocha é que podemos apreciar a glória de Deus e ser adoradores dEle em espírito e em verdade. O cristão, como Moisés, tem uma rocha sobre a qual pode alicerçar-se, a qual nenhuma tempestade deste mundo pode jamais sacudir. Seu tudo descansa sobre a Divindade da Pessoa de Cristo, sobre o valor eterno do sangue precioso que Ele derramou e sobre a autoridade e a segurança divinas de Sua santa Palavra, e canta:

“Sobre Cristo, a Rocha sólida, estou;
Qualquer outro terreno é areia movediça”

(tradução literal)

c) Moisés recebeu um lugar na Rocha. “*Eu te porei numa fenda da penha*” (Êxodo 33.22). Esta penha tinha uma fenda e Moisés foi colocado **no meio** da rocha. Portanto, ele não estava apenas **sobre** a rocha, mas **na** rocha! Ele estava rodeado pela rocha e, neste sentido, participou de toda a força e segurança de seu refúgio.

Não é isto uma ilustração do que Deus tem feito para cada crente? O cristão não tem apenas a Cristo como **alicerce**, mas também como

habitação, porque é descrito como “*estando em Cristo*”. Realmente, estas palavras “*em Cristo*” constituem a frase principal da epístola aos Efésios que apresenta, como nenhuma outra porção da Palavra de Deus, a eterna bênção do crente (Efésios 1.1-14).

Podemos notar um quadro maravilhoso disto em Provérbios 30.26. A Versão Corrigida diz: “*Os coelhos são um povo débil; e, contudo, fazem a sua casa nas rochas*”. Nos é dito que os coelhos, animais nada esforçados, fazem sua casa nas pedras. O coelho é uma criatura frágil, e não tem como defender-se dos animais predadores, mas, no momento de perigo, corre para o refúgio previsto por Deus. No momento em que penetra na rocha o coelho pode rir-se do inimigo que o persegue, porque aprendeu que **estar** na rocha é **ser** como a rocha.

Talvez fosse isso que Davi tinha em mente quando disse: “*Senhor... em Ti é que me refugio*” (Salmo 143.9) e outra vez disse: “*Tu és o meu forte refúgio*” (Salmo 71.7; 32.7).

A história de como Toplady escreveu seu hino mais conhecido tem a ver com nosso assunto. Surpreendido por uma tempestade enquanto caminhava por um vale solitário na Inglaterra, Augusto Toplady, conhecendo uma fenda que havia numa grande rocha, correu para lá a fim de refugiar-se. Enquanto ali permanecia, desencadeou-se a tormenta com toda a sua fúria: relâmpagos, trovões e chuva torrencial. No meio daquela terrível tempestade, Toplady estava seguro porque a tempestade caiu sobre a rocha na qual ele estava refugiado. Durante a tempestade, veio à sua mente o versículo de Isaías 26.4, que diz: “*Confiai no Senhor perpetuamente, porque o Senhor Deus é uma rocha eterna*”. Enquanto meditava na Escritura, surgiram os primeiros versos de um hino:

“Rocha eterna, meu Jesus,
Que por mim na amarga cruz
Foi ferido em meu lugar,
Morto para me salvar;
NEle quero me esconder,
Pois me poderá valer”.

Posteriormente acrescentou outros versos e assim surgiu este formoso e tão amado hino.

Dezenove séculos atrás estalou uma tempestade muito maior, sem igual, sobre a cabeça pura e sem proteção de nosso divino substituto: Cristo, a Rocha dos Séculos. Toda a justa ira de um Deus santo caiu sobre Aquele que “*carregando Ele mesmo em Seu corpo, sobre o madeiro, os*

nossos pecados” (1ª Pedro 2.24), ali padeceu. Naquela hora, “escura e misteriosa”, Cristo recebeu todo o peso do justo castigo de Deus contra o pecado nosso.

No Calvário, Ele efetuou toda a obra necessária para a nossa salvação. Agora, tendo subido e tendo sido glorificado à destra de Deus Pai, vive eternamente para salvar a todos os que se refugiam nEle. Cada crente agora pode cantar com toda a reverência e alegria:

“Que peso, ó Cristo, meu Senhor,
Quiseste suportar!
Meu fardo imenso, ó Salvador,
Quiseste carregar!
Ali na cruz, Senhor Jesus,
Tomaste o meu lugar!

d) Moisés gozou de proteção perfeita enquanto esteve na rocha.

Deus disse: *“Com a mão te cobrirei até que Eu tenha passado”* (v. 22). Não havia nenhuma possibilidade de Moisés cair da rocha porque a sua segurança nela estava garantida pela onipotente mão protetora dAquele que em outra ocasião disse: *“As Minhas ovelhas ouvem a Minha voz; Eu as conheço e elas Me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão e ninguém as arrebatará da Minha mão”* (João 10.27-28).

Assim é que Moisés gozou da perfeita paz que provém da confiança de uma absoluta segurança.

Foi-lhe dado um lugar de aceitação; sob seus pés havia um fundamento sólido e irremovível; ao seu redor havia um refúgio preparado por Deus; e sobre ele estava a mão protetora de Deus. Agora poderia adorar sem o pensamento perturbador de que a sua segurança dependia dele se segurar à rocha!

Muitos dos filhos amados de Deus estão tão preocupados com seus próprios esforços de “segurar-se nas mãos de Cristo” que não têm tempo e nem inclinação para adorar! Como é bom para o crente descansar em perfeita paz na bendita garantia de sua segurança eterna! Deste modo, um coração despreocupado consigo mesmo pode adorar Àquele que “tudo faz bem”.

6) Moisés recebeu u’a maravilhosa revelação de Deus (Êxodo 34.5-7)

Deus se encarregou de que Moisés assumisse agora uma adequada posição para apreciar o imponente espetáculo que estava para presenciar e que conseguiria atrair a adoração de seu coração.

Ele tinha um **lugar** de aceitação diante de Deus para **satisfazê-lo**; um bom **alicerce** para **firmá-lo**; um sólido **refúgio** para **guardá-lo**; e u'a **mão** onipotente para **protegê-lo**. O que mais uma pessoa pode desejar?

Perante seus olhos maravilhados, Deus desenrola agora a glória que ele tinha pedido para ver. Nos é dito que *“tendo o Senhor descido na nuvem, ali esteve junto dele e proclamou o nome do Senhor. E, passando o Senhor por diante dele, clamou: Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado, e visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, até à terceira e quarta geração”* (Êxodo 34.5-7).

Moisés tinha pedido a Deus que lhe mostrasse a Sua glória e a resposta de Deus foi: *“farei passar toda a Minha bondade diante de ti e proclamarei o nome do Senhor”* (Êxodo 33.19).

Assim, a glória do Senhor é a Sua bondade, como está revelada em Seu Nome, porque os nomes do Senhor nas Escrituras anunciam Seu caráter. Deus disse: *“Eu sou o Senhor, este é o Meu nome, a Minha glória”* (Isaias 42.8). Certamente, em relação ao Antigo Testamento, este foi o desenrolar mais majestoso visto por olhos mortais. Comparado com ele, o espetáculo mais suntuoso representado pelo homem é reduzido à insignificância mais absoluta.

Aqui temos uma demonstração dAquele que é descrito como o *“Rei eterno, imortal, invisível, Deus único”* a Quem seja *“honra e glória pelos séculos dos séculos”* (1ª Timóteo 1.17).

Pessoas têm viajado milhares de quilômetros, têm efetuado enormes gastos e precisaram passar por grandes incômodos para presenciar a coroação de algum rei ou para verem algum presidente assumir o poder; entretanto, Moisés foi testemunha solitária do incomparável espetáculo da Divindade em Sua glória!

No entanto, embora esta visão tenha sido maravilhosa, outra visão maior ainda foi presenciada mil e novecentos anos atrás quando o próprio Deus desceu à terra na pessoa do Senhor Jesus Cristo. Perante os olhos de um mundo maravilhado, mas incrédulo, a Divindade foi apresentada na forma de uma vida humana perfeita.

João, o discípulo amado, diz: *“E o Verbo Se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a Sua glória, glória como do unigênito do Pai”* (João 1.14). O Filho de Deus satisfez plenamente todo desejo do Pai e glorificou Seu nome como nunca anteriormente.

O escritor da epístola aos Hebreus descreve deste modo Sua Pessoa e obra: *“Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do Seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do Seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-Se à direita da Majestade, nas alturas”* (Hebreus 1.3).

A Moisés não lhe foi permitido ver o rosto de Deus, mas João, o apóstolo amado, fala de Cristo como Aquele *“que contemplamos e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida”* (1ª João 1.1).

Assim, toda a glória de Deus tem sido concentrada no rosto dAquele a Quem este mundo menosprezou e crucificou, mas a Quem o cristão ama e honra sobre tudo e sobre todos.

7) Moisés tributou a Deus a adoração humilde, reverente e sincera de seu coração (Êxodo 34.8)

Nos é dito que o resultado deste majestoso desenrolar da glória de Deus foi que *“imediatamente, curvando-se Moisés para a terra, O adorou”* (v. 8). Não havia outra coisa a fazer em tais circunstâncias. Esta gloriosa revelação o colocou onde coloca a todo verdadeiro crente: humilhado aos pés do único que é digno e a Quem corresponde verdadeiramente a adoração.

Desta maneira, Moisés aprendeu no santo monte o significado da glória de Deus, tal como está revelada no desenrolar de Seus atributos divinos, e a importância e a necessidade da verdadeira adoração espiritual na presença de um Ser tão glorioso.

Quarenta dias após a demonstração da glória de Deus e de sua adoração, Moisés voltou ao acampamento de Israel completamente transformado. Nos é dito que seu rosto refletia a glória que ele tinha contemplado por tanto tempo, pois lemos: *“não sabia Moisés que a pele do seu rosto resplandecia, depois de haver Deus falado com ele”* (v. 29).

Do que temos dito, certamente podemos concluir que Deus não fica devedor de ninguém. Quando um crente dá a Deus a adoração devida ao Seu Nome, terá que refletir inconscientemente esta realidade quando entra em contato com seus semelhantes. Haverá nele alguma coisa a distingui-lo dos demais, mesmo que ele não o perceba.

Ocupar-nos com Cristo constitui o segredo do rosto resplandecente e do coração satisfeito. É como o expressam as Escrituras: *“E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na Sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito”* (2ª Coríntios 3.18).

5) Davi percebeu a tremenda importância da adoração

Observemos algumas de suas declarações a respeito. No Salmo 69.30-31, ele diz: *“Louwarei com cânticos o nome de Deus, exaltá-lo-ei com ações de graças. Será isso muito mais agradável ao Senhor do que um boi ou um novilho com chifres e unhas”*.

Nestas palavras, Davi afirma resolutamente que o louvor e a ação de graças são de maior valia para Deus que a oferta mais valiosa de sacrifícios de animais. Os chifres falam de poder e as unhas de separação. Desta maneira, ele afirma que mesmo uma vida de poder e de separação é superada pelo maior valor da adoração.

Em 1º Crônicas 16 relata-se a transladação da arca por Davi, esta vez de acordo com as Escrituras, desde a casa de Obede-Edom até a tenda que ele tinha preparado para ela em Jerusalém.

Para celebrar este acontecimento, Davi, por inspiração do Espírito, escreveu um formoso Salmo que foi cantado na ocasião.

Observemos rapidamente algumas citações deste Salmo: *“Glória e majestade estão diante dEle, força e formosura, no Seu santuário. Tributai ao Senhor, ó famílias dos povos, tributai ao Senhor glória e força. Tributai ao Senhor a glória devido ao Seu Nome; trazei oferendas e entrai nos Seus átrios; adorai ao Senhor na beleza da Sua santidade... Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, desde a eternidade até a eternidade”* (vv. 27-29, 36).

Novamente, em um de seus famosos Salmos messiânicos, ele fala da *“filha do Rei”*, figura do crente, e diz: *“Ouve, filha; vê, dá, atenção; esquece o teu povo e a casa de teu pai. Então, o Rei cobiçará a tua formosura; pois Ele é o teu senhor; inclina-te perante Ele”* (Salmo 45.10-11).

Observe-se a progressão do pensamento,. Primeiro é feito um apelo à **concentração** do pensamento: *“Ouve, filha; vê, dá atenção”*. A seguir, vem um apelo à renúncia: *“Esquece o teu povo e a casa de teu pai”*. O resultado disso é uma **atração** por parte do Rei: *“O Rei cobiçará a tua formosura”*.

O resultado disso tudo é a **adoração** de quem tem sido atraído assim ao favor divino: *“Ele é o teu senhor; inclina-te perante Ele”*. Assim é destacado o estreito vínculo entre o Senhorio reconhecido de Cristo e a adoração do crente perante Ele. Tê-IO como Senhor é cair aos Seus pés e render-Lhe a homenagem que Ele merece.

Uma citação mais será suficiente para mostrar como Davi compreendia a importância da adoração. No Salmo 95, onde é descrita a grandeza de Deus, lemos: *“O Senhor é o Deus supremo e o grande Rei*

acima de todos os deuses... DEle é o mar, pois Ele o fez; obra de Suas mãos, os continentes. Vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do Senhor, que nos criou. Ele é o nosso Deus, e nós, povo do Seu pasto e ovelhas da Sua mão” (vv. 3-7).

Deste modo, o Espírito Santo, através dos lábios do “doce salmista de Israel”, chama Àqueles que são “*ovelhas do Seu pasto*” a inclinar-se em adoração diante de seu poderoso Criador, Salvador e Pastor.

O cristão faz isso com o conhecimento adicional que o mesmo Ser que trouxe à vida todas as cousas pela palavra da Sua boca Se fez o Redentor de Seu povo e o comprou com Seu preciosíssimo sangue.

6) A REVELAÇÃO DO FILHO DE DEUS **(João 4.20-24)**

O ensino de nosso Senhor sobre o tema da adoração, registrado em João 4.20-24, é de suma importância para todo crente. Parece estranho que este assunto da adoração tenha sido considerado por uma mulher caída, junto a um poço à beira do caminho, enquanto que o tema do novo nascimento foi apresentado a um fariseu religioso, moral e sincero.

Nós teríamos invertido a ordem, mas o nosso Senhor não o fez. Em Sua infinita sabedoria, Ele, “que faz bem todas as cousas”, revelou estas verdades maravilhosas a um pobre pecador que precisava delas. Em Sua conversa com a mulher, junto ao poço, Cristo, tendo em vista os sofrimentos e a glória que lhes seguiriam, introduziu pelo menos sete mudanças de importância transcendental na adoração, com relação ao que tinha sido revelado anteriormente nas Escrituras do Antigo Testamento.

1. Com respeito ao lugar de adoração (v. 20). Esta mulher, apesar de estar longe da castidade, estava disposta a discutir sobre religião e disse ao Senhor: “*Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar*” (v. 20). Observe-se cuidadosamente a resposta de Cristo: “*Mulher, podes crer-Me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai*” (v. 21).

Em outras palavras, **a adoração não mais estaria restrita a um determinado lugar da terra** e, menos ainda, a um edifício construído pelo homem na terra, não importando qual fosse seu interesse histórico, quão formosa a sua arquitetura, nem quão enfeitada a pompa e os detalhes de seu ritual.

Embora tanto o Tabernáculo no deserto como o Templo em Jerusalém tivessem sido erguidos por manda- to divino e seus serviços tivessem sido inaugurados mediante uma demonstração da aprovação de Deus através

da nuvem de glória que os cobriu, no entanto, Deus suprimiu ambos porque eram apenas “figuras” e “sombrias” que aguardavam a chegada do Filho de Deus encarnado (Êxodo 40.34; 1º Reis 8.10-11; Hebreus 9.22-28).

Assim que o Tabernáculo cumpriu sua finalidade como o “lugar” de adoração para Israel, ele foi substituído pelo Templo, edificado em Jerusalém, “o lugar que o Senhor escolheu para pôr o Seu nome”.

Quando Cristo encarnou e veio morar entre nós, Ele cumpriu a figura ou símbolo do Tabernáculo. Mas Cristo também cumpriu a figura do Templo. Um dia, os judeus Lhe perguntaram: “*Que sinal nos mostras, para fazeres estas coisas? Jesus lhes respondeu: Destruí este santuário e em três dias o reconstruirei. Replicaram os judeus: Em quarenta e seis anos foi edificado este santuário, e Tu, em três dias, o levantarás? Ele, porém, se referia ao santuário do Seu corpo*” (João 2.18-21).

Mais adiante, acusado com críticas injustas pelos fariseus que O acusavam de fazer coisas não lícitas no dia de sábado, Cristo citou o ato de Davi de comer os pães da proposição e o fato dos sacerdotes servirem no sábado, acrescentando estas palavras bem significativas: “*O Filho do homem é senhor do sábado*” (Mateus 12.1-8).

Tudo o que o Templo significava, em sua provisão de acesso a Deus por meio de um substituto divinamente designado e aceito, foi perfeitamente cumprido por Ele. Tudo o que o sacerdócio representava, em sua provisão de um representante para apresentar sua adoração a Deus, foi cumprido nEle, que, como o grande Sumo Sacerdote, não só tornou-se a **Oferta** aceitável, mas também o **Ofertante** aceito.

Quando, sobre a cruz, Ele consumou toda a obra necessária para a nossa salvação, Deus rasgou o véu do templo de cima para baixo. Mediante este ato, Ele quis ensinar que tanto o Templo quanto o sacerdócio levítico já tinham cumprido sua missão e que agora estavam sendo **suprimidos em Cristo**.

Este é o argumento dos capítulos 7 a 10 de Hebreus. Um estudo persistente e cuidadoso destes capítulos, acompanhado de oração, deveria ser suficiente para livrar qualquer crente da confusão que prevalece na cristandade com os seus assim chamados “lugares consagrados de adoração”, seus “clérigos oficiantes” que “administram os sacramentos”, seu ritual humano e sua “ordem de serviços” prescrita. Segundo a revelação que temos em o Novo Testamento, não tem sido feita nenhuma provisão nem se acha lugar para tais costumes na dispensação atual.

A adoração já não é mais uma questão de “**lugar**”, mas de “**condição espiritual**”. O crente tem plena liberdade para adorar a Deus tanto no meio de uma selva como no coração da metrópole de uma nação. Não

importa onde o cristão esteja, se na cozinha, na granja, no dormitório, num mercado barulhento ou ao ar livre; ele pode adorar a Deus **em qualquer lugar** sempre que, é claro, esteja em um estado espiritual adequado para adorar.

O crente não precisa de intercessor humano que atue como mediador porque ele tem no céu um grande Sumo Sacerdote e pode, portanto, dirigir-se diretamente a Ele.

As Escrituras apresentam estas verdades com toda a simplicidade: *“Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que Ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela Sua carne, e tendo um grande Sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé”* (Hebreus 10.19-22).

Deus já não mora em edifícios construídos pelo homem, como nos dias do Tabernáculo e do Templo. Paulo, em seu discurso no Areópago, expressou isto com toda a clareza: *“O Deus que fez o mundo e tudo que nele existe, sendo Ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas”* (Atos 17.24).

A *“casa de Deus”* hoje é o Seu povo. Ele mora entre os Seus santos reunidos, onde quer que eles se reúnam em nome do Senhor Jesus Cristo (Mateus 18.20). Nos é dito em Hebreus 3.6 que Cristo é *“Filho, em Sua casa; a qual casa somos nós”* e este *“nós”* se refere aos cristãos.

Seja um único cristão ou um grupo de dois ou de três, ou de uma grande congregação de crentes, eles podem reunir-se **em qualquer lugar do mundo** e adorar ao Pai e ao Filho. O *“lugar de adoração”* do cristão é onde está seu grande Sumo Sacerdote – o céu. Ele entra ali pela fé, quando aproveita da dupla provisão que tem em Cristo; em primeiro lugar, Sua obra redentora; e, em segundo lugar, Seu ministério atual à destra de Deus.

2. Com respeito ao Alvo da adoração. *“Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai”* (v. 23).

Israel adorou a Jeová, cuja santidade, majestade, glória, poder e justiça demonstrados no Sinai encheram o povo de pavor e de terror. Enquanto estavam tremendo e longe do temeroso espetáculo, disseram a Moisés: *“Fala-nos tu e te ouviremos; porém não fale Deus conosco, para que não morramos... Moisés, porém, se chegou à nuvem escura onde Deus estava”* (Êxodo 20.19-21).

Deste modo nos é dito que Jeová, ao dar a lei que revelava as justas exigências que Sua santidade demandava, estava à **distância**, morando na **escuridão** e produzindo **pavor** dentro do coração do povo de Israel.

Agora, comparemos isto com a revelação de Cristo com respeito ao objeto da adoração do cristão. É “o Pai”. Ele é o mesmo Ser que o Deus do Sinai, pois Deus é imutável quanto ao Seu caráter. Do mesmo modo é tão santo, reto e justo como sempre o tem sido e o será; mas agora Ele tem sido revelado por Seu amado Filho em um aspecto diferente, isto é, como “Pai”.

Esta é uma palavra que indica uma aproximação consoladora, uma intimidade bendita, um carinho que infunde confiança, um caloroso afeto, um terno cuidado, um amor perdurável, uma compaixão que compreende, uma paciência infinita e uma graça que não tem limites.

Deus saiu das nuvens da escuridão que O rodeavam e, através “do Filho do Seu amor”, Se revelou como “Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” e de todo verdadeiro cristão que nasceu em Sua família por meio da fé em Cristo.

A criação só podia manifestar o **eterno poder** e a sabedoria de Deus (Romanos 1.20). A lei tão somente podia revelar a **santidade**, retidão, justiça e verdade de Deus (Êxodo 10.1-17). Mas o Senhor Jesus nos apresentou o **coração de Deus**, um coração cheio de infinito amor voltado para aqueles que não merecem nem a menor de Suas misericórdias.

Quão maravilhoso é para o crente poder recordar que é a seu Pai que vem apresentar sua adoração, um Pai que tem sido descrito como:

“Absolutamente terno,
Absolutamente veraz,
Que compreende tudo,
Que te compreende a ti;
Infinitamente amante,
Estranhamente próximo,
Este é Deus nosso Pai –
Que podemos temer?”

(tradução literal)

3. Com respeito à relação do adorador. Já que é Deus, revelado como “o Pai”, a Quem adoramos, conclui-se logicamente que somente aqueles que têm entrado numa relação viva e vital com Ele podem dirigir-se a Ele como tal e adorá-LO. No Antigo Testamento, eram os filhos de Arão, por **geração natural**, os únicos aptos a ministrar como sacerdotes na adoração a Jeová.

Em o Novo Testamento, somente os filhos de Deus, por **geração sobrenatural**, têm sido constituídos “sacerdócio santo” (1ª Pedro 2.5;

Apocalipse 1.5-6). Este é o motivo pelo qual o novo nascimento é tão essencial.

Mediante o poder regenerador do Espírito Santo, o crente é feito participante da natureza divina, nasce na família de Deus e tem o privilégio inefável de chamar Pai a Deus. Não nos surpreende que João exploda em louvor e exclame: “*Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus*” (1ª João 3.1; 2ª Pedro 1.4).

Temos observado que o homem natural não está apenas morto em suas transgressões e pecados, mas que também não pode entender as coisas de Deus, nem deseja adorá-lo. Talvez tenha, por natureza, uma mente religiosa e pode até evidenciar uma certa medida de moralidade e de respeito, como o Nicodemos de outrora; mas deve aprender que “*se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus*” (João 3.3).

Já não se trata, como no caso de Israel, da **adoração nacional** de um povo terrenal, mas da **adoração pessoal** dos filhos de Deus, nascidos do alto e feitos tais pela “*fé em Jesus Cristo*” (Gálatas 3.22).

James George Deck, em seu bem conhecido e mui amado hino, expressou maravilhosamente esta realidade:

“Aba, Pai! A Ti cercamos
Hoje em Nome de Jesus;
Deus e Pai a Ti chamamos,
Sendo filhos, já, da luz.
Dos delitos libertados
Pelo sangue do Senhor,
Pelo Espírito ensinados,
Damos-Te real louvor”.

(HeC – nº 501)

4. Com respeito ao caráter da adoração. Deve ser “*em espírito e em verdade*” (v. 24). Em outras palavras, deve ser espiritual e sincera. A adoração de Israel a Jeová tinha sido caracterizada em grande parte pelo que era **visível e material**.

Consistia no oferecimento de sacrifícios de animais, através da mediação de um sacerdote humano, que estava sujeito a enfermidades, a quedas e à morte. Isto agora tem sido substituído por uma adoração espiritual através da mediação de um Sumo Sacerdote divino que, “oferecendo-Se a Si mesmo”, aperfeiçoou para sempre aos santificados. Agora, ressurreto e glorificado, vive no poder de uma vida perpétua e tem um sacerdócio imutável (Hebreus 7.23-27).

É significativo que, no julgamento escarneador de nosso Senhor, tenha havido um incidente sumamente dramático.

O último sacerdote da antiga dispensação, que tinha-se caracterizado pelo fracasso, olhou diretamente aos olhos do grande Sumo Sacerdote da nova dispensação que seria infalível e imarcessível, e Lhe perguntou: *“Te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se Tu és o Cristo, o Filho de Deus”*. Observe-se a resposta de Cristo e seu efeito. *“Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste, Eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu”*.

Diante desta declaração clara e definida por parte de nosso Senhor, de Sua Divindade essencial e eterna, o sumo sacerdote rasgou suas vestes e exclamou: *“Blasfemou!”* (Mateus 26.62-66).

Ao rasgar suas vestes, Caifás violou um expresse mandamento de Deus. Embora ele não soubesse, mediante este ato **desqualificou-se a si mesmo** para o ministério que exercia! Deus tinha dado uma clara ordem neste sentido: *“O sumo sacerdote entre seus irmãos, sobre cuja cabeça foi derramado o óleo da unção, e que for consagrado para vestir as vestes sagradas, não desgrenhará os cabelos, nem rasgará as suas vestes”* (Levítico 21.10. Veja-se também Levítico 10.6 e Êxodo 39.23).

Já temos observado que o sacerdócio aarônico, com todo o seu ritual enfeitado e seus muitos sacrifícios, **concluiu na cruz**. O véu rasgado representa um testemunho eloquente disto. Aquilo que excluía os homens da presença de Deus foi tirado mediante o sacrifício de Cristo. Nos é dito que *“agora, porém, ao se cumprirem os tempos, se manifestou uma vez por todas, para aniquilar, pelo sacrifício de Si mesmo, o pecado”* (Hebreus 9.26).

Bionar expressou isto maravilhosamente:

“Nem sangue temos, nem altar;
Cessou a oferenda já;
Hoje não temos chamas, nem fumaça,
Nem mais cordeiro haverá.
Mas eis aqui o sangue de Jesus
Que tira a maldade
E ao homem dá saúde!”

(tradução literal)

A adoração já não é mais uma questão de **mãos**, mas de **coração**. Não mais consiste em uma multidão de cordeiros, bezerros e bois sendo mortos sobre os altares judeus cobertos de sangue. Os cristãos são exortados a

“oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo” (1ª Pedro 2.5). Não precisamos da mediação dos filhos de Arão, **nem da mediação dos filhos de ninguém!**

Cada crente tem sido constituído sacerdote para Deus e somente Cristo é o grande Sumo Sacerdote. Ele é Quem apresenta a adoração espiritual de Seu povo redimido ao Pai, em toda a virtude e valor de Sua bendita Pessoa e obra.

Grande parte da assim chamada “adoração pública” da cristandade é simplesmente uma forma de judaísmo cristianizado e, em alguns casos, de paganismo apenas velado. Isto pode ser facilmente comprovado. É só comparar o sacerdotalismo que prevalece na cristandade com o ritual do judaísmo para observar o paralelismo mortal entre ambos.

No judaísmo havia uma casta sacerdotal separada, que era a única que podia dirigir a adoração em Israel. Na cristandade é essencial um sacerdócio humano, denominado de clero, para sua adoração, apesar do ensino claro de que todos os crentes são sacerdotes.

Os sacerdotes do judaísmo usavam vestes distintas e o clero também. O judaísmo salientava um santuário ou edifício terrenal. Do mesmo modo, a cristandade dá grande importância a seus consagrados “lugares de adoração” e chama equivocadamente o edifício de “uma igreja”, referindo-se a ela como “a casa de Deus”.

Os sacerdotes judeus tinham um altar sobre o qual eram oferecidos sacrifícios a Deus. A cristandade tem levantado “altares” nestes edifícios enfeitados, perante os quais velas são acesas e se oferece incenso e sobre o qual muitas vezes é guardada uma hóstia, que é considerada como o corpo de Cristo! É desnecessário dizer que toda esta cópia do judaísmo é absolutamente estranha nos ensinamentos do Novo Testamento.

Deste modo, a cristandade tem iniciado seu próprio sacerdócio, especialmente educado e ordenado, cuja presença é indispensável para “administrar os sacramentos”. Estes homens, vestidos com roupas suntuosas, dentro de um “santuário”, estão perante um “altar” sem sangue, com um fundo de velas ardendo, crucifixo e incenso fumegante e “dirigem adoração” para os leigos. Mediante o uso de um minucioso ritual, com orações estereotipadas e respostas do auditório, todo o serviço religioso transcorre facilmente e com uma precisão mecânica. É um invento humano maravilhoso, com um forte apelo ao estético; mas um substituto trágico e lamentável de adoração espiritual que nosso Senhor declarou que Seu Pai procura de Seus filhos redimidos.

Faz muitos anos, Alexander Hislop escreveu um livro intitulado “As duas Babilônias”. Neste livro, o autor prova de maneira concludente que

grande parte do enfeitado ritual do catolicismo romano foi copiado das práticas idólatras da antiga Babilônia. Este livro ainda pode ser obtido por aqueles que desejem informar-se mais sobre este tema.

5. Com respeito ao momento da adoração. *“Vem a hora e já chegou em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai”* (João 4.23).

A adoração a Deus por parte de Israel, como já temos observado nas festas do Senhor, limitava-se, principalmente, a determinadas ocasiões e lugares. Além destas festas, o sábado destacava-se na adoração. Nosso Senhor deixa bem claro que agora não é mais coisa de *“dias, e meses, e tempos, e anos”*, pois estas coisas pertenciam à antiga dispensação da lei (Gálatas 4.10).

O Novo Testamento não reconhece “dias santos”, que requerem maior santidade que outros. O sábado, o sétimo dia da semana, pertence a Israel e foi um sinal do pacto que Deus fez com aquela nação (Êxodo 31.13). O dia do Senhor, o primeiro dia da semana, pertence à dispensação cristã. É *“o dia que o Senhor fez”* e que comemora o tempo quando Deus tomou a Pedra que os edificadores rejeitaram e a fez cabeça de esquina (veja-se o Salmo 118.22-25 e compare-se com Mateus 21.42 e Marcos 12.10).

A adoração não está mais limitada a um dia por semana, nem a uma hora determinada do dia. Descobrimos em Atos 20.7 que era costume da Igreja primitiva reunir-se para partir o pão no *“primeiro dia da semana”*, mas a adoração não está limitada a este dia ou a esta ocasião. A qualquer hora, de qualquer dia ou noite, o cristão pode elevar seu coração em adoração ao Pai e ao Filho, no poder do Espírito Santo, e saber que a sua adoração é aceita.

A cristandade dá muita importância a “dias” e a “épocas” especiais, mas o Novo Testamento nada sabe disso. Tudo isto pertence a Israel e tem sido suprimido por Cristo. A carta de Paulo aos Gálatas foi escrita em oposição aos falsos mestres de sua época que tratavam de judaizar o cristianismo e misturar a lei com a graça para a confusão dos crentes.

Todo cristão deveria estar familiarizado com esta epístola, ao ponto de se tornar carne e osso de seu ser. É o melhor antídoto contra qualquer intento de judaizar o cristianismo, como se observa hoje na cristandade. Agora, todos os dias deveriam ser considerados santos para o Senhor.

Ainda mesmo quando o filho de Deus tem o privilégio de reunir-se com seus santos irmãos no dia do Senhor para recordar o Senhor Jesus e adorar a Deus, a adoração não está confinada a este dia ou a esta ocasião, nem a qualquer época do ano.

6. Com respeito à energia ou poder para adorar. *“Que os Seus adoradores O adorem em espírito e em verdade”* (v. 24).

Já temos observado que a verdadeira adoração deve ser espiritual. Deve ser dotada de poder, guiada e controlada pela terceira Pessoa da Divindade, o Espírito Santo. No Antigo Testamento, Ele é descrito descendo **sobre** certos indivíduos, em determinadas ocasiões, a fim de realizar, por intermédio deles, algum propósito específico (Êxodo 31.3; Números 24.2; 1º Samuel 10.10; 2º Crônicas 15.1; Números 11.29).

Em o Novo Testamento, nosso Senhor ensinou que o Espírito Santo, que tinha estado **com** Seus discípulos, seria enviado para estar **neles**. Falando do Espírito, o Senhor Jesus disse: “*Ele habita convosco e estará em vós*” (João 14.17). Esta promessa foi cumprida no dia de Pentecostes. Desde então, o Espírito Santo passa a morar em cada pecador no momento em que este confia em Cristo como seu Salvador. Com este ato da morada do Espírito, cada cristão é selado ou marcado como propriedade de Cristo, até ao dia da redenção (Efésios 1.13; 4.30). E não é somente isto, mas o Espírito concede a cada crente uma natureza divina, no poder da qual pode viver uma vida agradável a Deus.

O Espírito Santo cuida agora de ensinar a cada crente a Palavra de Deus e guiá-lo deste modo a toda a verdade (João 16.13-15). Enquanto o crente Lhe dá liberdade, sem contristá-lo, o Espírito o impressionará de tal maneira com Cristo que o Senhor chegará a ser cada vez mais precioso para o cristão. E ainda dará ao cristão o poder de oferecer ao Pai e ao Filho uma adoração inteligente, reverente e sincera. Assim é que os dois únicos requisitos imprescindíveis para a adoração são: **a Palavra de Deus em nossas mãos e o Espírito Santo em nosso coração.**

É possível que um cristão entristeça o Espírito Santo por causa de sua má conduta e que uma igreja local apague o testemunho do Espírito, limitando Sua atividade através de Seu povo (Efésios 4.25-32; 1ª Tessalonicenses 5.19-20). Por isto, o “*estar cheio do Espírito*” constitui uma necessidade constante para o crente, porque assim ele será sensível à Sua direção e poderá oferecer uma adoração aceitável a Deus (Efésios 5.18).

7. Com respeito à importância da adoração.

Isto está claro nas palavras: “*São estes que o Pai procura para Seus adoradores*” (v. 23). No Antigo Testamento, era o **adorador** que buscava a Jeová. Na dispensação atual, é Deus, como **Pai**, que busca a adoração de Seus filhos. A importância da salvação pode ser observada no fato de Cristo declarar que Seu propósito ao vir ao mundo como o Filho do homem era “*buscar e salvar o perdido*” (Lucas 19.10). A procura do perdido levou-O à cruz. Percebe-se a importância da adoração pelo fato do Pai se ocupar em procurar adoradores que O adorem em espírito e em verdade.

Que pensamento sublime este! “O Alto, o Sublime, que habita na eternidade” não só concorda em **considerar** um humilde crente, mas realmente **deseja** sua adoração e a **procura**! Isto seria difícil de aceitar se não fosse que Seu próprio Filho amado o declarou em palavras inequívocas. Esta declaração por si só deveria ser suficiente para mostrar a cada crente a importância da adoração.

Como seria bom se cada crente se compenetrasse do ato maravilhoso que ele pode dar a Deus, seu Pai, a Quem deve tudo aquilo e que deixará Seu coração muito alegre! Como é triste pensar que tantos cristãos, quer seja por ignorância ou por desobediência a esta revelação, estão negando a seu Pai aquilo que Ele deseja ardentemente deles!

Uma das perguntas com que termina o Antigo Testamento é: “Roubará o homem a Deus?” e a resposta, infelizmente, é afirmativa (Malaquias 3.8). Da mesma maneira como Israel Lhe roubava com os dízimos e as ofertas, muitos de Seus próprios filhos, por uma razão ou por outra, estão negando a Deus a adoração que Ele procura e que tem todo o direito de receber.

Desta maneira, com esta maravilhosa conversa com a mulher, junto ao poço, nosso Senhor declarou estas mudanças drásticas na adoração. Prestemos a devida atenção às palavras d’Aquele que “falou como nenhum outro homem” e vejamos se a nossa adoração está de conformidade com o modelo que Ele nos deixou.

Lembremos que “Deus é luz” e que nós devemos ser fiéis; que “Deus é amor” e que devemos ser confiantes; que “Deus é fogo” e que devemos permanecer alertas; que “Deus é espírito” e que devemos ser autênticos e sinceros (1ª João 1.5; 4.8; Hebreus 12.29; João 4.24).

7) PODE OBSERVAR-SE A IMPORTÂNCIA DA ADORAÇÃO NO FATO QUE ELA CONSTITUI A OCUPAÇÃO DA ETERNIDADE (Apocalipse 4.5-11)

No último livro da Bíblia, que constitui a consumação da revelação divina, nos é proporcionado dar uma olhadela na eternidade para a qual estamos dirigindo-nos apressadamente. Nesta revelação descobrimos que a adoração de Deus é a principal ocupação no Estado Eterno.

No capítulo 4, João descreve a maravilhosa visão que pôde observar quando a voz lhe disse: “Sobe para aqui e te mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas” (v. 1).

Imediatamente viu perante ele um trono no céu e Um sentado nele. Ao descobrir o seu ocupante, nos fala de vinte e quatro anciãos sentados

perante o trono e de quatro seres viventes que continuamente dizem: *“Santo, santo, santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, Aquele que era, que é e que há de vir”* (v. 8).

Enquanto estes seres dão glória e honra ao que está sentado no trono, os vinte e quatro anciãos prostram-se perante Deus e adoram Àquele que vive pelos séculos, dizendo: *“Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas Tu criaste, sim, por causa da Tua vontade vieram a existir e foram criadas”* (v. 11).

Aqui encontramos adoração pura, sem nenhum tipo de mistura com petição. É a atribuição da dignidade devida ao valor intrínseco da eterna Divindade.

No capítulo 5, João prossegue descrevendo o que viu. Foi-lhe apresentado um livro selado com sete selos e um anjo exclamou: *“Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos?”* (v. 2). Ninguém nem no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, pôde responder ao desafio e isto fez com que João chorasse. Mas um dos anciãos lhe disse: *“Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos”* (v. 5). Enquanto, desolado, João estava observando isto, pôde ver no meio do trono um Cordeiro como imolado, que veio e tomou o livro. Enquanto isso, os anciãos e os seres viventes prostram-se novamente perante o Cordeiro e cantam este magnífico hino de adoração: *“Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o Teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra”* (vv. 9 e 10).

Então, ao redor do trono, as vozes de muitos anjos proclamam: *“Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor”* (v. 12). Após estas palavras, João escutou as vozes reunidas de tudo quanto foi criado que está no céu, e sobre a terra, e debaixo da terra, e no mar, dizendo em um acorde harmonioso: *“Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos”* (v. 13). E todos os seres viventes responderam: *“Amém”* e *“os anciãos prostraram-se e adoraram”*.

Deste modo, João estando no umbral desta maravilhosa visão das coisas que acontecerão, gravou em seu coração o lugar vital e de grande importância que a adoração terá na eternidade. Que glorioso dia será aquele em que todos os remidos, de todas as idades, se reúnam na presença dAquele cujo precioso sangue propiciou sua estada ali!

Quanta adoração será elevada à Divindade eterna, sem a mistura de uma única nota discordante que estrague a majestosa harmonia celestial, pois que a carne terá sido deixada para trás para todo o sempre!

Não haverá diferenças denominacionais separando o povo de Deus em pequenos rebanhos feitos pelo homem. As palavras de nosso Senhor se cumprirão plenamente: *“Haverá um rebanho e um Pastor”* (João 10.16). O desejo que Ele expressou em Sua oração será maravilhosamente realizado: *“Que todos sejam um; e como és Tu, ó Pai, em Mim e Eu em Ti, também sejam eles em Nós”* (João 17.21).

J. G. Deck expressou maravilhosamente este pensamento em seu hino:

“Se aqui na terra pensar no amor de Jesus
Eleva nossos pobres corações por cima deste mundo,
Se aqui o sabor de fontes celestiais
Alegra tanto o espírito do peregrino que canta,

Que será o resplendor de Sua glória?
Que será a plenitude do Seu puro amor?
Sua presença será a razão de aleluias
E de uma eterna e forte adoração!”

(tradução literal)

Deste modo, a adoração, que começa na terra, constitui apenas o prelúdio de nossa ocupação eterna. Deus permita que compreendamos corretamente sua tremenda importância e que, pela graça divina, muita adoração surja de nosso coração durante a nossa vida sobre a terra. Assim, não só faremos com que a eterna Divindade Se delicie, mas também estaremos em perfeita harmonia com o propósito revelado de Deus e com a ocupação celestial.

.oOo.

III - NOSSA AUTORIDADE PARA ADORAR

Tendo considerado o significado e a importância da adoração, vamos considerar agora nossa **autoridade para adorar**. Por autoridade para adorar queremos dizer a fonte de nossa informação sobre este assunto.

Como podemos saber a quem adorar, quando, como e onde? As respostas a estas perguntas estão na **Palavra de Deus**. Da mesma maneira como o caminho da salvação e todas as demais doutrinas do Cristianismo devem ter seu fundamento, explicação e autorização final nas Sagradas Escrituras, o mesmo deve ser em relação a este assunto vital da adoração.

Admitamos que estamos vivendo em dias de confusão com respeito a este assunto de adoração. A cristandade se transformou numa Babel de vozes conflitantes. Diversas organizações religiosas opostas, todas pretendendo ter razão, estão tratando de ganhar seguidores para suas crenças peculiares por meio de uma enorme propaganda zelosa e custosa.

Diante deste estado confuso de coisas, perguntamo-nos: Como pode o crente conhecer qual o desejo de Deus para ele em relação à adoração? As palavras de Isaías, ditas numa época similar à atual, deveriam fazer sentido para todo verdadeiro cristão: *“À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva”* (Isaías 8.20). A Palavra de Deus, **e somente ela**, deve ser a **única corte de apelação** em relação a assuntos relacionados com qualquer doutrina. Apenas um *“assim diz o Senhor”* deveria levar à convicção um crente.

Em primeiro lugar, consideraremos alguns **conceitos falsos** de adoração. Depois, examinaremos algumas **opiniões erradas** sobre ela. Finalmente, trataremos de demonstrar a suficiência e autoridade absolutas das Sagradas Escrituras com relação ao tema de nossa adoração.

1 – ALGUNS CONCEITOS FALSOS DE ADORAÇÃO

A confusão atual na cristandade provém de muitas causas. Vamos enumerar e estudar quatro delas: 1) A tradição humana; 2) A conveniência humana; 3) A voz da Igreja; 4) Os ditames da consciência.

Examinemos cada uma delas na ordem citada.

1. A tradição humana.

É bem conhecido o fato que a história se repete. Já temos observado a história de Israel e temos descoberto que ela é usada por Deus para a instrução de cada cristão, pois nos é dito: *“Tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e consolação das Escrituras, tenhamos esperança”* (Romanos 15.4).

Um dos propósitos pelos quais Deus escolheu Israel como nação foi para que fossem os recipientes, guardiães e testemunhas da divinamente inspirada revelação de Sua palavra, tal como se encontra nas Sagradas Escrituras.

Na época em que Cristo veio à terra, a autoridade das Escrituras, como única fonte de apelação, tinha sido substituída em grande parte por um imponente conjunto de tradições judaicas.

Em alguns casos, permitiu-se que estas tradições tivessem prioridade como autoridade sobre a Palavra de Deus. Estas tradições humanamente concebidas, recompiladas durante um longo período pelos seus instruídos mestres ou rabinos, foram reunidas em um livro chamado o “Talmud”. Este, por sua vez, tinha duas seções principais, o “Mishna”, ou “Doutrina Geral”, e o “Gemara”, ou “Matéria Ilustrada”.

Pouco a pouco, com o passar do tempo, esta coleção de escritos e interpretações aumentou tanto em tamanho como em prestígio ao ponto de ser aceita pelos judeus como de igual autoridade que as Escrituras e, em alguns casos, permitiu-se que fosse superior a elas.

Esta foi a situação que Cristo enfrentou e que condenou claramente da maneira mais franca e clara perante os judeus de Sua época.

Um destes casos está em Marcos 7.9-13. Cristo, dirigindo-se aos escribas e fariseus, disse: *“Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição. Pois Moisés disse: Honra a teu pai e a tua mãe e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte. Vós, porém, dizeis: Se um homem disser a seu pai ou a sua mãe: Aquilo que poderias aproveitar de mim é Corbã, isto é, oferta ao Senhor, então, o dispensais de fazer qualquer coisa em favor de seu pai ou de sua mãe, invalidando a palavra de Deus pela vossa própria tradição, que vós mesmos transmitistes; e fazeis muitas outras coisas semelhantes”*.

Este caso foi apenas um entre tantos outros. Esta é a situação. Eis aqui um filho cujos pais estão em grande necessidade de dinheiro para seu sustento. A lei de Deus mandava a este filho honrar a seus pais e, portanto, suprir suas necessidades com uma ajuda de dinheiro.

A fim de evitar sua plena responsabilidade neste assunto, este filho pega o dinheiro que deveria ser usado no sustento de seus pais e o chama

de “Corbã”, ou uma dádiva para o templo. Os dirigentes religiosos dos judeus justificavam esta violação deliberada do mandamento de Deus porque sua tradição dizia que seu ato era permitido. As palavras de Cristo neste sentido exigem nossa mais séria consideração: *“Em vão Me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens”* (Marcos 7.7; Mateus 15.9).

As palavras mais severas da ardente denúncia que saíram dos lábios do Filho de Deus foram dirigidas contra os líderes religiosos de Israel. Em Mateus 23, Ele utilizou a frase: *“Ai de vós!”* oito vezes e finalizou dizendo: *“Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?”* (v. 33). O apelo de Cristo foi sempre às Escrituras. Quando um intérprete da lei Lhe perguntou: *“Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Então Jesus lhe perguntou: Que está escrito na lei? Como interpretas?”* (Lucas 10.25-26).

Em outra ocasião, afirmou: *“A Escritura não pode falhar”* (João 10.35). Em Seu Sermão do Monte, Ele disse: *“Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas; não vim para revogar, vim para cumprir”* (Mateus 5.17). Cristo “magnificou a lei” em Sua vida e, ao cumpri-la, o que fez foi *“engrandecer a lei”* (Isaias 42.21). Ele cumpriu, mesmo em seus mínimos detalhes, todas as profecias com respeito à Sua primeira vinda, obedeceu todos os seus preceitos, citou-a constantemente e a amou de todo o coração. Ele nunca permitiu que as tradições dos homens ocupassem qualquer lugar em Sua vida.

Agora observemos como a história se repetiu. Assim como aconteceu nos dias de Cristo, permitindo que a tradição ocupasse o lugar da Palavra de Deus como autoridade única e final em Israel, da mesma maneira se permitiu na cristandade que, em grande parte, aconteça o mesmo.

Por cristandade queremos dizer a totalidade dos sistemas religiosos e organizações que usam o nome de Cristo, quer sejam boas, más ou indiferentes. Sempre devemos fazer distinção entre a cristandade e o Cristianismo. A primeira centraliza-se num sistema de crenças; o segundo centraliza-se em uma Pessoa, o Filho de Deus.

Há um grande sistema religioso que praticamente substituiu a Bíblia pelo Breviário e seu clero suprimiria de boa vontade, por razões óbvias, a publicação, leitura e estudo da Bíblia para os chamados “leigos”.

Até mesmo o Protestantismo tem sido afetado pela tradição. Em algumas de suas denominações, o livro de orações, com sua ordem de serviço, é visto e usado com maior frequência do que a Bíblia. Alguns dão aos volumosos escritos dos chamados Pais da Igreja, que viveram logo após os apóstolos, quase que a mesma autoridade que a Palavra de Deus.

Não passou muito tempo, naqueles dias pós-apostólicos, para que uma maneira de proceder se transformasse num costume. Este, por sua vez, se transformou numa tradição até que gradualmente se lhe permitiu tomar o lugar da Palavra de Deus como a única base de autoridade em assuntos de fé e de prática.

Através dos anos foram introduzidos costumes, regras e normas até que as densas trevas do tradicionalismo desceram sobre a Igreja e escureceram a luz resplandecente das Escrituras Sagradas.

Diante deste estado de coisas, as palavras de nosso Senhor, dirigidas a Israel, deveriam chegar com ênfase especial ao coração de cada crente: *“Em vão Me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens”* (Marcos 7.7).

Já no ano 107 d. C., um destes primeiros Pais, chamado Inácio, escreveu: “Tenhamos cuidado em não nos opormos ao bispo... É evidente que deveríamos estimar ao bispo da mesma maneira como estimamos ao próprio Senhor” (epístola a Éfeso). Este era o perigo que pressentia Paulo e com respeito ao qual escreveu à igreja em Corinto: “Receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo” (2ª Coríntios 11.3).

Certo bispo, falando a um crente acerca de muitas inovações que tinham sido introduzidas no ritual de sua denominação, disse: “Tudo isto é parte do desenvolvimento da igreja desde os dias do Novo Testamento”. O crente respondeu: “Nós lhe damos outro nome: desvio!”

A tendência das tradições humanas é transformar o que no princípio era uma simples ordenança das Escrituras em um ritual complicado e enfeitado, até que se perde de vista seu propósito primordial com uma quantidade de inovações acerca das quais a Bíblia nada diz.

Uma vez permitida que a tradição introduza a fina ponta de sua cunha, praticamente não haverá mais limites para seu desenvolvimento até que, finalmente, a tradição usurpará o lugar das Escrituras divinamente inspiradas como autoridade do crente e corte suprema.

A formosa simplicidade da Ceia do Senhor tem degenerado, por causa das tradições dos homens, ao sacrifício da missa. O que Cristo quis que fosse uma simples e formosa recordação dEle tem sido tão repleta de tradicionalismo que seu propósito original tem sido totalmente perdido de vista.

A velha fábula do camelo e da tenda árabe é bem conhecida. Podemos aprender com ela que, uma vez que permitamos ao camelo da tradição que

ponha seu nariz dentro da tenda da autoridade das Escrituras, logo ela ocupará toda a tenda, não deixando lugar algum para a Palavra de Deus!

Bunyan, em sua alegoria intitulada “A Guerra Santa”, ilustra muito bem este ponto. Quando o exército de Shaddai (Deus), sob as ordens do capitão Boanerges, atacou primeiro a cidade rebelde de Alma Humana, três soldados deste exército (que se tinham oferecido como voluntários enquanto o exército marchava) foram capturados. Seus nomes eram Sr. Tradição, Sr. Invento Humano e Sr. Sabedoria Humana. Sendo levados perante Diabolus (o Diabo), perguntou-se lhes se queriam servi-lo ou morrer.

Eles responderam: “Não vivemos preocupados tanto com o que é certo, mas com as fortunas da guerra. Se tu nos dás nosso salário, te serviremos como servíamos a Shaddai”. Em consequência, alistaram-se no exército de Diabolus e ajudaram Alma Humana a continuar sua rebelião contra Shaddai!

A aplicação é clara. Antes que a Palavra de Deus fosse escrita, a tradição servia no útil propósito de transmitir oralmente, de pai para filho, o relato da criação, da queda, do dilúvio, etc. Mas, uma vez que veio a luz divinamente inspirada e autorizada da palavra escrita de Deus, a tradição já não era mais necessária.

Mas, lamentavelmente, o Diabo agora está usando a tradição para seus fins, não somente para cegar às pessoas a verdade das Escrituras, mas também para substituir a Palavra de Deus pela tradição.

Não importa quão de acordo com as Escrituras um grupo de crentes trate de reunir-se; eles deverão manter-se continuamente alertas para que os métodos de proceder arraigados não sejam considerados como se tivessem autoridade escriturística para sua existência. Nenhum grupo de cristãos está livre deste perigo.

A confusão que se desenvolveu em Israel, e mais tarde na cristandade, por causa da tradição, começou mediante um processo gradual. Como se lhe permitiu continuar sem controle, adquiriu impulso com o tempo até que entrou a apostasia. Podemos observar hoje este fruto nocivo no modernismo, por um lado, e no sacerdotalismo, por outro.

As palavras de Paulo aos santos em Colossos são apropriadas neste sentido: “*Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo*” (Colossenses 2.8)

2. A conveniência humana (2º Samuel 6.1-8; Números 4.15; 7.9).

Outro conceito falso de adoração deve-se a isto. Em lugar de seguir as instruções divinas com respeito à adoração, tal como estão nas Escrituras,

os homens pensam que são mais sábios que Deus e tratam de introduzir diversos embelezamentos que, imaginam, eles melhoram o esquema divino.

Um destes casos está registrado em 2º Samuel 6.1-8. Davi tinha o desejo louvável de trazer a arca de Deus da casa de Abinadabe para o lugar que tinha preparado em Jerusalém. Já temos visto que a arca era o objeto central relacionado com a adoração em Israel, pois era o lugar onde Deus tinha dito que se encontraria com Seu povo e ali teria comunhão com ele. Desta maneira, a arca representava a presença de Deus no meio de Israel.

Em vez de consultar as Escrituras, que davam claras instruções a respeito de como a arca deveria ser transportada de um lugar para outro, Davi ignorou tais instruções de Deus e seguiu o exemplo dado pelos filisteus pouco antes, ao devolverem a arca a Israel (1º Samuel 6.1-12).

Se tivesse examinado as Escrituras, Davi teria descoberto as claras instruções que contêm a respeito do transporte da arca. Deus tinha indicado que deveria ser transportada sobre os ombros dos levitas e que não deveria ser tocada por ninguém, com exceção dos filhos de Arão (compare Números 4.15 com 7.9).

O desastre que resultou fez ver a Davi sua tolice. Três meses depois, Davi seguiu as instruções divinas sobre o transporte da arca e ela foi levada com toda a segurança e grande regozijo ao lugar que tinham preparado para ela (2º Samuel 6.11-15). Obviamente, devemos ter todo o cuidado de não levar esta ilustração a respeito de Davi além dos limites.

Frequentemente aparecem artigos em revistas religiosas nos quais os autores afirmam solenemente que qualquer coisa que seja introduzida nas atividades de uma igreja local que não tenha um claro “*assim diz o Senhor*” para respaldá-la está no mesmo plano do carro novo sobre o qual Davi colocou a arca!

Por exemplo, tem-se afirmado que o uso de um instrumento musical para dar o tom e o tempo correto no canto congregacional de um hino é semelhante à ação de Davi de pôr a arca sobre o carro novo! Nem é preciso dizer que isto é uma pura tolice. Davi, com seu ato, desobedeceu um “*assim diz o Senhor*” claro e definido, mas não temos Escritura alguma a respeito do uso de instrumentos musicais, nem pró e nem contra.

Será de grande ajuda, ao decidir qualquer questão deste tipo, fazer diferença clara entre três palavras em nossa mente: o que seja escriturístico, o que seja antiescriturístico e o que seja não-escriturístico.

Por “escriturístico” queremos dizer aquilo que tem um “*assim diz o Senhor*” definido que o respalda. É assim que deve ser classificada a

pregação do Evangelho, a reunião dos crentes da igreja em nome do Senhor Jesus,...

Por “antiescriturístico” entendemos aquilo que a Palavra de Deus condena e proíbe claramente. Sob esta classificação podemos mencionar, por exemplo, o jugo desigual do crente com os incrédulo,...

Por “não-escriturístico” queremos dizer aquilo em que não temos uma autorização definida das Escrituras, mas que não viola nenhum princípio exposto na Palavra de Deus.

Sob este título poderíamos classificar o hinário usado para cantar, o local onde nos reunimos, os folhetos distribuídos, as Escolas Dominicais, os instrumentos musicais, o uso de filmes e diapositivos, o flanelógrafo, os cursos por correspondência para instruir os crentes num melhor conhecimento da Palavra de Deus, as escolas bíblicas, as conferências bíblicas, etc.

Muito tempo, papel, energia, nervosismo e dinheiro seriam economizados se tivéssemos presente esta diferenciação. Muitas vezes tais discussões comprovam a verdade expressa certa ocasião por um conhecido ensinador bíblico: “É possível em certos casos que os crentes pareçam ser mui solenes, quando, na realidade, estão sendo mui tontos!”

Voltemos agora ao ato de Davi, no qual imitou a estratégia mundana dos filisteus, inimigos do povo de Deus, em vez de consultar as Escrituras para ver o que elas diziam sobre o caso. Por causa da introdução da conveniência humana, o juízo divino caiu sobre Uzá, a adoração do povo de Deus foi atrapalhada e o próprio Davi se encheu de temor.

Naquele dia, nenhuma adoração partiu do coração de Davi. Em lugar disso, houve um sentimento de distanciamento de Deus e um temor de Deus, porque lemos: *“Temeu Davi ao Senhor, naquele dia”* (2º Samuel 6.9). Mas não foi só isto. Por causa da conveniência humana, roubou-se a Deus a parte que Lhe correspondia de Seu povo e a Sua santa Palavra foi menosprezada. Sob qualquer ponto de vista, não houve proveito algum.

Que mudança admirável ocorreu três meses depois! Davi tinha aprendido a lição. Agora ele permitiu que a Palavra do Senhor o guiasse em sua adoração ao Senhor. Nos é dito que *“Davi, com todo o Israel, fez subir a arca do Senhor, com júbilo e ao som de trombetas... introduziram a arca do Senhor e puseram-na no seu lugar, na tenda que lhe armara Davi; e este trouxe holocaustos e ofertas pacíficas perante o Senhor”* (2º Samuel 6.12-19).

E não foi somente isso, mas Davi escreveu, sob inspiração divina, um formoso Salmo para ser cantado nesta ocasião, no qual estão estas palavras: *“Tributai ao Senhor a glória devida ao Seu Nome; trazei oferendas*

e entrai nos Seus átrios; adorai o Senhor na beleza da Sua santidade” (1º Crônicas 16.29; veja-se também o Salmo 96).

Temos considerado o efeito da tradição judaica em Israel. Neste caso de conveniência humana, a história também se tem repetido novamente na cristandade. A forma simples e bíblica de reuniões na igreja, tal como está descrita em Atos dos Apóstolos e nas Epístolas, tem sido substituída, em grande parte por ter-se apelado à conveniência humana, por sistemas complexos e sumamente organizados de crenças religiosas, todos os quais pretendem ser cristãos em sua composição.

Em muitos destes sistemas, é difícil reconhecer vestígio algum do esquema escriturístico revelado em o Novo Testamento. Como consequência disto, há uma escassez de vida espiritual, a qual, por sua vez, se manifesta em uma grande falta de verdadeira adoração espiritual.

Este estado de coisas, como o caso da tradição, não foi obra de um momento – o erro raras vezes o é —, mas foi o resultado de um acúmulo gradual de conveniências humanas durante um período considerável de anos e que já começou no início do segundo século. Seria proveitoso que cada cristão se familiarizasse com estes casos, lendo um bom livro sobre a História da Igreja. A obra de Broadbent “The Pilgrim Church” (A Igreja Peregrina) seria um bom começo neste sentido.

O primeiro destes afastamentos da Palavra de Deus foi a formação de uma casta especial entre os cristãos, que foi denominada de “clero”. Gradualmente, aqueles crentes que tinham recebido do Senhor o Dom de pregar, de ensinar e de guiar, começaram a comportar-se com ar de superioridade, reclamando uma posição especial para si mesmos, formando uma casta, com privilégios exclusivos, diferentes dos privilégios dos demais crentes. Isto, por sua vez, resultou em uma rivalidade dentro desta casta especial, pois cada um queria obter a posição de líder principal.

Finalmente, realizaram-se eleições, nas quais o mais popular desta casta era eleito mediante votação através de mãos levantadas. Então ele era formalmente ordenado e colocado à frente da assembleia e passava a ser o “clérigo”. Houve aqueles que não queriam este afastamento do modelo divino, mas gradualmente esta oposição deu lugar à tolerância e finalmente este novo modelo foi aceito pelas diversas igrejas de crentes.

Deste modo, a verdade escriturística do sacerdócio de todos os crentes foi substituída pela mediação e pelo governo do clero (1ª Pedro 2.5-10; Apocalipse 1.5-6). Os dons de Cristo aos membros do Seu Corpo para sua mútua edificação estavam agora limitados, em sua manifestação na igreja local, a um homem (1ª Coríntios 12.1-31). Assim entrou o mal do

profissionalismo na igreja de Deus e quantos estragos tem causado através dos séculos! Mediante este claro desvio da Palavra de Deus, abriu-se o caminho para outras inovações, que aumentaram a influência do “clero” sobre os “leigos”.

Com o tempo surgiu o episcopado, ou o governo de um bispo sobre uma igreja. Mais adiante, este foi ampliado ao governo de um bispo sobre várias igrejas de um distrito, originando-se deste modo o “modelo diocesano”. Surgiu uma rivalidade entre bispos diocesanos até que, finalmente, ao redor do século quatro, o bispo de Constantinopla atribuiu-se a si mesmo o título de “bispo universal” sobre todas as igrejas da terra!

Estamos observando que a inovação de Davi, ao colocar a arca sobre um carro novo, não deixou de ter imitadores. Seu ato constitui um exemplo típico do que tem acontecido na cristandade, cujos males podemos observar com nossos próprios olhos.

Outro invento da conveniência humana e que tem contribuído muito para a fome espiritual e a conseqüente falta de adoração é a falsa teoria de que as crianças aspergidas com algumas gotas de água por um clérigo são regeneradas pelo Espírito Santo; seriam, deste modo, feitas “filhos de Deus e membros do Corpo de Cristo”!

Logicamente, isto é uma negação clara do ensino bíblico de que o batismo, por imersão, é unicamente para aqueles que nasceram de novo por meio de sua fé na mensagem do Evangelho e de sua aceitação de Cristo como seu Salvador pessoal (Efésios 1.13; Marcos 16.16; Mateus 28.19-20; Atos 10.47; 18.8).

O resultado de tal afastamento do claro ensino das Escrituras é a existência de uma vasta legião de pessoas que se chamam cristãs, mas que nada sabem do poder regenerador do Espírito Santo em suas vidas. Carecendo de vida espiritual, estão “mortos em seus delitos e pecados” (Efésios 2.1) Estando neste estado, são incapazes de compreender e de participar da verdade espiritual, de agradar a Deus e de dar-Lhe a adoração que Lhe é devida. Da mesma maneira que Davi provocou um grave problema ao colocar a arca num carro novo, esta malvada doutrina da “regeneração pelo batismo” tem resultado numa terrível tragédia espiritual.

Poderíamos citar muitos outros casos de inovações deste tipo introduzidas pela conveniência humana, mas estes dois devem ser suficientes. É só ir a certos lugares chamados “lugares de adoração” para ver os perniciosos e trágicos efeitos de tais inovações, que modificaram completamente o que caracterizou a simplicidade escriturística das reuniões dos santos.

Quando se assiste a tais reuniões para a “adoração pública” bem se poderia formular as seguintes perguntas: “De onde saíram estas vestimentas luxuosas, estes sininhos, estas velas ardentes, este incensário fumegante, estas cruzes, este santuário reservado unicamente para o clero; este altar sem sangue; este ritual enfeitado com a cadência uniforme de orações confeccionadas e respostas ordenadas para a congregação, e esta distinção profana entre clero e leigos? Com que autoridade têm sido introduzidas estas inovações? Têm elas uma origem divina e uma base escriturística?”

A resposta é um taxativo não. São só resultados da conveniência humana, que tem substituído a adoração espiritual e escriturística que a Palavra de Deus ensina claramente, pondo em seu lugar as inovações humanas.

3. A Voz da Igreja

Outro dos falsos conceitos de adoração deve-se ao fato de ter-se dado aos decretos dos Concílios da Igreja a mesma autoridade que à Palavra de Deus, ou até mesmo preeminência sobre ela. Têm sido celebrados muitos Concílios desde que a Igreja foi formada. As decisões destes Concílios têm sido emitidas em forma de credos e de decretos que todos devem receber, guardar e manter, sob a pena de excomunhão.

Não é somente a Igreja Católica Romana, mas também algumas denominações protestantes, que insistem na autoridade da Igreja, representada por um corpo central que a governa, tal como um Sínodo, para decidir por maioria de votos sua política eclesiástica. Não é demais insistir no fato que tal procedimento não está de acordo com os princípios expostos nas Sagradas Escrituras.

Pode ser que alguém recorra a Mateus 16.19, onde Cristo disse a Pedro: “*O que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado no céu*” e pergunte: “Estas palavras não conferem autoridade à Igreja, tanto para formular quanto para fazer cumprir seus decretos?”

O dr. C. B. Williams, em sua excelente tradução do Novo Testamento, que destaca os tempos do verbo em seu original grego, traduz esta passagem assim: “*Tudo o que proibais na terra **deverá ser o que já está proibido no céu...***” O céu não se preocupa em colocar um selo de aprovação sobre toda decisão tola ou errada tomada pelo homem ou por qualquer conjunto de homens sobre a terra.

A outra Escritura utilizada muitas vezes como pretensão para apoiar a pretensa autoridade da Igreja para emitir decretos é Mateus 18.17. As palavras de nosso Senhor são: “***Se recusar ouvir também a igreja,***

considera-o como gentio e publicano". O contexto destas palavras deveria ser suficiente para indicar que não se ensina que a Igreja tem autoridade para emitir decretos.

O assunto considerado aqui é simplesmente o pecado de um cristão contra outro e o procedimento que deve ser adotado para conseguir a reconciliação entre irmãos. Tem sido dito muitas vezes, e com toda razão, que **“um texto, sem contexto, é um pretexto”!**

Precisamos apenas consultar a Bíblia para confirmar este fato. No último livro da revelação divina, são dirigidas sete cartas a sete igrejas determinadas, cada uma das quais existia naquela época. Não deixa de ser significativo que cada uma das cartas tenha uma mesma frase. Observemo-la cuidadosamente e permitamos que sua verdade penetre em nosso coração: *“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas”* (Apocalipse 2.7, 11, 17, 29; 3.6, 22).

Aqui está, pois, nossa única autoridade para a adoração e para qualquer outra expressão de atividade cristã ou da igreja. Não se trata do que diz este ou aquele **Concílio** ou **Sínodo**; unicamente o que o **Espírito** diz tem autoridade para cada igreja e para cada crente desta igreja. Na Palavra de Deus, completa, temos **tudo o que o Espírito disse às igrejas** e não precisamos de outra autoridade fora dela.

O Senhor não deixou Sua Igreja à mercê e ao capricho de Concílios ou de Sínodos de homens, não importando quão sinceros nem quão versados sejam em sua teologia. Lemos que *“toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”* (2ª Timóteo 3.16-17).

Diante disso, dizemos: Fora com Concílios, Sínodos, decretos, bulas, ordens de serviço prescritas, livros de ritual e livros de disciplina! Não precisamos deles porque temos na divinamente inspirada Palavra de Deus tudo o que *“o Espírito diz às igrejas”* e isto é suficiente para equipar perfeitamente as igrejas do povo de Deus como um todo e cada homem de fé em particular!

O formalismo e a apostasia na cristandade atual devem-se ao fato de que se permite que “a voz da Igreja” substitua “a voz do Espírito”. A “ordem de adoração pública” tem sido previamente estabelecida. Tem-se determinado o texto exato de cada oração para cada domingo do ano. O serviço é realizado com uma uniformidade mecânica, com suas orações e respostas já preparadas, e o ouvinte fica impressionado com o que diz o Livro de Ritual e não com *“o que diz o Espírito”*.

Não se dá liberdade para que o cristão espiritual se ocupe em adoração voluntária e espontânea, conforme guiado pelo Espírito de Deus. Ele deve prosseguir nas linhas gravadas e secas do tal Ritual até que tenha terminado o serviço religioso. Estas orações, com suas generalizações e com lindas palavras, podem apelar para a natureza estética que existe em todos os homens, mas que não pertence ao domínio do Espírito. Lemos que *“onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade”* (2ª Coríntios 3.17).

O Novo Testamento nada diz de uma “ordem de adoração pública”. O Espírito de Deus deleita-se em guiar os corações dos crentes em adoração espontânea, enquanto se aproximam com um santo atrevimento pelo *“caminho novo e vivo”*, sem impedimentos colocados pela “voz da Igreja” ou sem as orações estereotipadas que alguém compôs para a ocasião.

Esta é a liberdade espiritual que é um direito de nascimento de toda alma regenerada e pela qual deve estar disposta a dar a sua vida, se necessário. Hoje há uma grande necessidade daqueles que, como o povo de Bereia, esquadrinhem cada dia as Escrituras para ver se o que se lhe ensina é de fato o que está escrito; aquele povo logo agia de conformidade com o que encontrava escrito nelas, para a glória de Deus em adoração e para a sua própria bênção mediante a obediência (Atos 17.11).

4. A direção da própria consciência.

Muitas vezes ouvimos dizer: “Cada pessoa deveria estar em liberdade para adorar a Deus de acordo com a sua própria consciência”. Embora isto soe bem, é um conceito completamente errado em relação ao que Deus diz acerca da verdadeira adoração. O que nos faz refutar tal afirmação é o fato de não ser mencionada nenhuma autoridade mediante a qual a consciência seja guiada ou regulada em sua escolha.

Mesmo que qualquer pessoa concorde em que não se deve obrigar ninguém a adorar a Deus segundo leis humanas, quer sejam civis ou eclesiásticas, a consciência, em si mesma, não é um guia certo.

Acrescentando mais algumas palavras, podemos transformar este conceito falso em outro verdadeiro. Enunciemo-lo da seguinte maneira: “Cada pessoa deve estar em liberdade para adorar a Deus de acordo com a direção de sua própria consciência iluminada pela, e obediente à, revelação que Deus tem deixado nas Santas Escrituras”.

Só precisamos recorrer à Bíblia para descobrir que cria-se uma confusão total quando cada pessoa age “de acordo com a sua própria consciência”. O livro de Juízes contém a triste história de Israel logo após a morte de seu grande líder Josué. É o relato mais deprimente da apostasia idólatra e do castigo de Israel, seguidos por sua confissão e libertação, repetidos monotonamente, vez após vez (veja Juízes 2.11-23).

A frase chave nesta história de fracassos está no último versículo do livro: *“Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto”* (Juizes 21.25; 17.6). É desnecessário destacar que, nestas condições, pouca adoração Deus recebia de Seu povo Israel.

A consciência pode ser comparada com um relógio de sol que só pode indicar as horas enquanto se permita que os raios solares brilhem sobre ele. Uma pessoa recorrendo a este relógio de sol de noite e com uma lanterna fará com que o relógio indique a hora que ela quiser!

Assim, a consciência deve ser iluminada pela Palavra de Deus se há de ser um fator que contribua para a nossa adoração. Uma consciência não iluminada pode guiar uma pessoa, como aconteceu com Paulo, a *“praticar contra o Nome de Jesus, o Nazareno”* muitas coisas (Atos 26.9).

Milhares de cristãos têm sofrido o martírio infligido por mãos de homens religiosos que agiram com sinceridade, de *“acordo com sua própria consciência”*! O fato de uma pessoa ser sincera e consciente enquanto age contra a revelação da Palavra de Deus só faz com que as consequências sejam mais trágicas. É possível ser sincero e estar, ao mesmo tempo, sinceramente equivocado! Os caçadores de cabeças de Bornéu podem caçar e matar conscientemente a um homem!

Deus não tem deixado Seu povo com a sua consciência como único guia; tem-lhe dado a Sua Palavra, por meio da qual o homem pode ajustar a sua consciência.

Sobre a parede que rodeia o Observatório Real de Greenwich há um grande relógio de 24 horas que dá a hora certa para todo o mundo. Os turistas que param diante deste relógio acertam seus relógios por este relógio. Suponhamos que este relógio represente a Palavra de Deus e os relógios dos turistas, a consciência de cada um. Temos, pois, uma boa ilustração do lugar e do propósito da consciência humana, conforme as Escrituras. A consciência só é um guia na medida em que ela se ajuste à Palavra de Deus e se governe por ela.

Este é um conceito falso que leva muitos a aconselharem aos novos convertidos a *“unir-se à igreja de sua preferência”* ou a indicar, nos cartões de decisão de campanhas evangelísticas, *“a sua igreja preferida”*. As Escrituras não concedem ao cristão o direito de *“unir-se à igreja de sua preferência”*, nem de *“adorar a Deus conforme a sua própria consciência”*.

Deus tem dado a cada crente, em Sua Palavra ***“todas as coisas que pertencem à vida e à piedade”***. Feliz será aquele que não descansa enquanto não saiba, firmado na revelação divina, que está no lugar em que Deus quer que ele esteja e que adora com uma boa consciência ajustada e regulada pelas Sagradas Escrituras (2ª Pedro 1.3-4).

2 – ALGUMAS APRECIÇÕES ERRADAS SOBRE A ADORAÇÃO

Tendo destacado bastante extensamente alguns conceitos falsos com respeito à adoração, consideremos agora algumas apreciações erradas quanto a ela.

Um conceito falso sempre resulta em uma apreciação errada. Consideremos três delas: 1) A materialista; 2) A religiosa; 3) A do crente indouto.

1. A apreciação materialista (Êxodo 5.1-17).

Quando Moisés se apresentou perante Faraó com seu pedido: *“Deixa ir o Meu povo, para que Me celebre uma festa no deserto”* (v. 1), a resposta do rei ímpio foi: *“Quem é o Senhor para que Lhe ouça eu a voz e deixe ir a Israel? Não conheço o Senhor, nem tampouco deixarei ir a Israel”*.

Esta é uma linguagem do materialismo, que emana da inimizade com Deus e da ignorância com respeito a Ele. Faraó não somente recusou obedecer a voz de Deus, mas ainda fez mais amarga a escravidão de Israel, aumentando suas cargas. *“Estão ociosos e, por isso, clamam: Vamos e sacrifiquemos ao nosso Deus”* (v. 8). Mais adiante, disse: *“Estais ociosos, estais ociosos; por isso dizeis: Vamos, sacrifiquemos ao Senhor. Ide, pois, agora e trabalhai”* (vv. 17-18).

Para este rei, o desejo expresso pelo povo de Deus de obedecer às Suas ordens e adorar a Deus era simplesmente uma desculpa para evitar o trabalho pesado e, portanto, uma indicação de preguiça. Ele pensava que o tempo deles seria melhor aproveitado trabalhando com suas mãos para ele.

O Egito é, nas Escrituras, símbolo do mundo materialista, que trata de viver sua vida independentemente de Deus e de Seu Filho. A atitude incrédula e rebelde de Faraó para com Deus e Seu povo ilustra muito bem a opinião do homem de hoje.

Para ele as coisas espirituais e a adoração de Deus não significam absolutamente nada, exceto talvez um desperdício inútil de energia e de dinheiro. Realmente, alguns afirmam atrevidamente que “a religião é o ópio dos povos”. Por “religião” querem dizer tudo que se relacione com o espiritual, em contraste com o físico.

O cínico considera que quaisquer esforços espirituais relacionados com o Evangelho, entre eles a adoração do povo de Deus, fazem parte de uma enorme “fraude sistematizada” mediante a qual tira-se o dinheiro de um público crédulo. Outros adotam a atitude indiferente de Gálio, o juiz

romano. As Escrituras nos dizem que ele *“não se incomodava com estas cousas”* (Atos 18.17).

Podemos imaginar o que um mundano, assistindo acidentalmente uma reunião de adoração, diria a seus companheiros. “Estas pessoas que se reúnem num prédio são um montão de iludidos! Sentaram-se diante de uma mesa e permaneceram com seus olhos fechados a maior parte do tempo. De vez em quando, um se levantava e orava e, depois de algum tempo, outro pedia um hino e, desta maneira, perderam uma hora sem fazer nada!”

A razão de sua apreciação errada da adoração é fácil de compreender. *“O homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente”* (1ª Coríntios 2.14).

A mente do homem está, por natureza, em inimizade com Deus. Não deseja e não pode compreender a realidade espiritual. Menos ainda pode compreender a importância e o valor da adoração do povo de Deus.

2. A apreciação religiosa (Atos 24.14).

“Confesso-te que, segundo o Caminho, a que chamam seita, assim eu sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as cousas que estejam de acordo com a lei e nos escritos dos profetas”. Estas palavras foram pronunciadas por Paulo perante Félix, respondendo à falsa acusação trazida contra ele por Tértulo. Paulo foi acusado de ser *“uma peste e promove sedições entre os judeus esparsos por todo o mundo, sendo também o principal agitador da seita dos nazarenos”* (v. 5).

Disto deduzimos que, nos dias de Paulo, a apreciação religiosa que tinham os religiosos judeus sobre o que era a verdadeira adoração de Deus era “heresia”! Para seus olhos cegados pela religião, Paulo era um herege. Eles já tinham formado sua própria opinião sobre “adoração” e, como Paulo se opunha a seus conceitos torcidos e totalmente errados, o chamaram de “herege”. Com este conceito errado das Escrituras o perseguiram e de boa vontade lhe teriam tirado a vida.

Não existe outro tipo de perseguição tão amarga e vingativa como a que provém de pessoas religiosas. Milhares de cristãos nobres, sinceros, espirituais e devotos têm selado seu testemunho com seu próprio sangue porque se atreveram a possuir um propósito firme e a demonstrá-lo publicamente. Não se surpreenda o crente que, tendo aprendido o que é a verdadeira adoração e agindo nesta base, seja chamado de “herege”, não só por parte do mundo materialista, mas também por aqueles que são sincera e intensamente zelosos em sua própria religião!

Existe atualmente um sistema religioso no mundo atual que denomina de “hereges” a todos aqueles que recusam aprovar seus credos, inclinar-se às suas decisões e unir-se às suas fileiras.

Nos primeiros dias do Cristianismo foi a Roma **pagã** a que perseguiu os cristãos. Na Idade Média a Roma **religiosa** fez o mesmo! Esta perseguição do espiritual pelo religioso é tão antiga como o ódio de Caim e a perseguição de Abel. Caim era um homem religioso, pois trouxe uma oferta ao Senhor, mas negou-se a vir a Deus do modo como Deus tinha revelado claramente, tanto a ele quanto a seu irmão. A oferta de Caim não foi **adoração de um falso deus**, mas **falsa adoração do Deus verdadeiro**. Não se passou muito tempo depois de Deus recusar sua oferta e Caim manchou suas mãos com o sangue inocente de seu irmão justo (Gênesis 4.1-15; 1ª João 3.12; Judas 11; Hebreus 11.4).

O cristão que se preocupa em adorar a Deus no Espírito e de acordo com a verdade revelada nas Escrituras, talvez seja obrigado a romper os vínculos com o sistema religioso com o qual até então estava identificado. Geralmente, estes sistemas não toleram afastamento algum de sua ordem organizada, de suas tradições, de seus ritos e de seus mandamentos humanos.

Esta separação de tal associação com eles trará a ira de seus companheiros religiosos, que não vacilarão em denegri-lo e de estigmatizá-lo como “um herege”. Será acusado de ter-se convertido em um “traidor da fé de seus pais” e terá que sofrer certa medida de ignomínia, de desprezo e de perseguição, mas vale a pena pagar o preço. Nosso Senhor disse: *“Bem-aventurados sois quando, por Minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós”* (Mateus 5.11). Toda a popularidade, poder, posição e riqueza deste mundo jamais poderão recompensar ao crente seu fracasso em não obedecer a Palavra de Deus neste assunto tão importante da adoração.

3. O crente indouto (Mateus 26.6-13).

Já temos considerado o incidente do ato de devoção de Maria. Referimo-nos novamente a ele só para chamar a atenção à apreciação errada que alguns dos discípulos de Cristo tiveram em relação a este maravilhoso ato de adoração que tinham presenciado. Seu comentário foi: *“Para que este **desperdício?**”* Argumentaram que aquele custoso perfume poderia ter sido vendido e que o dinheiro poderia ter sido dedicado a um propósito mais útil como, por exemplo, poderia ter sido dado aos pobres! Tiraram tal conclusão considerando que o perfume tinha sido **desperdiçado** derramando-o sobre Cristo!

O comentário de nosso Senhor sobre tal ato imortalizou para sempre esta mulher. Jesus disse dela: *“Ela praticou boa ação para comigo... Em verdade vos digo: Onde for pregado em todo o mundo este Evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua”* (vv. 10-13).

Deste incidente deduzimos que muitas vezes os verdadeiros cristãos não percebem a tremenda importância e o grande valor da adoração. Muitos crentes são tão ativos em seu serviço para o Senhor que não conseguem apreciar a atitude de seus irmãos crentes que insistem na importância suprema da adoração e tomam deliberadamente o tempo e o esforço necessários para dar à adoração ao Senhor o lugar que lhe corresponde na congregação do povo do Senhor.

Inclinam-se a criticar àqueles cristãos que assiduamente tomam o tempo necessário para reunir-se, conforme a simplicidade bíblica, para recordar ao Senhor Jesus cada dia o Senhor no partir do pão e na participação do cálice. Sustentam que o tempo e o esforço que tal reunião de adoração demanda poderiam ser utilizados com maior proveito, quer seja na pregação do Evangelho aos não convertidos, quer seja escutando um sermão ministrado por algum mestre dotado da Palavra, quer ainda assistindo e participando de uma reunião preparada de antemão sob a direção de um clérigo ordenado que se encarregaria de que tudo transcorresse afavelmente desde o primeiro hino a ser cantado até a bênção final.

A resposta a tais críticas é que, em primeiro lugar, não podemos melhorar o sistema bíblico e que o verdadeiro valor da adoração abnegada daqueles que amam ao Senhor Jesus é valorizada pelo próprio Salvador. Resulta ser desnecessário dizer que aqueles que viram por si mesmos estas preciosas verdades na Palavra de Deus deveriam tratar de transmiti-las, de modo humilde, amoroso e cheio de graça, a seus irmãos crentes.

Deveríamos imitar o exemplo de Áquila e de Priscila. Este casal, com o temor de Deus, observou que Apolo precisava de um maior ensino da Palavra de Deus e o tomou à parte, expondo-lhe mais exatamente o caminho de Deus (Atos 18.26).

3 – AS ESCRITURAS DEVEM SER A NOSSA ÚNICA AUTORIDADE EM RELAÇÃO À ADORAÇÃO

Tendo considerado alguns dos conceitos errados de adoração e tendo examinado algumas apreciações erradas sobre ela, vamos considerar agora

o que constitui a única autoridade do crente com respeito à adoração. Isto pode ser expresso em três palavras: **as Sagradas Escrituras**.

Assim como a Palavra de Deus, sozinha, sem nenhum tipo de acréscimo ou de supressão, é nossa única autoridade para o caminho da salvação e sua certeza, da mesma maneira ela deve ser a única autoridade final em todo assunto relativo à doutrina, à vida e à piedade.

A necessidade disto é óbvia para qualquer pessoa sensata. Quando uma pessoa recebe um convite para apresentar-se a um rei ou a um chefe de Estado, imediatamente consulta as regras utilizadas em tais ocasiões a fim de ajustar-se a estas regras.

Seria simplesmente tolice dizer: “Irei quando eu quiser, me vestirei como eu bem entender e me comportarei conforme o meu gosto. Se o rei não gostar, azar dele. Tenho minhas ideias e conceitos de como devo me comportar!” Tal pessoa certamente perderia o favor do rei e logo seria retirada do palácio!

Nossa conduta na sociedade é regida em grande parte por certos costumes estabelecidos que têm sido ajuntados em manuais de etiqueta. Emily Post é uma autoridade reconhecida nos Estados Unidos sobre este assunto. Todas as pessoas que desejam ter êxito na vida social não só procuram esta informação autorizada, mas a “leem, sublinham e digerem interiormente” para reger seu comportamento social de acordo com ela. Agindo assim, evitam-se muitos problemas.

Até mesmo os jogos devem ser julgados de acordo com certas regras preestabelecidas e a autoridade mais citada é Hoyle. Todas as disputas em relação a certos jogos são submetidas à arbitragem desta famosa autoridade. O provérbio: “Está de acordo com Hoyle” constitui o ponto final em qualquer disputa.

Já que são necessárias certas regras e normas estabelecidas para governar nosso comportamento na presença de uma alta autoridade, ou de nossos companheiros, que diremos com respeito à questão muito mais transcendental e importante de nossa aproximação do grande Deus do Universo e de nosso comportamento em Sua presença?

É essencial a existência de uma orientação reconhecida nesta matéria e Deus a manifestou na revelação divinamente inspirada que Ele nos deu na Bíblia. Não nos foi deixado nosso critério particular para os guiarmos em relação a isso. Antes, possuímos as Escrituras como fonte de informação a respeito desta questão tão importante.

1. Como se observa no Antigo Testamento.

As instruções de Deus no Antigo Testamento com respeito à instalação do Tabernáculo, com o qual estava estreitamente vinculada a adoração em Israel, foram dadas minuciosamente a Moisés.

Ordenou-se-lhe muitas vezes que todas as coisas deveriam ser feitas “segundo o modelo” que Deus lhe tinha dado (Êxodo 25.9-40; 26.30; 27.8; Hebreus 8.5). O último capítulo de Êxodo nos relata como Moisés seguiu ao pé da letra estas instruções no desenho e montagem do Tabernáculo. Sete vezes é repetido que ele fez isso ou aquilo “segundo o Senhor ordenara a Moisés” (vv. 19, 22, 23, 25, 27, 29 e 32), Não nos surpreende ler que “a glória do Senhor encheu o tabernáculo” (v. 34). Foi a resposta de Deus a uma obra que tinha sido realizada de acordo com as Suas instruções.

2. Como se observa em o Novo Testamento.

Quando chegamos às páginas do Novo Testamento, descobrimos que a adoração não mais está relacionada com o Tabernáculo, nem com um templo feito por mãos humanas. O sacerdócio araônico, com todo o seu detalhado ritual, finalizou com o sacrifício de Cristo. Mediante este único sacrifício, que Ele “ofereceu uma vez e para sempre” o problema do pecado foi resolvido perante um Deus santo.

Todo pecador que descanse agora na obra consumada de Cristo e O receba pela fé como seu próprio Salvador, reconhecendo-O como seu Senhor, não somente é salvo eternamente, mas é também constituído sacerdote para Deus, com o privilégio de entrar na Sua presença e adorar. Cristo é agora o grande Sumo Sacerdote do crente e todo crente pode, por Seu intermédio, entrar livremente na presença de Deus e oferecer-Lhe o sacrifício de louvor e adoração (Hebreus 9.10; 13.15; 1ª Pedro 2.5).

Será em vão procurar nas Escrituras do Novo Testamento regras e normas que governem uma “ordem de serviço” para qualquer reunião de adoração dos santos. Em vez de regras rígidas e fixas, encontramos certos princípios amplos que faremos bem em respeitar e seguir como modelo. À medida que lemos e relemos as páginas dos Atos dos Apóstolos e das Epístolas, nos impressionam certas diretrizes bem definidas que caracterizavam as primeiras igrejas de cristãos quando, guiadas pelo Espírito, se reuniam ao Nome do Senhor Jesus em comunhão como igreja local.

Estas igrejas, que começaram como resultado da bênção de Deus na pregação dos apóstolos e de outros, multiplicaram-se de maneira admirável como é descrito no livro dos Atos dos Apóstolos. A seu devido tempo, foram dirigidas a estes diversos grupos de cristãos cartas escritas por inspiração divina. Nestas epístolas também podemos observar muito

acerca da ordem que prevalecia nestas igrejas e acerca dos princípios que as caracterizavam.

Algumas destas cartas foram escritas para corrigir certos abusos de comportamento que existiam, como, por exemplo, as epístolas aos Coríntios e aos Gálatas. Outras foram escritas para alentar os crentes e outras, para confirmá-los na doutrina. Deste modo, temos em o Novo Testamento tudo quanto precisamos como orientação para a adoração e para o serviço do povo de Deus na época atual.

Consideremos brevemente algumas destas características que marcavam estas igrejas neotestamentárias de crentes regenerados, tendo presente que este é o modelo divino que nos tem sido deixado para que o sigamos.

a) Estas igrejas eram compostas por grupos de crentes que reconheciam a Cristo como Senhor (1ª Coríntios 1.2).

Cristo era o Centro de reunião. Reuniam-se apenas em Seu Nome (Mateus 18.20). Reconheciam Sua supremacia absoluta, não apenas na Igreja como unidade, mas em cada igreja local de crentes (Apocalipse 1.12, 13-20; Efésios 1.22-23). Não existia dúvida alguma na mente de tais pessoas sobre quem era o Cabeça da Igreja. Não havia “clérigos” com preparo teológico, ordenados pelos homens, para officiar a Ceia do Senhor e “administrar os sacramentos”, sem cuja presença a Ceia do Senhor não podia ser celebrada. Cristo era o Anfitrião em Sua própria Ceia e todos os crentes eram Seus hóspedes privilegiados.

b) Cada igreja local, onde quer que se reunisse, era autônoma.

Cada uma era diretamente responsável ao Senhor por sua existência, ordem e disciplina. As Escrituras não apresentam coisas tais como fusões ou combinações de igrejas com um corpo central de governo, tal como observamos hoje na cristandade. Nenhuma igreja interferia em assuntos de outra igreja, mas **cada uma era uma unidade distinta**. No entanto, embora exteriormente distintas, estas igrejas estavam unidas umas às outras pelo laço forte e invisível da comum lealdade a Cristo e à Sua Palavra.

c) Cada crente em cada igreja era reconhecido como sacerdote para Deus.

E tinha liberdade para exercer seu sacerdócio conforme guiado pelo Espírito, os irmãos em voz alta e as irmãs silenciosamente (1ª Coríntios 14.34; 1ª Pedro 2.9; Apocalipse 1.6). Em nenhum lugar é mencionado um programa preparado de antemão a ser seguido nas reuniões de adoração. Nada nos é dito acerca de orações preparadas e selecionadas por uma

comissão especialmente escolhida a serem recitadas durante o serviço religioso. Suas reuniões eram espontâneas.

Paulo pôde dizer: *“Quando vos reunis, um tem salmo, outro, doutrina, este traz revelação, aquele, outra língua, e ainda outro, interpretação. Seja tudo feito para edificação”* (1ª Coríntios 14.26). Não se faz distinção alguma, nem sequer entre o chamado “clero” e os “leigos”. Todos os crentes ocupavam a mesma posição como “sacerdotes de Deus”.

d) Cada igreja reconhecia e permitia o livre exercício e desenvolvimento de cada dom espiritual.

Dom este conferido pelo Senhor sobre os membros do Seu Corpo (Efésios 4.12; 1ª Coríntios 12.8-11; 14.14). Estes dons não estavam limitados a um determinado homem chamado “o ministro”. Havia uma multiplicidade de dons que, exercida sob a direção e o poder do Espírito, era utilizada por Deus para edificar toda a igreja e satisfazer suas necessidades espirituais.

e) Cada igreja tinha lugar para toda a Palavra de Deus.

Nenhuma igreja se “especializava” em determinada verdade à custa das demais ou excluindo-as. Seu lema era: “Toda a verdade de Deus para todo o povo de Deus”. Quando se tratava da revelação divina, não havia “coisas secundárias” (Atos 20.32; 2ª Timóteo 3.16-17).

f) Estas igrejas não estavam divididas em um número de denominações diferentes.

Não havia possibilidade alguma nessa época de um convertido ser incomodado por diversas denominações, todas elas impondo suas pretensões para conseguir sua adesão, lealdade e apoio. Existia apenas uma união ao único Corpo e a comunhão era desfrutada com todos os membros deste Corpo. Cada pessoa, uma vez salva, associava-se com uma igreja de crentes no lugar e distrito onde morava.

Paulo condenou decisivamente pelo Espírito a aparição de facções ou partidos na igreja de Corinto (1ª Coríntios 1.10-15; 3.1-10). O Novo Testamento não contempla nem o denominacionalismo, nem o inter-denominacionalismo, mas apresenta o denominacionalismo.

g) Cada igreja era composta apenas por crentes.

Ou, pelo menos, por pessoas que tinham manifestado crer no Filho de Deus. Estas igrejas neo-testamentárias não consistiam numa mistura de salvos e de incrédulos, como se observa nas igrejas da atualidade (Atos 5.13). As cartas enviadas a estas igrejas eram dirigidas àqueles que estavam “em Cristo Jesus” (Romanos 1.17; 1ª Coríntios 1.2; 2ª Coríntios 1.1; Efésios 1.1; Filipenses 1.1).

h) Estas igrejas recebiam de boa vontade em sua comunhão a todos os cristãos sãos na doutrina.

Além disso, deveriam ter boa vida moral e bom testemunho da igreja de onde provinham. Não criaram “provas de comunhão” artificiais, mas recebiam-se uns aos outros “para a glória de Deus” (Romanos 15.7). Não havia “bancos de trás” para “o querido irmão ou irmã em Cristo” que não estava “em comunhão com eles”! Reconhecia-se que a Ceia do Senhor era para o povo do Senhor e que a **vida** em Cristo e não a **compreensão** das Escrituras, era o requisito essencial para a comunhão (1ª João 1.3).

i) Estas igrejas eram lugares onde podia-se manter uma disciplina piedosa.

Foram as desordens da igreja de Corinto que causaram a carta de repreensão de Paulo, na qual se encontra a bem conhecida exortação: “*Tudo seja feito com decência e ordem*” (1ª Coríntios 14.40). O pecado público deve ser julgado e tratado na igreja, pois ela é o templo santo que Deus deseja (1ª Coríntios 3.16-17; 5.1-6).

Deste modo, como já deixamos claro, a **adoração do Senhor** deve ser guiada pela **Palavra do Senhor**. As Sagradas Escrituras devem ser lidas, meditadas e obedecidas implicitamente, se tanto o crente individual como a igreja de crentes querem oferecer uma adoração aceitável a Deus e ao Senhor Jesus Cristo.

Cada cristão é responsável perante Deus por “*esquadrinhar as Escrituras*” por si mesmo e procurar “*apresentar-se a Deus aprovado*” nesta questão de adoração, como também em todas as esferas de sua vida cristã (2ª Timóteo 2.15). Seu lema deveria ser aquele de um grande homem de Deus, que disse: “Aplica-te plenamente às Escrituras e aplica as Escrituras plenamente a tua vida”.

.oOo.

IV – O ALVO DA ADORAÇÃO

Tendo considerado o significado e a importância da adoração e a autoridade para adorar, consideremos agora o tema vital do **Alvo** de adoração ou a Quem devemos adorar. As Escrituras não dão resposta incerta a esta pergunta. Elas dizem: “*Ao Senhor teu Deus adorarás*” e “*Ele é o teu Senhor; inclina-te perante Ele*” (Lucas 4.8; Salmo 45.11).

O alvo da adoração do crente é a triúna e eterna Divindade, descrita como “*Rei eterno, imortal, invisível, Deus único*” a Quem devemos dar “*honra e glória pelos séculos dos séculos*” (1ª Timóteo 1.17).

É verdade que a palavra “Trindade” não se encontra na Bíblia, mas a verdade bíblica da doutrina da trindade da Divindade resulta evidente quando abrimos as páginas da Bíblia. Nos é revelado que a eterna Divindade está composta por três Pessoas, cada uma das quais é co-igual e eterna com cada uma das demais: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Cada Pessoa da Divindade possui uma Personalidade precisa, como pode observar-se pela inteligência, emoções e vontade que cada uma evidencia; no entanto, estas três Pessoas são apenas Uma em essência. Não são três Deuses, mas uma Divindade revelada em três Pessoas. Esta tremenda verdade está muito além da nossa compreensão, mas não além da aproximação de Deus na oração, pois lemos “*por **Ele** [Cristo], ambos temos acesso ao **Pai** em um **Espírito***” (Efésios 2.18).

A Trindade destaca-se também no batismo. A comissão de Cristo a Seus discípulos foi: “*Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do **Pai**, e do **Filho**, e do **Espírito Santo***” (Mateus 28.19).

A tripla atribuição de louvor no primeiro capítulo de Efésios é dirigida em primeiro lugar ao **Pai** por ter-nos abençoado; depois, ao **Filho** por Sua obra redentora; e em terceiro lugar ao **Espírito Santo** por ter selado o crente (vv. 6, 12, 14).

A formosa bênção de 2ª Coríntios 13.14 será uma conclusão apropriada para este breve resumo: “*A graça do **Senhor Jesus Cristo**, e o amor de **Deus**, e a comunhão do **Espírito Santo** sejam com todos vós*”.

Não existem ilustrações adequadas da trindade da Divindade já que ela ultrapassa totalmente a compreensão humana e desafia toda análise. Deus é único e declarou: “*A quem, pois, Me comparareis para que Eu lhe seja igual? Diz o Santo*” (Isaias 40.25). Têm sido feitas muitas tentativas para ilustrar a Trindade, mas nenhuma tem conseguido transmitir plenamente o fato em si.

Natanael Wood, em seu excelente livro “The Secret of Universe” (“O Segredo do Universo”), intenta descobrir este segredo que afirma é a trindade da Divindade. Ele se propõe demonstrar que cada homem é uma

trindade, já que é espírito, alma e corpo e, no entanto, é um único indivíduo. O espaço é uma trindade, porque se compõe de comprimento, largura e altura e, no entanto, o espaço é um. O tempo também entra na mesma categoria, porque consiste no passado, presente e futuro e, no entanto, é um só.

As Escrituras geralmente apresentam ao Pai **propondo**, ao Filho **executando** o conselho divino e ao Espírito Santo **capacitando** e aplicando este propósito e fazendo-o eficaz na experiência do crente. O **Pai** amou ao mundo e deu o Seu **Filho**. O **Filho**, obediente à vontade do **Pai**, ofereceu-Se a Si mesmo pelo **Espírito** eterno como sacrifício substitutivo para efetuar nossa redenção. O **Espírito Santo** convence ao pecador de sua necessidade, guia a alma a confiar em **Cristo** e, com base nesta fê, sela-o para o dia da redenção (Efésios 1.13; 4.30).

Quanto mais contemplamos a grandeza, majestade e glória do triúno Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, tanto mais admirados ficamos em louvor e adoração.

Nos faz bem, enquanto nossos pensamentos estejam ocupados com este Ser infinitamente santo, o Deus eterno, onipotente, onisciente, onipresente e imutável, permanecer em temor reverente e inclinar-nos humildemente na presença dAquele a Quem cada cristão tem conhecido como *“o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”* (Efésios 1.3).

Da mesma maneira como temos visto nossa autoridade para adorar, vamos considerar primeiro o alvo de nossa adoração do ponto de vista negativo e depois do positivo.

Vejamos, pois, que é o que Deus nos tem proibido expressamente que adoremos.

1.0 QUE NÃO DEVEMOS ADORAR

1- OS ÍDOLOS. *“Não farás para ti imagem de escultura... Não as adorarás, nem lhes darás culto”* (Êxodo 20.3, 5). Um ídolo é qualquer coisa que uma pessoa adora em seu coração e que, portanto, toma o lugar de Deus em preeminência ou que O relega a um lugar secundário em sua consciência. A idolatria é um afastamento deliberado de Deus.

Não é, como muitas vezes é dito, um intento de o homem alcançar a Deus. Romanos 1.19-23 esclarece isto. Observem-se cuidadosamente as palavras: *“O que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o Seu eterno poder, como também a Sua própria divindade, claramente se*

reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis”.

O agente ativo que age por trás de toda a idolatria é Satanás e sua hoste de espíritos malignos. Lemos em 1ª Coríntios 12.19-20: *“Que digo, pois? Que o sacrificado ao ídolo é alguma coisa? Ou que o próprio ídolo tem algum valor? Antes, digo que as coisas que eles sacrificam, é a demônios que as sacrificam e não a Deus; e eu não quero que vos torneis associados aos demônios”.*

O objetivo principal de Satanás é, em primeiro lugar, roubar a Deus a glória e a adoração devidas ao Seu Nome e, a seguir, colocar-se a si mesmo como objeto de adoração. Toda idolatria é, portanto, satânica em sua origem e evidencia o desejo de adoração do diabo. Sua queda foi precisamente por causa disto. Ele foi criado por Deus como uma das mais formosas e sábias criaturas.

Além disso, ocupava um lugar de grande intimidade com Deus. Mas não se conformou com isto; seu coração se encheu de orgulho e aspirou ser semelhante a Deus. E disse consigo mesmo: *“Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo”* (Isaías 14.12-15; compare com Ezequiel 28.11-19). Ele caiu por este ato de rebelião.

A idolatria não é apenas satânica em sua origem, mas totalmente inexcusável por parte do homem. Isto também se aplica em relação ao ateísmo. A realidade, sabedoria e poder de Deus têm sido claramente demonstrados na Criação. Diante desta evidência inequívoca da realidade do Criador, é fácil observar que insensatez insondável representa o fato de uma pessoa tomar algo que foi criado, dar-lhe a forma de um ídolo, inclinar-se perante ele e adorar a obra de suas próprias mãos!

Este quadro nos é apresentado graficamente em Isaías 44.9-17. Com fina ironia e sarcasmo mordaz, Isaías, por inspiração divina, descreve um homem fazendo uma imagem talhada. Primeiro corta a árvore da qual formará o ídolo. Com parte desta árvore acende fogo e se esquentam, participando dos prazeres da vida. Com outra parte faz sua comida, abastecendo-se das provisões da vida. Com o resto, ou com o que fica

depois de satisfazer seus próprios interesses, fabrica seu ídolo. Prostrando-se perante ele, o adora e lhe dirige rogos, dizendo: *“Livra-me, porque tu és o meu deus”*.

Já temos observado que não é necessário prostrar-se perante um ídolo visível e material para ser idólatra. A idolatria é algo que diz mais respeito ao **coração** do que à **mão**. É possível cometer idolatria enquanto aparentamos exteriormente ser adoradores de Deus.

Nosso Senhor citou as palavras dos líderes religiosos de Sua época e disse: *“Este povo honra-Me com os lábios, mas o seu coração está longe de Mim”* (Mateus 15.8). Ezequiel teve uma visão do afastamento idólatra do coração de Israel. Foi-lhe mostrado um buraco na parede que conduzia a uma porta que ele tinha de atravessar. Ao entrar, observou todos os ídolos abomináveis dos pagãos pintados nas paredes. Perante estes quadros havia setenta dos anciãos de Israel oferecendo incenso a estes ídolos e adorando-os.

Então disse Deus: *“Viste, filho do homem o que os anciãos da casa de Israel fazem nas trevas, cada um nas suas câmaras pintadas de imagens?”* (Ezequiel 8.7-18). Toda pessoa tem esta câmara secreta em seu coração e o mobiliário desta câmara determina seu verdadeiro estado espiritual.

Consideremos alguns destes ídolos, materiais ou não, que têm sido usados para afastar o coração do crente de Deus, negando-Lhe o lugar de preeminência absoluta em sua vida e roubando-Lhe a adoração devida ao Seu Nome.

Neste sentido, devemos recordar sempre o mandamento final da Primeira Epístola de João, que foi escrita aos cristãos: *“Filhinhos, guardai-vos dos ídolos”* (1ª João 5.21).

a) O EU. Este é o primeiro ídolo que temos a considerar. A queda do homem deve-se diretamente a este ídolo. A promessa de Satanás a Eva foi: *“Como Deus sereis”* (Gênesis 3.5). Sua tentação foi que Eva se exaltasse à custa de Deus e trocou o governo de Deus pelo governo próprio. Já temos observado que esta foi a causa da queda de Satanás.

O Eu é um ídolo muito sutil, porque possui a capacidade de introduzir-se em nossos momentos de maior santidade. Aparece com todos os tipos de disfarce, mas sempre com o propósito de deslocar Deus de Sua preeminência em todas as esferas da vida do crente. Seu grande apelo é ao orgulho, seja de raça, de lugar, de rosto ou de graça.

Evidencia-se em todo tipo de amor próprio: a exaltação própria à custa dos outros; a vaidade ou presunção a respeito de habilidades pessoais; e o egoísmo em todas as ocasiões. Muitas vezes usa a máscara de humildade, de tal modo que nos sintamos orgulhosos de nossa

humildade! Muitas vezes ouvimos a expressão: “Ele é uma pessoa que se levantou por seus próprios esforços e que adora a seu Criador”.

Precisamos recordar, no entanto, que o homem que se levantou por seus próprios esforços (em sua melhor expressão) é tão somente um terrível exemplo de mão de obra não qualificada! Ainda que a conservação própria seja a primeira lei da natureza, certamente não é a primeira lei da graça, pois Cristo disse: “*Se alguém quer vir após Mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga Me*” (Mateus 16.24). Esta negação deliberada, não apenas de “coisas”, mas de si mesmo, está na direção contrária do caráter natural de cada pessoa, mas é essencial na adoração espiritual de Deus.

b) O DINHEIRO. Quão frequentemente tem sido permitido a este ídolo afastar o coração do crente das realidades espirituais! Da adoração do Deus onipotente, muitos têm passado à adoração secreta do dólar, tornando-se, assim, em “idólatras” (Nota do tradutor: “I” é o pronome pessoal inglês que equivale a “eu” em português). Não nos surpreende, pois, que Paulo escrevesse: “*O amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores*” (1ª Timóteo 6.10).

A advertência de Colossenses 3.5 é muito apropriada: “*Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno e **avareza**, que é **idolatria***”.

Este desejo profano de obter riquezas a qualquer custo é assemelhado aqui à idolatria. Deveríamos permitir que estas palavras esquadrinhassem nosso coração. Muita adoração é negada a Deus porque muitos que têm dinheiro negam-se a compartilhá-lo para sustentar e ou a enviar missionários para pregarem o Evangelho a outras regiões a fim de que almas sejam salvas e cheguem a ser, deste modo, adoradores do Deus vivo e verdadeiro.

É tragicamente possível que cristãos se interessem mais com ações de companhias do que com as Escrituras. É um fato bem conhecido que um interesse exagerado nas ações resultará inevitavelmente em impedimentos e que o crente logo descobrirá que a sua vida espiritual tem sido levada à servidão das riquezas.

O dinheiro constitui muitas vezes a prova decisiva da profissão cristã de uma pessoa. Todo cristão faria bem em examinar-se nesta questão. É sugestivo que dois capítulos inteiros do Novo Testamento tenham sido dedicados à graça da oferta voluntária, alegre, sistemática, proporcional e generosa (2ª Coríntios 8 e 9). As palavras do sábio vêm a calhar: “*A quem dá liberalmente, ainda se lhe acrescenta mais e mais; ao que retém mais do*

que é justo, ser-lhe-á em pura perda” (Provérbios 11.24). Pedro expressa assim esta verdade: *“Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus”* (1ª Pedro 4.10).

c) OS NEGÓCIOS. Este ídolo está estreitamente ligado ao dinheiro e é o responsável de muitos casos de perda de espiritualidade e, portanto, de privação da capacidade de adoração.

A Palavra de Deus reconhece a necessidade do cristão se dedicar aos negócios, mas adverte contra o perigo dos negócios governarem o cristão. A Palavra exorta ao comerciante cristão: *“No zelo, não sejais remissos; sede fervorosos de espírito, servindo ao Senhor”* (Romanos 12.11). Podemos dar graças a Deus pela nobre legião de bons comerciantes, homens e mulheres, que não se deixam dominar por seus negócios, mas que os administram para a glória de Deus e a bênção dos demais.

Quando perguntaram a Robert Carey qual era a sua ocupação, ele respondeu: *“Minha ocupação é pregar o Evangelho e remendo sapatos para cobrir os gastos”*. Nenhum cristão deveria estar tão ocupado com seus próprios negócios a ponto de não ter tempo para ocupar-se com Deus e com Seus negócios.

Cada crente deveria estar disposto a dizer a seu negócio o que Abraão disse a seus servos: *“Esperai aqui... eu... irei até lá... e tendo adorado...”* (Gênesis 22.5). Devemos estar alertas com o que tem sido definido como *“a esterilidade de uma vida ocupada”*. Cada crente deveria cuidar cuidadosamente do tempo que reserva para esta questão tão importante da adoração.

d) O PRAZER. Eis outro ídolo perante cujo altar prostram-se milhares de devotos. As Escrituras nos indicam que uma das características dos últimos dias será que os homens serão *“mais amigos dos prazeres que amigos de Deus”* (2ª Timóteo 3.4). Não é exagero dizer que o mundo se tornou *“louco por prazeres”*.

A palavra *“divertir-se”* significa simplesmente *“evitar a meditação”*. Todo o propósito da deusa do prazer é deixar tontas suas vítimas e evitar que pensem em Deus, em Cristo, no pecado, na salvação, na morte e no juízo. Todos os seus prazeres são do tipo *“escapista”*, que permite que seus seguidores, pelo menos por alguns momentos, fujam das vitais realidades espirituais e eternas da vida.

Lamentavelmente, é possível que estes prazeres afastem o cristão de sua sincera devoção a Deus, perdendo, deste modo, sua capacidade como adorador de Deus. É triste saber que, sobre o altar do coração de muitos cristãos de onde saía um fragrante aroma de adoração que deleitava ao

Pai, só restam agora frias cinzas de formalismo e a trágica experiência da comunhão perdida devido a sua ocupação com prazeres mundanos.

A tendência dos prazeres deste mundo é ter em pouca conta o pecado, incentivar a concupiscência, prejudicar-se a si mesmo, destruir-se espiritualmente, atrapalhar a adoração e eclipsar a Deus.

e) OS DIVERTIMENTOS. Poderá parecer estranho que incluamos a distração na lista de ídolos, mas muitas vezes é permitido que o **bom** se transforme em inimigo do **melhor**. Ninguém vai duvidar nem sequer um momento dos benefícios que a distração oferece como um meio para manter o bom estado físico, mental e espiritual.

Mas, quando se permite que a distração usurpe e até absorba o tempo e as energias que deveriam ser dedicados ao estudo da Bíblia, à oração, ao serviço cristão e à adoração, então ele se transforma em um mal que deve ser classificado como um “ídolo”.

Tem-se dito corretamente que “o abuso do **melhor** se transforma no **pior**”. As Escrituras nos dizem que “*o exercício físico para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é proveitosa*” (1ª Timóteo 4.8). O tempo é um elemento precioso que precisa ser aproveitado (Efésios 5.16).

Devemos, pois, assegurar-nos que os divertimentos sejam utilizados tão somente para fins que Deus aprova e não permitir que se transformem em um fator dominante de nossa vida. Como muitas outras coisas, a diversão pode ser um bom ou um mau amo.

f) NOSSA FAMÍLIA. Isto poderá parecer estranho; no entanto, é possível que permitamos que nossa família tome a preeminência em nossa vida, que deveria ser ocupada por Deus, merecendo dEle a Sua justa repreensão.

Talvez o exemplo clássico disso seja Eli, um sacerdote de Deus. Embora ele mesmo fosse um bom homem, temente ao Senhor, permitiu que seus dois filhos, Ofni e Finéias, crescessem sem a disciplina paterna, ao ponto que a sua má conduta se transformou em vergonha e desgraça para Israel.

Deus precisou mandar um profeta a Eli, que o repreendeu e o acusou de honrar a seus filhos mais do que a Deus e lhe disse: “*Diz o Senhor: ... aos que Me honram, honrarei, porém os que Me desprezam serão desmerecidos*” (1º Samuel 2.27-36). A seguir, Deus falou com o jovem Samuel e, entre outras coisas, lhe disse a respeito de Eli: “*Julgarei a sua casa para sempre, pela iniquidade que ele bem conhecia, porque seus filhos se fizeram execráveis e **ele não os repreendeu***” (1º Samuel 3.11-14).

Muitos pais cristãos descobriram, para sua aflição, o preço que devem pagar por uma família não disciplinada. Estes filhos têm trazido desonra a

seu nome e forte dor a seus corações. Em lugar de honrar a Deus e obedecer a Sua Palavra, criando seus filhos na educação e admoestação do Senhor, têm permitido a tolice de deixar que seus filhos ditem os costumes a serem seguidos no lar, com resultados desastrosos. Não consideraram as palavras do sábio, que disse: *“A estultícia está ligada ao coração da criança, mas a vara da disciplina a afastará dela”* (Provérbios 22.15).

Os tais permitiram que a família desenvolvesse seu modo de viver **à custa do preceito divino**. Não insistiram em exigir e conseguir a obediência essencial aos pais, o que Deus declarou que deveria caracterizar um lar cristão ao honrarem os filhos seus pais. Em vez de darem a seus filhos um exemplo de vida piedosa, impondo deste modo seu temor e amor filial, ignoraram as claras diretrizes de Deus para o governo de seu lar e permitiram que a família os governasse a eles.

Deste modo, têm dado preferência a seus filhos, pondo-os acima de Deus e da Sua Palavra, permitindo que estes filhos, que deveriam ser uma bênção para eles, sejam seus ídolos e se transformem em maldição.

Criar a família para Deus não é uma tarefa fácil, mas é dez mil vezes pior recolher o amargo fruto resultante de nos subtrairmos ao dever que cabe aos pais, tanto para com Deus quanto para o filhos.

A tragédia de Eli deveria falar bem alto para todos os pais cristãos e fazer com que fossem sensíveis em relação à sua solene obrigação perante Deus. Deveria haver um santo empenho em não permitir que os filhos se transformem em ídolos que tomam o lugar de Deus, criando-os no temor de Deus e na obediência aos pais, trazendo, deste modo, glória a Deus.

Cada pai cristão deveria ler e reler cuidadosamente e com oração as seguintes Escrituras, guiando-se por elas na criação de sua família para Deus: Efésios 6.14; Colossenses 3.20-21; Provérbios 17.25; 19.26; 20.11; 22.6; 23.13-14; 29.17; 1ª Timóteo 3.2-5.

g) AS POSSESSÕES. Este ídolo está estreitamente vinculado com o dinheiro e, em muitos casos, permitimos que ele desloque Deus de Sua preeminência em nossa vida.

O mal das possessões está na sua qualidade **possessiva**. Uma coisa é ter possessões e outra, bem diferente, é permitir que as possessões nos possuam a nós. Muitas vezes o lar de um crente se transforma numa paixão absorvente, que demanda todo o seu tempo livre, energias e dinheiro para assegurar que tenha todas as comodidades e o conforto moderno, descuidando, lamentavelmente, de sua própria vida espiritual.

Estaremos de acordo em que “Casas e Jardins” não constituem a coisa mais importante da vida. É também possível que as donas de casa estejam “orgulhosas de sua casa”, chegando ao extremo no cuidado

meticuloso que têm com seu lar, deixando de lado tudo mais, inclusive sua própria espiritualidade. É possível, infelizmente, que a **casa** seja uma maravilha de beleza e de ordem, mas que o coração de seus **ocupantes** careça do mobiliário espiritual necessário para a adoração.

Às vezes, é o automóvel que ocupa o lugar de destaque e que exige toda a atenção. Ele transforma-se no principal motivo de conversação e o objeto do cuidado mais solícito. Muitas horas são usadas para lavá-lo e puli-lo, deixando-o brilhar ao sol, sendo o orgulho do seu proprietário e a inveja dos admiradores! Não se economizam gastos para deixá-lo em dia com os últimos acessórios inventados, de maneira que seja a coisa mais admirável sobre rodas.

Que bom seria se seu proprietário se preocupasse tanto com seu estado espiritual como se preocupa com seu carro! Que adoração subiria de sua alma! Mas, infelizmente, seu coração transformou-se numa espécie de garagem porque, cada vez que abre a sua boca, imediatamente o assunto carro está em foco!

Não importa quais sejam as possessões do crente. Se elas exigem em sua vida um lugar maior do que Deus, então são ídolos. As palavras de nosso Senhor deveriam ser **meditadas com oração** por todos os que invocam o Seu Nome. Ele disse: *“Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui”* (Lucas 12.15).

É possível que os bens eclipsam a Deus. Cada cristão deveria recordar que é apenas um mordomo ou depositário de tais bens. Tudo quanto ele tem deve guardar como um depósito sagrado que deve ser administrado para Deus. Chegará o dia quando terá que “dar conta de sua mordomia”. Feliz aquele que o faça com alegria e não com tristeza (Lucas 16.2).

h) O PODER. O apóstolo João precisou falar de um homem chamado Diótrefes e disse dele que gostava *“de exercer a primazia entre eles”* (3ª João 9). Para este homem, o poder tinha-se convertido numa obsessão. Nada lhe apetecia senão ter a maior autoridade na igreja.

É triste observarmos a luta pelo poder entre as pessoas do mundo; mas, mais triste ainda, é observar isto em uma pessoa que diz ser um filho de Deus, que pretende ser um seguidor dAquele que foi *“manso e humilde de coração”* (Mateus 11.28-29).

O orgulho, com seu amor ao poder e à preeminência, não é a atmosfera onde se origina, onde se alimenta e onde se desenvolve a adoração. A adoração pertence ao crente humilde que se conforma com o lugar que Deus lhe reservou e trata de preenchê-lo com uma amante e fiel

devoção. Um ancião cristão costumava dizer: “Por que tanta afobação para chegar ao alto da escada quando há tanto lugar embaixo?”

i) A CIÊNCIA. Este é um ídolo moderno que, usado por Satanás, tem afastado muitos da adoração a Deus. Neste sentido, não nos referimos à “verdadeira ciência” como os atos e realidades demonstrados da Criação que estão além de toda discussão, mas às diversas teorias formuladas pelo homem que se propõem explicar a Criação de Deus.

A Bíblia denomina corretamente este proceder como “*as contradições do saber*” ou “*a falsamente chamada ciência*” (1ª Timóteo 6.20). Jovens crentes inexperientes, estudando em uma Faculdade, têm sua fé sacudida com respeito à verdade da revelação de Deus. Algum professor incrédulo, cheio de sabedoria terrena, propõe uma **teoria** como se fosse uma **realidade**, denomina-a “ciência” e logo menospreza a Bíblia como sendo um livro não científico porque não apoia sua teoria!

Desta maneira, eleva-se a “ciência” ao nível de um ídolo. Ela está sobre um alto trono. Tem um gorro acadêmico sobre sua cabeça, uma toga sobre seu corpo, um diploma como seu cetro e uma auréola de luz de letras ao redor de sua cabeça, tais como B.A., M.A., PH.D. LL.D., B.Sc. (**Nota do tradutor:** Estes são títulos outorgados nos Estados Unidos da América e na Inglaterra). Pretende-se que à simples menção do nome deste ídolo sagrado denominado “Ciência” todos os estudantes se prostrem, que o considerem senhor supremo em suas vidas, o árbitro do destino, e lhe rendam a adoração de seu coração. Pelo menos até sua graduação!

Só temos que virar as páginas sagradas para descobrirmos quão néscios são tais alardes dos homens ímpios. Todo cristão deveria ler cuidadosamente 1ª Coríntios 1.17-29. Ali descobrirá o que Deus pensa da sabedoria deste mundo, quanto ela está desviada do conhecimento de Deus e oposta à revelação da sabedoria divina nas Escrituras.

Certo cientista cristão, que era um humilde crente na Palavra de Deus, declarou que durante sua vida tinha observado o endeusamento e a queda de mais de 300 falsas teorias que pretendiam comprovar a falsidade da Bíblia.

A falsa teoria da evolução orgânica, apesar de não existir em nossos dias uma única evidência científica que a apoie, é considerada uma realidade e milhares de jovens crédulos a aceitam às cegas porque carrega o nome de “CIÊNCIA” escrito com letras maiúsculas.

Uma jovem cristã que estudava em um colégio foi sacudida em sua fé com respeito à integridade das Sagradas Escrituras. Decidiu fechar-se em seu quarto até descobrir em que posição estava com respeito a estas coisas. Após algumas horas, surgiu com a convicção da verdade da

revelação divina. Na capa de sua Bíblia, escreveu esta frase: **“Pode o tempo desfazer o que uma vez foi certo?”** Se a Palavra de Deus foi certa durante certo tempo, **será sempre certa**, porque a verdade é imutável e eterna.

Alguns dos maiores cientistas **verdadeiros**, tanto do passado quanto do presente, são verdadeiros cristãos e têm declarado que não veem contradição nenhuma entre o que Deus revelou em **Sua Palavra** e os **fatos demonstrados** da ciência.

Não temos esgotado a lista de ídolos, mas certamente temos escrito o suficiente para indicar que qualquer coisa que desloca a Deus, ou que atrapalha a adoração a Ele, é um ídolo que não devemos tolerar nem sequer por um momento.

Temos de considerar agora outras coisas contra cuja adoração se nos adverte claramente.

2- O HOMEM (Atos dos Apóstolos 10.25-26). Não somente nos é proibida a adoração de ídolos, quer sejam literais ou figurados, materiais ou imateriais, como também se nos adverte contra a adoração ao homem.

Cornélio, um centurião romano, teve que aprender esta lição. Quando Pedro, atendendo a seu convite, veio à sua casa, lemos que Cornélio *“prostrando-se-lhe aos pés, o adorou”*. Mas Pedro o levantou e lhe disse: *“Ergue-te, que eu também sou homem”*.

Sempre existe o perigo sutil de retirar os olhos de Deus e colocá-los no homem; de permitir que o visível escureça o invisível; que o temporal eclipse o eterno. A palavra de Deus para Israel foi: *“Afastai-vos, pois, do homem cujo fôlego está no seu nariz. Pois em que é ele estimado?”* (Isaías 2.22).

As palavras de nosso Senhor a Seus discípulos são ainda mais enérgicas: *“Acautelai-vos dos homens; porque vos entregarão aos tribunais...”* (Mateus 10.17). Não é à toa que somos advertidos, ainda: *“Quem teme ao homem arma ciladas; mas o que confia no Senhor está seguro”* (Provérbios 29.25). O homem tem sido sempre, por natureza, um adorador de heróis. Sempre tem estado disposto a dar aos homens títulos, louvor, honra, adoração e glória que chega a negar a Deus.

Parte da acusação de Deus ao homem é que *“mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o Qual é bendito eternamente”* (Romanos 1.25).

Está chegando o dia em que o mundo que menosprezou, recusou e crucificou ao Filho de Deus dará as boas vindas como seu rei ao *“homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário*

de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus” (2ª Tessalonicenses 2.3-4).

O número deste homem do pecado é altamente significativo, porque é número de homem: seiscentos e sessenta e seis.

Enquanto isto, o homem enche os pensamentos do mundo. Pensa em função da humanidade: o que o homem é, pensa, diz e faz; em lugar de pensar em função da Divindade: o que Deus é, pensa, diz e faz. À frente de um grande sistema religioso da cristandade há uma pessoa que recebe o título de “santo padre”. Em outros círculos usam-se comumente os títulos de “reverendo”, “mui reverendo” e “reverendíssimo” para dirigir-se a homens. Lemos: *“Enviou ao Seu povo a redenção; estabeleceu para sempre a Sua aliança; santo e tremendo* (“reverendo” em uma versão inglesa) *é o Seu nome*” (Salmo 111.9).

As palavras de Eliú são bem apropriadas neste sentido, pois ele disse: *“Não farei acepção de pessoas, nem usarei de lisonjas com o homem. Porque não sei lisonjear; em caso contrário, em breve me levaria o meu Criador*” (Jó 32.21-22). Fazemo-nos a pergunta: Qual seria a reação de Eliú em nossos dias se ele visse pessoas usando títulos tais como “santo padre”, “reverendo”, “mui reverendo” e “reverendíssimo”?

Tampouco temos autorização para dirigir orações a homens ou a mulheres e, menos ainda, a um grupo chamado de “santos”, que faleceram faz anos. O crente é ensinado a orar unicamente ao Deus vivo, por intermédio da mediação de Cristo, conforme a direção do Espírito Santo, mediante a Palavra.

Nosso Senhor dirigiu estas palavras a Seus ouvintes: *“Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?”* (João 5.44). Destas mesmas pessoas nos é dito que *“amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus*” (João 12.43).

A adoração de homens, vivos ou mortos, está, pois, claramente proibida por Deus, da mesma maneira que a reverência indevida tributada a homens através de títulos lisonjeiros, que pertencem apenas à Divindade. Como Pedro, o cristão deveria tomar uma posição firme e afirmar resolutamente: *“Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens*” (Atos 5.29).

3- OS ANJOS (Apocalipse 19.10; 22.8-9; Colossenses 2.18). Os anjos são seres espirituais criados por Deus para cumprirem Seus propósitos e efetuarem Seu serviço (Salmo 104.4) São descritos como *“espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a*

salvação” (Hebreus 1.14). Como seres criados e inteligentes, eles adoram a seu Criador (Apocalipse 5.11-12).

Estes anjos são classificados em ordens. Lemos do “*arcanjo Miguel*” (Judas 9), do “*anjo Gabriel*” (Lucas 1.19-26), de “*querubins e de serafins*” (Gênesis 3.24; Isaías 6.2), de “*muitos anjos*” (Apocalipse 5.11-12) e de “*tronos, domínios, principados e potestades*”, todos os quais foram criados por Cristo (Colossenses 1.16).

O estudo dos anjos é muito interessante e instrutivo, pois eles têm desempenhado um grande papel no programa divino do passado. Embora invisíveis aos olhos humanos, estão ativos atualmente e estão vinculados com os propósitos de Deus no futuro, como pode observar-se claramente no livro do Apocalipse.

Quando o Senhor deu a João a maravilhosa visão que ele registra no livro do Apocalipse, designou um anjo para que o guiasse. Em certa oportunidade, João se prostrou aos pés deste anjo para adorá-lo, mas foi imediatamente repreendido por este com as palavras: “*Vê, não faças isso; sou conservo teu e dos teus irmãos que mantêm o testemunho de Jesus; adora a Deus*” (Apocalipse 19.10).

Mais adiante, João tornou a cair no mesmo erro, porque nos diz: “*Eu, João, sou quem ouviu e viu estas coisas. E, quando as ouvi e vi, prostrei-me ante os pés do anjo que me mostrou estas cousas, para adorá-lo. Então, ele me disse: Vê, não faças isso; eu sou conservo teu, dos teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus*” (Apocalipse 22.8-9).

O apóstolo Paulo teve que combater a falsa filosofia do agnosticismo, que ensinava que Cristo pertencia simplesmente a uma ordem superior de anjos e que não era o unigênito Filho de Deus, co-igual e co-eterno com o Pai e com o Espírito. Ele escreveu: “*Ninguém se faça árbitro contra vós outros, pretextando humildade e culto dos anjos, baseando-se em visões, enfatuado, sem motivo algum, na sua mente carnal, e não retendo a Cabeça [Cristo]*” (Colossenses 2.18-19).

Devemos ter sempre presente que os anjos, não importando quão grandes, sábios e poderosos eles sejam, são apenas seres criados. Adorá-los tem sido absolutamente proibido por Deus. Diante disto, parece estranho ouvir orações sendo dirigidas a eles, rogando: “*Miguel, ajuda-nos!*” ou “*Escuta-nos, ó Gabriel!*”. As orações dirigidas a anjos são, portanto, uma violação direta da vontade expressa de Deus, conforme lemos em Sua Palavra.

4- A NATUREZA (Deuteronômio 4.14-20; Jó 31.24-28). Ouvimos falar muito hoje em dia acerca de certas pessoas que se denominam

“adoradores da natureza”. Tais pessoas afirmam que não desejam assistir à “adoração divina em um edifício feito por mãos humanas” ou ler e estudar determinado livro denominado a Bíblia, mas que preferem sair pelo campo a fim de “adorar o Deus da natureza”.

Como ajuda para suas devoções, muitos deles levam uma vara de pescar; outros, tacos de golfe,... Estes “adoradores” são vistos às centenas a cada domingo! Na realidade, para muitos, “um dia de descanso” parece consistir em dar três voltas pelo campo de golfe!

Mesmo quando possamos admirar as maravilhas da obra de Deus na natureza que se combinam para revelar Sua sabedoria, poder e eterna Divindade, o adorar Sua criação é uma grande necessidade.

Deus já previu esta tendência do homem pecaminoso de permitir que a Criação fizesse sombra ao Criador e declarou: *“Guardai, pois, cuidadosamente a vossa alma... Guarda-te não levantes os olhos para os céus e, vendo o sol, a lua e as estrelas, a saber, todo o exército dos céus, sejas seduzido a inclinar-te perante eles e dêes culto”* (Deuteronômio 4.15-19).

Apesar destas claras palavras, lemos que Israel se afastou do Deus dos céus para adorar ao deus do sol, Baal, e pagou o preço de sua apostasia com o cativoiro (1º Reis 18).

Entre os povos pagãos do mundo atual ainda há pessoas que adoram ao sol, à lua e às estrelas. Davi tinha um conceito correto quando disse: *“Quando contemplo os Teus céus, obra dos Teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, que dele Te lembres? E o filho do homem que o visites?... Ó Senhor, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o Teu Nome!”* (Salmo 8.3-9).

Jó se referiu ao costume pagão de adorar a natureza, costume este que prevalecia em seus dias, quando as pessoas, ao observarem o sol, beijavam, a mão como sinal de adoração (Jó 31.26-29).

2 – DEUS DEVE SER O ALVO DE NOSSA ADORAÇÃO

Tendo considerado a divisão de nosso assunto do ponto de vista negativo, e tendo aprendido que Deus proíbe a adoração de ídolos, de homens, de anjos e da natureza, estudemos agora o tema sob o ponto de vista positivo e descubramos na Palavra a Quem devemos adorar.

Temos mencionado no princípio desta divisão que as Escrituras nos ensinam a adoração da eterna Divindade, que consiste no Pai, Filho e Espírito Santo.

1 – DEVEMOS ADORAR AO PAI **(João 4.23).**

Para o crente regenerado, Deus não é uma Divindade distante, tão alta e distante que não possamos chegar a Ele. Deus Se revela como um Pai amoroso, em cuja família temos nascido, a Quem nos achegamos e que nos tem abençoado com toda bênção espiritual nos lugares celestiais em Cristo Jesus (Efésios 1.3; João 1.12-13). Como já temos visto, o título de “Pai” sugere intimidade, afeto, amor e cuidado.

Em resposta ao pedido de Seus discípulos para que os ensinasse a orar, o Senhor respondeu: “*Vós orareis assim: Pai nosso que estás nos céus...*” (Mateus 6.9). Em Sua conversa com a mulher samaritana, Cristo revelou que “vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para Seus adoradores” (João 4.23).

Observemos três motivos pelos quais devemos adorar ao Pai.

A) Deveríamos adorar ao Pai pelo que Ele é.

O Novo Testamento revelou a Deus como Pai em muitos aspectos. Ele é:

a) O Pai santo (João 17.11). Ele ama a justiça e odeia a iniquidade (Hebreus 1.9). A santidade do Pai nunca foi tão claramente demonstrada como quando, na cruz, Ele desamparou a Quem carregou nossos pecados sobre Si, descarregando Seu santo juízo sobre nosso Substituto Divino (Salmo 22.1-3).

b) O Pai justo (João 17.25). Por justiça de Deus queremos dizer a perfeita compatibilidade de Deus com Seu próprio caráter. Tudo o que Deus realiza, o realiza numa base perfeitamente justa. Este é o grande argumento de Paulo na epístola aos Romanos.

c) O Pai da glória (Efésios 1.17). Por glória queremos dizer excelência manifestada. Deus manifestou todas as Suas muitas perfeições e excelências de Seu caráter em Seu Filho e as registrou para nós nas Sagradas Escrituras (2ª Coríntios 4.6).

d) O Pai das luzes (Tiago 1.17). Nos é dito que “Deus é luz” (1ª João 1.5), que “tudo que se manifesta é luz” (Efésios 5.13) e que “todas as cousas estão descobertas e patentes aos olhos dAquele a Quem temos de prestar contas” (Hebreus 4.13). Ele é o Pai que Se manifestou a Si mesmo e cuja glória resplandecente se vê “no rosto de Jesus Cristo”.

e) O Pai de misericórdia (2ª Coríntios 1.3). Como tal, Ele é também o “Deus de toda a consolação”. Davi cantou: “Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor Se compadece dos que O temem” (Salmo

103.13). Como Pai de misericórdias, Ele conhece todas as fraquezas, temores, fracassos e faltas de Seu povo, bem como sua constante necessidade de graça corretiva e restauradora. Certamente, “a Sua misericórdia dura para sempre” (Salmo 107.1). Cada necessidade de Seus filhos não é apenas prevista, mas satisfeita abundantemente “segundo a Sua riqueza em glória... em Cristo Jesus” (Filipenses 4.19).

f) O Pai de todos (Efésios 4.6). Isto não significa que Deus seja o Pai universal de toda a humanidade e que todos os homens sejam Seus filhos. A falsa teoria segundo a qual “todos somos irmãos e Deus é Pai de todos os homens” não tem apoio algum nas Escrituras. Aqui se faz referência ao fato que todos os crentes regenerados têm “um só Deus e Pai de todos, o Qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos”.

g) O Pai de nosso Senhor Jesus Cristo (2ª Coríntios 1.3; Efésios 1.3; 1ª Pedro 1.3). Que título sobremaneira precioso é este! Ele não é somente o Pai de toda a família dos redimidos, mas também o Pai dAquele cujo sangue precioso fez possível esta relação filial! Cristo é o “unigênito do Pai”. Esta palavra “unigênito” significa literalmente “o único” ou “o único de sua classe”. A expressão “Pai eterno” requer um “Filho eterno” e um “Filho eterno” requer “um Pai eterno”.

Não podemos conceber um sem o outro. Por toda a eternidade Ele foi o Filho de Deus, igual em todos os sentidos ao Pai e ao Espírito Santo. Quando Cristo encarnou em Belém, Ele não começou a existir, mas simplesmente tomou outra forma de existência, a humana. Deste modo, a Divindade se fez Humanidade e “evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne...” (1ª Timóteo 3.16).

Como o Filho de Deus encarnado, Ele viveu Sua vida como um homem sobre a terra, submetendo-se voluntariamente a toda a vontade do Pai. Esta vontade O guiou por todo o caminho até o Calvário, onde Ele consumou perfeitamente toda a obra que o Pai Lhe tinha dado a fazer. O Pai indicou Sua completa aprovação desta obra de redenção ressuscitando a Seu Filho de entre os mortos e glorificando-O à Sua destra.

Todo pecador que confia em Sua obra consumada e O recebe como Salvador, nasce neste preciso momento, pelo poder regenerador do Espírito, na família de Deus. Daí em diante, é chamado “filho de Deus”, “herdeiro de

Assim temos o privilégio e a honra inexprimíveis de dirigir-nos a Deus pelo mesmo nome que utilizou Seu Filho estando na terra e podemos agora chamá-LO de “Pai”. Nosso Senhor, em Sua ressurreição, associou-se com todos os que O amavam e disse: “Subo para Meu Pai e vosso Pai, para Meu Deus e vosso Deus” (João 20.17).

B) Deveríamos adorar ao Pai pelo que Ele tem feito.

a) Ele nos tem amado (João 3.16).

O que levou nosso Deus a amar-nos é um mistério que nunca poderemos resolver, mas nos regozijamos graças à sua gloriosa realidade. Nos é dito que o amor de Deus é eterno (Jeremias 31.3), revelado (João 3.16), manifestado (1ª João 4.9), dado (1ª João 3.1), crido (1ª João 4.16), recíproco (1ª João 4.19) e inseparável (Romanos 8.38-39).

b) Ele nos tem dado o Dom inefável de Seu Filho. “E nós temos visto e testemunhamos que o Pai enviou o Seu Filho como Salvador do mundo” (1ª João 4.14). A grandeza do amor de Deus só pode ser estimada pelo Dom que Ele deu porque o amor se mede sempre pelo sacrifício efetuado a favor do alvo.

Faremos bem em cantar:

“Bendito seja Deus,
Que nos tem dado o Filho do Seu amor,
O Dom dos dons; sem preço nos pedir.
Bendito seja Deus!”

(tradução literal)

c) Ele nos escolheu em Cristo. “*Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que... nos escolheu nEle [Cristo], antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante Ele*” (Efésios 1.3-4). Antes que o mundo entrasse no espaço por Sua palavra criadora e entrasse em órbita, o crente foi previsto e escolhido em Cristo.

Este é um pensamento formidável e surpreendente. Não poderíamos aceitar este fato se Deus não o tivesse dito com palavras tão claras e inconfundíveis.

d) Ele nos salvou por Sua graça. “*Dando graças ao Pai, que... nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do Seu amor*” (Colossenses 1.12-13). Que maravilhosa transposição e transformação Deus operou na vida de cada crente! Como devemos ser gratos a Deus ao considerar a profundidade do pecado, da degradação e da escuridão espiritual da qual temos sido misericordiosamente liberados pela graça incomparável de Deus!

Devemos então cantar:

“Admirável Deus maravilhoso!
Todos os Teus caminhos
Desfraldam Teus atributos divinos,
Mas as brilhantes glórias de Tua graça
Brilham mais que todas as Tuas outras maravilhas.

Quem é um Deus indulgente como Tu?
E quem tem uma graça tão rica e livre?”

(tradução literal)

e) Ele nos tem abençoado. “*Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo*” (Efésios 1.3). Como poderemos enumerar estas bênçãos ou contá-las uma por uma, sendo tão elevada sua conta? Nosso Pai não é apenas o “bendito Deus”, mas também é o Deus de bênção. A riqueza do crente é incalculável porque Deus tem dito: “*Tudo é vosso: seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e vós, de Cristo, e Cristo, de Deus*” (1ª Coríntios 1.21-23). Não há uma única bênção que recebamos que não a tenhamos recebido da mão amorosa de nosso Pai que está nos céus.

Podemos elevar nossa vozes em adoração a Ele e cantar:

“Louvai ao Pai,
Fonte de toda bênção,
Perante cujos dons
Empalidecem as dádivas mais ricas da terra!
Descansando nEle,
Sua paz e Seu gozo possuindo,
Toda as coisas são nossas,
Pois temos tudo nEle!”

(tradução literal)

f) Ele nos fez Seus filhos (1ª João 3.1).”Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus”. Como é maravilhoso pensar que nós, que estávamos “sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo” (Efésios 2.12), não fomos apenas reconciliados consigo mesmo pelo poder regenerador do Espírito Santo, mas fomos feitos realmente filhos e filhas do Senhor Deus onipotente! (Colossenses 1.21; 2ª Coríntios 6.18; João 1.12).

É assim que temos o grandioso privilégio e direito, graças a um novo nascimento, de chamá-lo “Aba, Pai” (Romanos 8.15-17). Como “o Pai”, Ele Se revelou a Si mesmo nas Escrituras como Aquele que **conhece** nossas necessidades (Mateus 6.8), que nos **ama** (João 16.27), que nos **guarda** (João 17.11), que nos **disciplina** (Hebreus 12.7-9), que **provê** todas as nossas necessidades (Tiago 1.17), que nos **consola** (2ª Tessalonicenses 2.16) e que **ouve e responde** nossas orações (Mateus 6.4). **g) Ele fez**

possível que nós possamos adorá-IO (João 4.23-24). Não parando com todas as coisas que já fez por nós, agora Ele procura e aprecia a adoração de Seus filhos. Com tal finalidade, providenciou “um caminho novo e vivo” pelo qual cada crente pode entrar, pela fé, no Lugar Santíssimo.

Agora podemos prostrar-nos perante Ele em Sua bendita presença e adorá-IO como Pai. Que cada um de nós trate de aproveitar ao máximo este privilégio, cumprindo deste modo o propósito do Pai em nossa redenção e regeneração (Hebreus 10.19-22).

2 – DEVEMOS ADORAR AO FILHO

(Hebreus 1.6; Apocalipse 5.8-13; Filipenses 2.10)

Já temos considerado algo sobre a trindade da Divindade e temos observado que cada Pessoa da Divindade possui plena Divindade e Personalidade e que cada uma é co-igual e co-eterna com as demais.

Há abundantes evidências nas Escrituras de que o Filho de Deus deve ser adorado. Deus Pai declarou isto e promulgou o decreto: “*Todos os anjos de Deus O adorem*” (Hebreus 1.6).

É importante observar que nosso Senhor, durante Sua vida na terra como Filho do homem, recebeu a adoração dos homens. Vemos isto em Seu nascimento (Mateus 2.11), durante Seu ministério (Mateus 8.2; 9.18; 14.33; 15.25; Marcos 5.6; João 9.38), em Sua ressurreição (Mateus 28.9-17) e em Sua ascensão (Lucas 24.52). Vemo-IO recebendo adoração agora no céu (Apocalipse 5.9-10, 12-13). Vemo-IO, ainda, recebendo adoração no futuro (Filipenses 2.10).

O Senhor reclamou o mesmo direito que o Pai e declarou que todos os homens deveriam honrar ao Filho “*como honram o Pai*”. “*Quem não honra o Filho não honra o Pai que O enviou*” (João 5.23; 14.10-11).

A) Deveríamos honrar ao Filho pelo que Ele é.

a) Ele é o Filho de Deus. Como tal, Ele é igual ao Pai (João 1.1). Ele possui a Divindade plena e absoluta, pois lemos: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”. Neste magnífico prólogo do evangelho de João afirmam-se três coisas de Cristo. Em primeiro lugar, a eternidade de Seu Ser: “*No princípio*”. Em segundo lugar, a distinção da Sua Pessoa: Ele era “*o Verbo*”. Em terceiro lugar, Sua Divindade essencial: “*O Verbo era Deus*”.

Em Hebreus 1.8 encontramos ao Pai falando ao Filho e dirigindo-Se a Ele como a Divindade: “*Acerca do Filho [diz]: O Teu trono, ó Deus, é para todo o sempre e: Cetro de equidade é o cetro do Teu reino*”.

b) Ele é o Criador de todas as coisas. Ainda que no Credo dos Apóstolos se diga: “Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra”, o Novo Testamento coloca a ênfase da Criação não no Pai, mas no Filho, como o Criador. Lemos que: *“NEle foram criadas todas as cousas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dEle e para Ele. Ele é antes de todas as coisas. NEle tudo subsiste”* (Colossenses 1.16-17; João 1.3). Foram as Suas mãos as que deram forma ao homem do pó da terra e lhe deram vida. O Universo que nos rodeia passou a existir por Seu poder criador e todas as coisas agora são sustentadas por Ele.

c) Ele é o único Revelador do Pai. Nos é dito que *“ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai é Quem O revelou”* (João 1.18). O Deus invisível Se fez visível em Cristo. Tudo quanto pode ver-se do Pai está no Filho. Na realidade, Cristo mesmo declarou: *“Quem Me vê a Mim vê o Pai”* (João 14.6-11). E é descrito como *“o resplendor da glória e a expressão exata do Seu Ser”* (Hebreus 1.3).

Josias Condor, em Seu magnífico hino, captou algo das glórias da Pessoa do Filho de Deus:

“Tu és o Verbo eterno,
Filho unigênito do Pai,
Deus tens manifestado, visto e ouvido,
E és o Amado do céu.

Em Ti, perfeitamente expressas,
Brilham as glórias do Pai,
Da plena Divindade possuídas,
Eternamente divinas.

Verdadeira imagem do infinito,
Cuja essência está oculta,
Resplendor de luz não criada,
Coração de Deus revelado.

Através do Universos Tu és
O centro e o sol d a glória,
O tema eterno de louvor,
És o Amado do céu.

Digno és, ó Cordeiro de Deus,
Que todo joelho a Ti se dobre!”

(tradução literal)

B) Deveríamos adorar ao Filho pelo que Ele tem feito.

a) Por Sua encarnação (1^a Timóteo 3.16; Isaías 9.6). Desde as alturas infinitas da eterna Divindade, Ele desceu à simplicidade de um corpo humano e, deste modo, a Divindade Se revestiu da Humanidade!

Nenhuma mente finita pode, de modo algum, compreender o maravilhoso mistério e milagre da encarnação, mas podemos crer nele e, crendo, prostrar-nos, adorando, a Seus pés, como o fizeram os magos de outrora (Mateus 2.11). Mediante Sua encarnação, Deus Se fez homem, não parcialmente Deus e parcialmente homem, mas plenamente Deus e plenamente homem.

Deste modo, combinaram-se a Divindade absoluta e a humanidade perfeita em uma única Pessoa, quando o Filho de Deus Se fez Filho do homem.

“Quiseste ser feito qual o pecador,
Em tudo, exceto no pecado;
Para que pudéssemos ser
Semelhantes a Ti,
Pois antes não o éramos”.

(tradução literal)

Mediante Sua encarnação, o Senhor Jesus eliminou a barreira que separava o homem de Deus. Seiscentos anos antes de Sua vinda, Isaías escreveu a Seu respeito: *“Um Menino nos nasceu”*, aqui está a Sua humanidade; *“um Filho se nos deu”*, eis a Sua Divindade (Isaías 9.6). Gerado pelo Espírito Santo, nascido de uma virgem, o poderoso Criador se transformou no Bebê de Belém.

Não nos surpreende que o Seu nascimento fosse acompanhado por uma demonstração angelical que louvava a Deus, dizendo: *“Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem Ele quer bem”* (Lucas 2.14).

Como Deus, Ele cumpriu todas as obrigações cabíveis à justiça perfeita. Como homem, Ele satisfez a necessidade mais profunda e terrível da humanidade perdida e, pelo Seu sangue na cruz, garantiu nossa reconciliação com Deus.

É certo o que cantamos:

“Digno, Verbo encarnado, Te adoramos!

Tudo foi feito por Ti e para Ti!
Mas deixaste Teu brilhante trono
Em troca da humilhação na terra
E, revestido de humanidade,
Foste nosso Salvador!”

(tradução literal)

b) Por Sua santa vida de perfeita obediência. Assim, Ele glorificou ao Pai sobre a terra. Ele pôde dizer: *“Eu Te glorifiquei na terra, consumando a obra que Me confiaste a fazer”* (João 17.4). Durante Sua estada na terra, Ele revelou aquelas perfeitas qualidades morais e glórias que tanto deleitaram o coração de Seu Pai e que motivaram o testemunho celestial: *“Este é o Meu Filho amado, em Quem Me comprazo”* (Mateus 3.17).

Nosso Senhor pôde dizer: *“Aquele que Me enviou está comigo, não Me deixou só, porque Eu faço sempre o que Lhe agrada”* (João 8.29). Os olhos do Pai acompanharam o Filho de Seu amor em absoluta complacência, enquanto Ele, durante trinta e três anos, cumpriu perfeitamente toda a vontade de Seu Pai em uma vida imaculada, santa e inocente.

Que infinita humildade e graça caracterizaram Seus passos enquanto Ele caminhava em meio a uma geração pecadora e perversa que nem desejou e nem apreciou a formosura de Seu santo caráter. Pensemos nEle enquanto *“andou por toda parte, fazendo o bem”* (Atos 10.38). Ele deu vista aos cegos, limpou os leprosos, curou os doentes, deu audição aos surdos e deu vida aos mortos. Tal foi o caráter do Seu ministério falado que, mesmo os que foram enviados para prendê-lo, voltaram com as mãos vazias, testemunhando: *“Jamais alguém falou como Este homem”* (João 7.46).

Mediante Sua vida santa, Suas palavras incomparáveis e Seus maravilhosos milagres, Cristo demonstrou Sua Divindade essencial e eterna. Ao mesmo tempo, evidenciou Sua perfeita humanidade. Deste modo, a Divindade essencial e a humanidade imaculada se combinaram harmoniosamente e foram perfeitamente expressadas na Pessoa de nosso bendito Senhor.

Toda a Sua vida teve a fragrância da glória de Deus. É suficiente ler o relato de Sua vida nos quatro evangelhos, que se combinaram para dar-nos um quádruplo testemunho dEle como Rei de Israel, Servo do Senhor, Filho do homem e Filho de Deus, para ficarmos admirados, rompendo em louvor e adoração, e entoarmos:

“Que graça e beleza brilhou, ó Senhor,
Ao redor de Teus passos aqui na terra!
Que amor paciente se vê em tudo:

Tua vida e Tua morte com dor!

Sempre em Teu coração amoroso
Houve um peso de aflição,
Mas nenhuma queixa brotou
De Tua boca silenciosa.

Teus inimigos podiam odiar,
Teus amigos podiam ser desleais;
Mas tiveste perdão constante:
Teu coração só podia amar.”

(tradução literal)

Estas glórias morais de nosso Senhor têm sido o tema de inúmeros livros. Um dos melhores é o que foi escrito por J. G. Bellet, intitulado “The Moral Glories of the Lord Jesus Christ” (“As Glórias Morais de nosso Senhor Jesus Cristo”). Este pequeno livro, que pode ser facilmente lido, apresenta de maneira admirável a combinação perfeita da Divindade e da Humanidade de Cristo, conforme vista em Sua vida sobre a terra. Este livro tem sido usado por muitos para ter maior apreciação da vida e do ministério terrenos de nosso Senhor Jesus Cristo.

c) Por Seu sacrifício voluntário e substitutivo a nosso favor. Este foi o propósito supremo de Sua encarnação. Ele Se revestiu de humanidade a fim de poder morrer pelos pecados do homem, Sua criatura. Lemos que Ele foi *“feito menor que os anjos... por causa do sofrimento da morte”* (Hebreus 2.9). Ele informou Seus discípulos acerca de Seu propósito de ser um sacrifício vicário e substitutivo e disse: *“O próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos”* (Marcos 10.45). Em outra oportunidade, Ele declarou: *“Por isso o Pai Me ama, porque Eu dou a Minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de Mim; pelo contrário, Eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la”* (João 10.17-18).

A cruz sempre esteve perante Ele. No princípio de Seu ministério Ele disse: *“Importa que o Filho do homem seja levantado”* (João 3.14). E não permitiu que nenhuma pessoa ou circunstância O desviassem de Seu caminho solitário rumo ao Calvário. Ele exclamou: *“Não beberei, porventura, o cálice que o Pai Me deu?”* (João 18.11).

“Esteve sozinho em Sua senda aqui
Sem simpatia a Seu redor;
E sozinho o Pai na glória ali

Do Filho soube o amargor;
Mas não cedeu, nem vacilou
E, estando eu submerso no mal,
Achou-me. Ao Senhor louvai!”

(tradução literal)

Na passagem clássica de Filipenses 2.5-8, lemos: *“Ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a Si mesmo se esvaziou, tornando-Se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a Si mesmo Se humilhou, tornando-Se obediente até à morte e morte de cruz”*.

Convém, então, que O adoremos por Sua obra redentora, cantando:

“Digno, ó Cordeiro de Deus, digno és:
Ante Teus benditos pés, Senhor, nos inclinamos!
Pois Tu foste morto, Senhor, por nossos pecados
E nos remiste por Teu sangue para Deus!”

(tradução literal)

Quando o crente pensa no Calvário e no santo Filho de Deus que não teve, não conheceu e nem cometeu pecado algum, mas que foi feito pecado por ele, não pode abrigar orgulho em si, mas somente adoração humilde e reverente ao Salvador.

É bom cantar com Isaac Watts:

“Ao contemplar a cruz sangrenta
Onde O Rei da glória padeceu,
Riquezas quero desprezar
E à soberba tenho horror”.

(tradução literal)

Completamente só naquela “hora escura e misteriosa”, desprezado e rejeitado pelos homens e desamparado pelo Pai, nosso bendito Senhor carregou nossos pecados e esgotou até a última gota escura e amarga o terrível cálice do juízo de Deus. Mediante este sacrifício único que Ele ofereceu a Deus, satisfez, de uma vez e para sempre, todas as demandas de um Deus santo contra o pecador crente, que agora pode testificar:

“Porque o imaculado Salvador morreu
Minha alma pecadora é considerada livre;
Pois Deus, o Justo, está satisfeito
Ao contemplar a Cristo e perdoar-me!”

(tradução literal)

O sacrifício substitutivo de Cristo é a base de todas as bênçãos do crente. E, enquanto ele concentra a atenção de sua mente e o afeto de seu coração no Filho de Deus, que o amou e deu-Se a Si mesmo por ele, surge a adoração em sua alma.

d) Por Sua gloriosa ressurreição e ascensão. Sempre devemos relacionar em nossos pensamentos “*os sofrimentos referentes a Cristo*” com “*as glórias que os seguiriam*” (1ª Pedro 1.11). Nós não adoramos a um Cristo morto, mas a Um que subiu triunfante ao céu e que agora está glorificado à destra de Deus.

Enquanto o crente pensa nisto, canta:

“Levanta-te, ó minha alma,
Eis aqui está Jesus,
Que alegra teus olhos.
Vê a Jesus agora, assentado na glória,
Onde teus pecados não podem subir!”

(tradução literal)

O Senhor glorificado fez esta triunfante proclamação: “*Eu sou... Aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos*” (Apocalipse 1.17-18). A obra do Calvário nunca se repetirá porque lemos que “*havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus*” (Romanos 6.9-10).

Cristo não somente ressuscitou para viver doravante no poder de uma vida interminável, mas Ele subiu para tomar Seu lugar “*à direita da Majestade, nas alturas*” (Hebreus 1.3). E, o que é ainda mais maravilhoso, Ele o que Ele declarou ao crente: “*Porque Eu vivo, vós também vivereis*” (João 14.19).

Deste modo, Ele une todo Seu povo redimido em Si mesmo e lhe assegura a perspectiva da glória eterna com Ele.

C) Deveríamos adorar ao Filho de Deus pelo que Ele está fazendo.

a) Como Advogado, Intercessor e grande Sumo Sacerdote de Seu povo. Tendo efetuado toda a obra necessária para nossa salvação mediante Sua morte e ressurreição, Ele vive agora para sempre à destra de Deus como Intercessor, Advogado e grande Sumo Sacerdote do crente. Ele Se assenta sobre o trono a fim de aperfeiçoar em nós tudo o que Ele efetuou nós na cruz. Como Advogado, Ele nos representa perante o Pai (1ª João 2.1). Como Intercessor, Ele roga por nós ao Pai (Hebreus 7.25). Como

grande Sumo Sacerdote, Ele apresenta nossa adoração ao Pai (Hebreus 8.1-3).

Por isto, expressemos:

“Muito incenso sobe
Ao trono eternal;
Deus, cheio de graça, Se inclina
Para ouvir cada fraco gemido.
A todas nossas orações e louvor
Cristo acrescenta Seu doce perfume
E amor eleva ao incensário
Para consumir sua fragrância.”

Ó Deus, com cânticos viemos
Pois nosso Sumo Sacerdote
Traz perante Ti nossos nomes
Sem esquecer nem do menor;
Por nós Ele traz a mitra
Onde resplandece a santidade.
Por nós Suas vestes são mais brancas
Que a brilhante luz do céu.”

(tradução literal)

b) Como Cabeça da Igreja, a qual é o Seu Corpo.

“Cristo é agora Cabeça sobre todas as cousas, e O deus à Igreja, a qual é o Seu corpo, a plenitude dAquele que a tudo enche em todas as coisas” (Efésios 1.22-23). Em tal caráter, Ele vive para suprir toda necessidade dos membros de Seu Corpo na terra.

Por isso Ele dá dons aos homens. No começo da história da Igreja, Ele deu: *“apóstolos e profetas”*. Agora Ele dá *“evangelistas, pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do Corpo de Cristo”* (Efésios 4.8-12).

Mediante estes dons da Cabeça ressurreta e glorificada, *“todo o Corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor”* (Efésios 4.15-16).

Ele é descrito como Cabeça, andando no meio das igrejas locais, avaliando o verdadeiro valor espiritual de cada uma (Apocalipse 1.13). Ele avalia com Sua presença cada reunião de crentes que se congregam em Seu Nome (Mateus 18.20). Ele é o anfitrião na mesa de recordação e

convida a cada um dos que comprou com Seu sangue a participar do pão e do cálice, dizendo: *“Fazei isto em memória de Mim”* (1ª Coríntios 11.24).

O mesmo Senhor revelou a Paulo que *“todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha”* (1ª Coríntios 11.23-26). Quando Seus santos se reúnem na simplicidade bíblica para recordá-LO, que experiências sagradas podem gozar enquanto percebem a presença do Senhor em seu meio!

“Que comida maravilhosa
Está sobre a mesa
Quando, à mesa,
Se senta o Senhor!
Quão rico é o vinho,
Quão doce é o pão,
Quando Jesus Se digna
Encontrar-Se com os convidados!”

(tradução literal)

Os crentes somos exortados a adorar Este Ser glorificado à destra de Deus por tudo quanto Ele está fazendo a favor dos que Ele comprou para Si, para sempre, a um custo infinitamente elevado.

D) Deveríamos adorar ao Filho de Deus pelo que Ele ainda há de fazer.

A festa de recordação aponta para um momento quando o Senhor há de voltar, pois que participamos do pão e bebemos do cálice somente *“até que Ele venha”*. A grande esperança da Igreja é a volta real e pessoal do Senhor Jesus Cristo. É um fato significativo que uma sexta parte das páginas do Novo Testamento se ocupa com este grande acontecimento e suas consequências de grande alcance para a Igreja, para Israel e para o mundo. Vamos ocupar-nos apenas das primeiras.

Não se nos deixa dúvida com respeito à certeza de Sua vinda porque temos um tríptico testemunho com respeito a ela. Em primeiro lugar, está a proclamação do próprio Senhor neste sentido (João 14.1-3). A seguir, temos a confirmação angélica dela (Atos 1.10-11). Em terceiro lugar, está a revelação apostólica com respeito a ela (1ª Tessalonicenses 4.13-18; 1ª Coríntios 15.51-58). Estas Escrituras por si mesmas são suficientes para comprovar a verdade da segunda vinda de Cristo, literal e pessoalmente.

Tampouco somos deixados na dúvida com respeito ao propósito de Sua vinda. Nos é dito: *“O Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que*

ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor” (1ª Tessalonicenses 4.16-17).

Deste modo, os corpos daqueles cristãos que já morreram serão ressuscitados e reunidos a seus espíritos que já estão com Cristo. Esta é chamada a primeira ressurreição. Aqueles cristãos que estiverem vivos no momento de Sua vinda serão transformados e, a seguir, arrebatados para estarem com Cristo. Isto é chamado o arrebatamento.

Este é o acontecimento que todo verdadeiro cristão espera com a mais ansiosa expectativa, enquanto canta:

“Que gozo! Que delícia! Irmos sem morrer;
Nem enfermidade, temor, tristeza ou pranto ver.
Arrebatados nas nuvens com o Senhor em glória
Quando Jesus receba os Seus!”

(tradução literal)

Pensemos no que isto significará para o Senhor! Ele terá em Sua presença, revestidos de corpos *“iguais ao corpo da Sua glória”* (Filipenses 3.21), a todos aqueles por quem Ele sofreu, sangrou e morreu! A natureza corrompida do crente, chamada *“a carne”*, terá sido deixada atrás para sempre, para não atrapalhar a comunhão com Ele. Todos os remidos aparecerão perante Seu tribunal para seu exame e recompensa (1ª Coríntios 3.12-15; Romanos 14.10-12; 2ª Coríntios 5.10).

Naquele dia, o Senhor apresentará *“a Si mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito”* (Efésios 5.27). Através de toda a eternidade, os remidos adorarão ao Cordeiro que foi imolado e que vive e o Senhor de tudo *“verá o fruto do penoso trabalho de Sua alma e ficará satisfeito”* (Isaiás 53.11).

Seja pelo que pensemos que nosso Senhor é em Si mesmo, no que Ele tem feito, no que Ele está fazendo, ou no que Ele virá a fazer, cada aspecto da Pessoa e da obra de nosso Senhor convida à adoração o espírito redimido do crente.

Podemos, então, dizer:

“Rei da glória, Te adoramos.
Cristo! Soberano! Deus!
Ante Ti já nos prostramos,
Glorioso aí nos céus.
Tributamos-Te louvor,
Admirável Salvador.

Rei de toda a terra ungido,
Seu Herdeiro e seu Senhor.
Pelos homens repellido,
Desprezado o Teu amor!
Homenagem nós aqui
Te prestamos, Cristo, a Ti.

.

Tu, “a Vida”, entregue à morte!
Justo, entregue à maldição!
De Teu Pai primeiro objeto,
Dado à cruz em oblação!
Alvo e centro, Tu, de amor,
Ês pra nós, Jesus, Senhor.

Régias glórias Te pertencem,
Régias honras Tu terás;
Do rebelde mundo o cetro
Brevemente empunharás.
Alvo agora, alvo então,
De louvor e adoração!”

(HeC – nº 554)

3 - NÃO SOMOS ENSINADOS A ADORAR AO ESPÍRITO SANTO

Não há preceito e nem exemplo algum nas Escrituras nem de oração direta ao Espírito Santo, nem de adoração direta a Ele.

Somos ordenados a orar no Espírito, isto é, conforme o Espírito nos guie, mas não nos é dito que oremos ao Espírito (Efésios 6.18). Nossa adoração deve ser no Espírito, mas não nos é dito que a apresentemos ao Espírito (João 4.23).

Fora da direção do Espírito não podemos orar como convém, nem adorar como é devido. Somente Ele possibilita tais coisas ao crente. Consideraremos mais extensamente este assunto no capítulo 17, que trata de “O Poder para Adorar”.

Grande parte dos conceitos errôneos com respeito à Pessoa e à Obra do Espírito Santo se deve à letra inexata de certos hinos. Muitos hinos apresentam a obra do Espírito como se Ele estivesse fora do crente,

cabendo a nós convidá-lo a entrar. As Escrituras indicam claramente que o Espírito Santo vem morar no crente no mesmo instante em que este confia em Cristo e, como consequência, o sela para o dia da redenção (Efésios 1.13-14; 4.30; 1ª Coríntios 6.19-20; João 14.16).

Mesmo que não tenhamos nenhuma indicação ou exemplo nem de oração, nem de adoração ao Espírito Santo, isto não significa que Ele seja menos importante do que o Pai ou o Filho, e nem que ocupe um lugar subordinado a Eles.

Pelo contrário, Ele é co-igual e co-eterno com ambos. O Filho de Deus, a fim de assegurar nossa redenção, encarnou como Filho do homem, submeteu-Se voluntariamente a uma vida de absoluta submissão à vontade de Seu Pai, de completa obediência às Sagradas Escrituras e ao poder e direção do Espírito Santo.

Assim também, na dispensação atual, a missão e delícia do Espírito Santo é ocupar o crente com Cristo e guiar seu coração para adoração ao Pai e ao Filho. Não há ciúme nenhum na eterna Divindade. Cada Pessoa da Trindade deleita-Se em glorificar a Outra. Quando adoramos a eterna Divindade, incluímos em nosso pensamento a cada Pessoa da Divina Trindade.

Cada crente deveria cantar aquela doxologia, antiga e majestosa:

“Ao Pai, ao Filho Redentor,
E ao Espírito Consolador,
Ao triúno Deus em unidade,
Louvor eterno tributai!”

Temos aprendido nas Escrituras que o alvo de nossa adoração são o Pai e o Filho e que esta deve efetuar-se no poder do Espírito Santo, que habita em nós e que deve ser guiada pela Palavra de Deus.

As palavras de nosso Senhor Jesus são apropriadas para concluir esta parte de nosso assunto: “*Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes*” (João 13.17). Uma coisa é ter luz sobre este assunto e ser perfeitamente ortodoxo em nosso conceito e outra é viver de acordo com ele e experimentar o grande privilégio e gozo de adorar ao Pai e ao Filho no poder de um Espírito Santo não entristecido.

Que cada um de nós experimente profundamente isto!

.oOo.

V – A BASE DA ADORAÇÃO

Agora chegamos ao estudo da base ou fundamento da adoração. Neste ponto, como em todos quantos pertencem à vida e à piedade, devemos saber exatamente onde estamos.

Consideraremos três coisas que são fundamentais para a adoração: 1) A Redenção; 2) A Relação; 3) A Representação.

1. A REDENÇÃO

A santidade infinita de Deus exige que todos os que se aproximam dEle com o propósito de adorá-LO sejam por Ele aceitos. A santidade possui duas qualidades: amor à justiça e ódio à iniquidade (Hebreus 1.9).

Lemos que Deus é *“tão puro de olhos, que não pode ver o mal e a opressão não pode contemplar”* (Habacuque 1.13). Este ódio intenso ao pecado se revela por todas as páginas das Escrituras. Por causa de Sua santidade intrínseca e absoluta, Ele deve castigar o pecado. Lemos que *“a ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça”* (Romanos 1.18) e que Deus *“não inocenta o culpado”* (Êxodo 34.7).

Diante disto, podemos fazer-nos a pergunta: Como pode uma pessoa pecadora por natureza e por prática tornar-se apta para ser aceita, estar na presença de um Deus santo e oferecer-Lhe a adoração que O alegre?

A resposta está em uma única palavra: **redenção**. Deus tem revelado que a única maneira de um pecador poder aproximar-se dEle e ser aceito por Ele é na base de um sacrifício substitutivo indicado por Deus, apresentado biblicamente e divinamente aceito.

Este fato fica evidente em cada parte das Escrituras, desde o Gênesis até o Apocalipse. Nas páginas do Antigo Testamento encontramos estas palavras: *“A vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida”* (Levítico 17.11). Nas páginas do Novo Testamento aparecem as mesmas palavras: *“Sem derramamento de sangue não há remissão”* (Hebreus 9.22).

Não pode haver aproximação de Deus, permanência diante de Deus, aceitação por Deus, perdão de Deus, nem adoração a Deus sem um sacrifício substitutivo aceitável que leve os pecados do pecador, que ocupe seu lugar, que morra por ele e que seja aceito por Deus a seu favor.

Nenhuma pessoa pode ser aceita diante de Deus na base de seus méritos, tais como moralidade, suas boas obras, o cumprimento de ritos religiosos, orações ou boas resoluções. Tanto por natureza, quanto por prática, cada pessoa é um pecador e como tal só merece a expulsão eterna da presença de Deus.

Em Êxodo 20.22-26, encontramos uma linda ilustração da necessidade da redenção e de sua provisão por parte de Deus. A lei recém promulgada tinha sido dada no Monte do Sinai e consistia em dez mandamentos que se combinavam para revelar as justas exigências da Divindade. Deus sabia muito bem que o povo de Israel era incapaz de guardar esta lei, apesar de seu orgulhoso voto: *“Tudo o que o Senhor falou faremos”* (Êxodo 19.7-8).

Segundo as instruções de Deus, Moisés tornou a subir ao monte e recebeu uma maior revelação do Senhor. Ela apresenta um lindo quadro tanto de Sua santidade quanto de Sua graça.

Observem-se cuidadosamente a palavras que Deus disse: *“Um altar de terra Me farás e sobre ele sacrificarás os teus holocaustos, as tuas ofertas pacíficas, as tuas ovelhas e os teus bois; em todo lugar onde Eu fizer celebrar a memória do Meu Nome, virei a ti e te abençoarei”*.

O significado destas palavras é claro. Deus sabia que Israel nunca poderia se aproximar dEle, ou ser abençoado por Ele, por ter guardado a lei, ou por causa de mérito humano. Portanto, Ele providenciou em Sua graça um meio pelo qual o povo se poderia aproximar dEle, ser abençoado por Ele e adorar perante Ele.

Este lugar de encontro entre Deus e Israel era um **altar**. Sobre este altar se faria um sacrifício substitutivo, mediante o qual o ofertante seria aceito por Deus **em sua oferta**. Assim fazendo, permitia-se-lhe adorar a Deus, não na base de seus próprios esforços para guardar a lei, mas na base do sacrifício que Deus tinha providenciado para ele.

Observe-se o desejo de Deus de bendizer o Seu povo: *“Virei a ti e te abençoarei”*. Não poderia haver bênção para Israel **então** e não pode haver bênção para nós **agora** caso a bênção dependesse de nossa obediência à lei ou do mérito humano. A bênção só pode fluir de Deus para o homem na base de um sacrifício substitutivo.

Ilustremos isto. Aqui temos um israelita que quebrou a lei. Ele compreende que Deus é santo, reto e justo, e que o seu pecado deve ser castigado, a menos que ele se aproxime de Deus do modo como Ele indicou em Sua Palavra. Então ele vem ao altar com um cordeiro para sua oferta substitutiva. Ajoelha-se e coloca suas mãos sobre a cabeça do cordeiro, identificando-se deste modo com a sua oferta e passa, em figura, sua culpa sobre ela.

Deus observa agora aquele cordeiro como carregando os pecados deste pecador. Agora este pega sua faca e mata o cordeiro. Enquanto observa o sangue fluir do sacrifício imaculado, ele pode dizer: “Embora eu seja um pecador e, portanto, a lei me condene a morrer por meus pecados, no entanto, este cordeiro tem levado meus pecados, tomou meu lugar e morreu por mim. Estou aceito por Deus”.

Agora este israelita está em condições para adorar a Deus, graças à aceitação que ele tem na base de sua redenção pelo sangue do cordeiro. A linguagem das Escrituras é: *“E porá a mão sobre a cabeça do holocausto [sacrifício], para que seja aceito a favor dele, para a sua expiação”* (Levítico 1.4).

Apenas temos destacado uma das muitas figuras ou tipos de Cristo nas Escrituras do Antigo Testamento. Esta figuras e ofertas ilustram a grande obra de Cristo, como Cordeiro de Deus, efetuada sobre o altar do Calvário. Foi ali onde *“ao se cumprirem os tempos, [Cristo] se manifestou uma vez por todas, para aniquilar, pelo sacrifício de Si mesmo, o pecado”* (Hebreus 9.26).

Cristo permitiu voluntariamente ser crucificado na cruz porque Ele sabia que era o único meio pelo qual um Deus justo e santo podia perdoar a um pecador culpado, mas arrependido e crente. Cada pessoa que vem a Deus confiada unicamente no sacrifício substitutivo de Cristo, que descansa simplesmente na obra completada de Cristo e que recebe a Cristo como seu próprio Salvador e Senhor é, neste preciso momento, *“justificado, gratuitamente, por Sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus”* (Romanos 3.24).

Que cada leitor se assegure que esta é a única base sobre a qual se aproxima de Deus em adoração, porque não há outro caminho.

Alberto Midlane escreveu um hino que apresenta esta gloriosa verdade de um modo claro e maravilhoso:

“A perfeita justiça de Deus
Se vê no sangue do Salvador;
Na cruz de Cristo vemos
Sua justiça e graça maravilhosas.

Deus não podia passar por alto o pecado,
O qual demanda nossa morte;
Mas na cruz de Cristo vemos
Como Deus pode salvar-nos retamente.

O pecado é posto sobre o Salvador
E a dívida é paga pelo Seu sangue;
A inflexível justiça não mais pode cobrar
E a misericórdia pode mostrar-se abundante.

O pecador que crê é liberto
E pode dizer: O Salvador morreu por mim!;
Pode apontar para o sangue expiador
E dizer: Ele fez minha paz com Deus!”

(tradução literal)

2. A RELAÇÃO

O segundo requisito ou base para a adoração é a **relação**. Aqueles que se aproximam de Deus o fazem com a palavra “Pai” em seus lábios.

Nosso Senhor ensinou Seus discípulos a dizer: *“Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o Teu Nome”* (Mateus 6.9). É o “Pai” que procura adoradores e os adoradores são aqueles que têm chegado a ser *“filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus”* (Gálatas 3.26).

Este parentesco, como já temos visto, é efetuado pelo poder regenerador do Espírito Santo, por meio da Palavra de Deus. Em 1ª Pedro 1.23, lemos: *“Fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente”*.

No Antigo Testamento, foram Arão e seus filhos os que foram chamados para agir como sacerdotes no lugar de adoração, primeiro no Tabernáculo e, mais tarde, no Templo. Foi seu **parentesco com Arão** que os qualificou para esta posição privilegiada para adorar. Em o Novo Testamento, são os “filhos e filhas do Deus Todo-Poderoso” os chamados, capacitados e privilegiados para adorar. Sobre *“o caminho novo e vivo”* que conduz *“ao lugar santíssimo”* estão escritas estas palavras: “Unicamente para os filhos de Deus”.

São, realmente, felizes aqueles que têm chegado a conhecer o que significa ter *“redenção pelo Seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da Sua graça”* (Efésios 1.7). Os tais, pela Palavra, têm a certeza que nasceram do alto e que este novo nascimento não provém *“do sangue,*

nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (João 1.13).

É como “irmãos” ou como participantes da família de Deus que somos convidados a entrar livremente no Lugar Santíssimo pelo sangue de Jesus Cristo (Hebreus 10.19). O cristão não se aproxima para adorar a um Deus estranho, frio, distante e impessoal, mas a um Deus a Quem ele conhece e ama como seu próprio Pai.

Uma das evidências da regeneração é que o crente recebe o espírito de adoção, por meio do qual clama: “*Aba, Pai!*” (Romanos 8.15). Deste modo, entre Deus e Seus adoradores há um vínculo precioso e permanente de parentesco divino.

3. A REPRESENTAÇÃO

O terceiro requisito para a adoração é a **representação**. Isto significa que o adorador deve ter um Sumo Sacerdote como representante seu na presença de Deus. Através da mediação deste Sumo Sacerdote, sua adoração é apresentada e aceita por Deus.

Uma vez mais, devemos voltar para o livro de figuras de Deus, o Antigo Testamento, para aprender com os “tipos”, “figuras” ou “modelos” que Deus nos deu, porque é absolutamente indispensável a mediação de Cristo como nosso Sumo Sacerdote para nossa adoração ser aceita por Deus.

Os dois livros do Antigo Testamento que devemos ler e estudar em relação a esta verdade são Êxodo e Levítico. Por sua vez, o verdadeiro significado destas figuras não pode ser compreendido independentemente da Epístola aos Hebreus em o Novo Testamento. Se o leitor deseja um maior conhecimento sobre estas verdades, descobrirá que o livro de George Soktau intitulado “The Tabernacle, The Priesthood and The Offerings” (“O Tabernáculo, o Sacerdócio e as Ofertas”) é uma verdadeira mina de ouro de proveito espiritual. Os “Estudos no Pentatêuco”, de C. H. Mackintosh (volumes sobre Levítico e Êxodo) também enriquecerão seus leitores.

Após Deus ter redimido Seu povo pelo sangue espargido do cordeiro pascal e após tê-lo libertado do poder do Egito mediante as águas divididas do Mar Vermelho, Ele deu instruções a Moisés para que preparasse um Tabernáculo, no qual poderia morar no meio de Seu povo eleito. Foram dadas instruções minuciosas com respeito a este Tabernáculo e seu mobiliário, como também com respeito à eleição, vestes, consagração e unção de Arão, junto com a descrição de suas obrigações.

Arão foi o sumo sacerdote divinamente escolhido, chamado e designado para o Tabernáculo. Com esta função, ele atuava como representante de Israel perante Deus. Junto a Arão estavam seus filhos, que atuavam como sacerdotes. Também foram dadas instruções minuciosas com respeito aos diversos tipos de ofertas e com respeito ao ritual relacionado com cada uma delas quando eram trazidas a Deus e oferecidas a Ele.

O último capítulo de Êxodo relata a construção do Tabernáculo, a instalação do sacerdócio araônico e conclui com a aprovação divina de tudo o que tinha sido feito em obediência às Suas instruções. Lemos que *“a nuvem cobriu a tenda da congregação e a glória do Senhor encheu o tabernáculo... De dia, a nuvem do Senhor repousava sobre o tabernáculo e, de noite, havia fogo nela, à vista de toda a casa de Israel, em todas as suas jornadas”* (Êxodo 40.34-38).

Queremos chamar a atenção especial para o sumo sacerdócio de Arão, enquanto ele cumpria suas obrigações como representante de Israel na presença de Deus. Na Epístola aos Hebreus, Cristo, o grande Sumo Sacerdote, é **contrastado** com Arão e é **comparado** com Melquisedeque. Na realidade, a palavra chave da epístola é **“melhor”**. Cristo é apresentado como superior a Arão em todo sentido, tanto em relação à Sua Pessoa quanto à Sua obra. Cristo ofereceu *“um melhor sacrifício”* (8.6), que continha *“melhores promessas”* (8.6), que *“fala melhor”* (12.24), que resulta em *“uma melhor esperança”* (7.19) e que conduz a *“uma pátria melhor”* (11.16).

Sem dúvida, o acontecimento sobressalente do ano para os filhos de Israel era o grande Dia da Expição, que é descrito em Levítico 16. Nesta ocasião, se fazia memória de todos os pecados, transgressões e iniquidades da nação e se oferecia um sacrifício substitutivo por eles mediante o qual se efetuava uma expiação, ou os pecados eram cobertos. Este era o único dia do ano em que se permitia ao sumo sacerdote atravessar o véu e entrar no Lugar Santíssimo.

A cerimônia relacionada com este Dia da Expição tinha abundante significado espiritual. Em primeiro lugar, Arão devia fazer uma expiação por seus próprios pecados antes de fazer nada a favor de seu povo, ao qual representava perante Deus. Portanto, ele tomava um bezerro como oferta por seu pecado e um carneiro como holocausto. Depois de colocar suas mãos sobre o bezerro, o matava no altar de bronze.

A seguir, tomava seu incensário cheio de brasas de fogo e punha incenso sobre o fogo. Então entrava com o sangue da oferta pelo pecado, através do véu, no lugar santíssimo. Enquanto o incenso se espalhava em

nuvens, Arão aspergia o sangue sete vezes, tanto sobre o propiciatório como diante dele, efetuando, deste modo, a expiação **para si mesmo**.

Depois disto, tomava dois cabritos machos e os apresentava diante do Senhor à porta do Tabernáculo. A seguir, lançava sortes sobre os dois cabritos, sendo uma para o Senhor e outra para Azazel. Depois degolava o cabrito do Senhor e com seu sangue e seu incensário atravessava novamente através do véu e aspergia sete vezes o sangue sobre e perante o propiciatório e, deste modo, efetuava a expiação **pelo povo**.

A seguir, voltava à porta do Tabernáculo, colocava suas mãos sobre a cabeça do cabrito vivo e confessava sobre ele *“todas as iniquidades dos filhos de Israel, todas as suas rebeliões e todos os seus pecados”*, transferindo-os, em figura, sobre a cabeça do cabrito vivo. Este cabrito

macho era então conduzido por um homem ao deserto e era solto ali para nunca mais regressar.

Esta cerimônia, como todas as demais relacionadas com a adoração de Israel, fica sem significado se não se relaciona com o Novo Testamento. Quando lemos a Epístola aos Hebreus, todo este ritual complicado resulta maravilhosamente claro e fragrante com Cristo.

O fato de Arão ter que apresentar uma oferta por seus próprios pecados é utilizado para demonstrar, **por contraste**, a superioridade de Cristo como nosso grande Sumo Sacerdote. Lemos que Cristo *“não tem necessidade,... de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro, por Seus próprios pecados, depois, pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a Si mesmo Se ofereceu”* (Hebreus 7.27).

Os dois cabritos machos constituem uma dupla figura do sacrifício de Cristo, ilustrando o fato de que Ele não morreu apenas por nossos pecados, mas também os tirou da presença de Deus para sempre.

A infinita superioridade do sacrifício de Cristo sobre o de Arão pode observar-se também no fato de que o Senhor Jesus não é descrito apenas como **Ofertante**, mas também como **Oferta**. E mais, esta oferta do Dia da Expição devia ser repetida todos os anos, de maneira que havia uma memória contínua de pecados (Hebreus 10.3).

Em contraste com isto, nos é dito que *“ao se cumprirem os tempos, [Cristo] Se manifestou **uma vez por todas**, para aniquilar, pelo sacrifício de Si mesmo, o pecado”* (Hebreus 9.26). Também nos é dito que os sumos sacerdotes foram muitos *“porque são impedidos pela morte de continuar; Este [Cristo], no entanto, porque continua para sempre, tem o Seu sacerdócio imutável”* (Hebreus 7.23-24).

Assim como Arão entrava, através do véu, ao Lugar Santíssimo com o sangue da expiação e o incenso fumegante, como representante de Israel, e

aspergia o sangue sobre e diante do propiciatório, satisfazendo deste modo todas as demandas do santo trono de Deus, da mesma maneira Cristo, pelo poder do Seu próprio sangue, *“entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção”* (Hebreus 9.11-12).

Agora, como nosso Representante, vive para sempre na presença de Deus intercedendo por Seu povo com toda a eterna virtude e valor de Sua Divina Pessoa e de Sua redenção consumada!

Nosso Senhor não somente entrou no céu para ocupar-Se em Sua obra como nosso grande Sumo Sacerdote, mas também abriu o caminho para que todo o Seu povo redimido possa entrar no Lugar Santíssimo por meio dEle para desenvolver ali a mais sublime ocupação: **a adoração de Deus.**

Assim como Arão, dentro do Lugar Santíssimo, fazia subir nuvens de incenso perante o propiciatório manchado de sangue, da mesma maneira agora Cristo, nosso grande Sumo Sacerdote, por causa de Sua eterna virtude e do valor da Sua Pessoa e da eficácia de Seu sangue precioso, faz com que o incenso de nossa adoração se eleve perante o santo trono de Deus e seja aceitável ao Pai.

Observemos cuidadosamente o que Deus nos diz a respeito disso: *“Com uma única oferta aperfeiçou para sempre quantos estão sendo santificados... De nenhum modo Me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre. Ora, onde há remissão destes, já não há oferta pelo pecado. Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que Ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela Sua carne, e tendo grande Sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura”* (Hebreus 10.14-22).

Não nos surpreende que o escritor inspirado, ao contemplar a super-excelência do sacerdócio de Cristo contrastado com o de Arão, diga simplesmente: *“Ora, o essencial das cousas que temos dito é que possuímos tal Sumo Sacerdote, que Se assentou à destra do trono da Majestade nos céus”* (Hebreus 8.1).

Que riqueza de significado está encerrada nestas quatro palavras: *“Possuímos tal Sumo Sacerdote!”* A Epístola inteira se ocupa deste tema. Apresenta-se a Cristo como um Sumo Sacerdote **poderoso**, pois *“naquilo que Ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados”* (Hebreus 2.18).

É apresentado como um Sumo Sacerdote **misericordioso**, pois que Ele conhece toda a fraqueza e fragilidade de Seu povo e satisfaz todas as

suas necessidades (Hebreus 2.17). É apresentado como um Sumo Sacerdote **fiel**, tanto para com Deus quanto para com o homem.

A diferença de Arão é que Ele é incapaz de falhar. Ele nunca falha no cumprimento de Suas promessas nem na execução de Suas responsabilidades. Ele nunca se descuida e nem dorme, mas sempre está vivo e ativo para efetuar Seus propósitos de graça (Hebreus 2.17). Apresenta-se a Cristo como um Sumo Sacerdote **compassivo**, pois que pode compadecer-Se de nossas fraquezas e tem sido *“tentado em todas as cousas, à nossa semelhança, mas sem pecado”* (Hebreus 4.15).

Cristo foi *“o homem de dores e que sabe o que é padecer”* (Isaías 53.3). Ele sabe o que significa estar fatigado, faminto e sedento, ser atraído e abandonado, sofrer a agonia e morrer. Os filhos de Deus temos, portanto, a segurança de contarmos com um ouvido compassivo e um coração compreensivo em nosso Representante.

Ele é um Sumo Sacerdote **que vive para sempre**, pois, *“havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre Ele”* (Romanos 6.9). Ele vive no poder de uma vida interminável e, portanto, não Se cansa e nem cessa em Suas atividades a favor dos Seus. Deste modo, Seu povo é salvo perpetuamente mediante Sua incessante intervenção a seu favor. (Hebreus 7.25).

Além disso, Ele é um Sumo Sacerdote **exaltado**, pois é descrito como um grande Sumo Sacerdote (Hebreus 4.14) e como um que tem sido *“feito mais alto do que os céus”* (Hebreus 7.26).

Nenhuma mente finita poderá jamais compreender quão grande Ele é:

“Só o Pai,
Glorioso direito,
Pode compreender ao Filho”.

(tradução literal)

Finalmente, Ele é um Sumo Sacerdote **eterno**, porque tem sido feito *“Sumo Sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”* (Hebreus 6.20).

É realmente maravilhoso observar quão pleno e completo é este ministério sumo sacerdotal de nosso Senhor. Seu **coração** ocupa-se conosco, pois Ele ama os Seus com terna e incessante simpatia (João 11.33-36). Sua **mente** ocupa-se conosco, porque Seu povo é o alvo constante de Seu pensamento (Salmo 40.17). Seus **olhos** nos observam constantemente para prever e atender às nossas necessidades porque a Bíblia diz que *“não dormitará Aquele que te guarda”* (Salmo 121.3). Suas **mãos** estão ocupadas a nosso favor guardando, guiando e protegendo as

ovelhas do Seu rebanho (João 10.26-30). Seus **ouvidos** estão sempre atentos ao clamor do Seu povo (Salmo 34.14). Seus **lábios** são usados constantemente enquanto Ele roga por Seu povo e, mediante Sua defesa e intercessão contínuas, Ele defende sua causa perante o Pai (Hebreus 7.25; 1ª João 2.1). Seus **pés** não estão ociosos, pois Ele acompanha os Seus e promete nunca deixá-los e nem abandoná-los. Os dois discípulos no caminho de Emaús descobriram, para seu regozijo, a bênção da companhia do Salvador (Lucas 24.15). Podemos regozijar-nos: *“Possuímos tal Sumo Sacerdote!”*

Cristo é, portanto, nosso Representante divino na presença do Pai. Ele garantiu nossa **redenção** mediante Seu precioso sangue. Ele tem feito efetiva nossa **relação** com Deus. E agora, “na virtude de uma vida interminável”, Ele nos **representa** perante o trono do Pai como nosso grande Sumo Sacerdote.

Desta maneira, o triplo fundamento da adoração, que demandava a santidade do trono de Deus, tem sido perfeita e gloriosamente providenciado. O filho redimido de Deus não precisa temer, mas, com um santo atrevimento, pode aproximar-se e entrar no Lugar Santíssimo. O filho redimido de Deus conta com a segurança de um Representante, o grande Sumo Sacerdote, que apresentará sua adoração ao Pai com toda a perfeição de Sua Pessoa.

Todos os crentes podem agora reverentemente adorar e repetir: *“Possuímos tal Sumo Sacerdote!”*

.oOo.

VI – O PODER PARA ADORAR

(João 4.23-24)

Já temos estado estudando o significado, a importância, a autoridade, o alvo e a base da adoração. Vamos considerar agora o poder para adorar. Como é capacitado espiritualmente o crente para a verdadeira adoração?

A resposta é simples: o poder para a adoração é o Espírito Santo, a terceira Pessoa da Divindade.

Certamente vai-nos ajudar um breve estudo de Sua Pessoa e de Sua obra para podermos apreciar melhor quão indispensável Ele é, não apenas para a adoração do crente, mas também para todas as esferas de sua vida.

Estudemos primeiro

1.SUA PESSOA

Há muitas ideias erradas com respeito ao Espírito Santo. Às vezes, faz-se referência à Sua Pessoa como se Ele fosse apenas uma “influência” e muitas vezes é considerado como impessoal. Outros parecem criar a impressão de que o Espírito Santo é apenas uma emanção de Deus e não uma Pessoa diferenciada e divina, coigual e coeterna com o Pai e com o Filho.

A personalidade do Espírito Santo evidencia-se em toda a Palavra de Deus. As próprias palavras de Cristo deveriam ser suficientes para consagrar este fato. Observem-se os pronomes pessoais utilizados por Cristo ao referir-se a Ele: *“Convém-vos que Eu vá, porque, se Eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, Eu for, Eu vo-lo enviarei. Quando Ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo... Quando vier, porém, o Espírito da verdade, Ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por Si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as cousas que hão de vir. Ele Me glorificará, porque há de receber do que é Meu e vo-lo há de anunciar”* (João 16.7-8, 13-14). Nesta curta passagem bíblica, Cristo utilizou doze pronomes pessoais para descrever o Espírito Santo e a obra que Ele há de efetuar.

A personalidade requer a posse de três qualidades: **conhecimento** ou inteligência; **sentimento** ou emoções; e **vontade** ou faculdade de querer.

As Escrituras testificam que o Espírito Santo, assim como o Pai e o Filho, possui estas quatro qualidades. Ele possui **intelecto**, porque nos é dito que Ele *“sabe”* (Romanos 8.27), *“ensina”* (João 14.26), *“testifica”* (João 14.26), *“guia”* (João 16.13), *“ouve”* (João 16.13) e *“fala”* (João 16.13).

Ele tem **emoções** porque nos é dito que Ele pode ser *“entristecido”* (Efésios 4.30), *“apagado”* (1ª Tessalonicenses 5.19), *“resistido”* (Atos 7.51) e *“ultrajado”* (Hebreus 10.29).

Ele possui **vontade** porque Ele *“contende”* (Gênesis 6.3), *“milita contra a carne”* (Gálatas 5.17), *“convence”* (João 16.8), *“intercede”* (Romanos 8.26) e *“faz saber”* (João 16.13).

Ele tem muitos títulos na Palavra de Deus. Cada título tem um grande significado espiritual e indica os diversos aspectos do Seu caráter e

da Sua obra. Ele é o “*Espírito Santo*”, o que destaca Sua santidade absoluta. Ele é o “*Espírito da verdade*”, a causa de Sua perfeita integridade. Ele é o “*Consolador*” ou “*Paracleto*”, que significa “um chamado ao nosso lado para ajudar”. Ele é o “*Espírito de Deus*”, o que destaca a Sua divindade. Ele é o “*Espírito de graça*”, o que faz referência ao favor não merecido que Ele nos faz. É o “*Espírito de Cristo*”, o que indica a Sua missão de glorificar ao Filho de Deus. É o “*Espírito da glória*”, porque as Suas excelências se revelam na Palavra. É o “*Espírito da promessa*”, o que indica seu ato de selar o crente como garantia de sua eterna bênção. Estes títulos e muitos mais combinam-se para mostrar a Divindade de Sua Pessoa, a dignidade do Seu caráter e a glória dos Seus atributos manifestados.

Esta rápida olhadela pelas Escrituras deveria ser suficiente para indicar claramente que o Espírito Santo é uma Pessoa que possui uma plena Divindade, coigual e coeterna com o Pai e com o Filho. Como deveríamos louvar a Deus por este “santo Hóspede celestial”, sem cuja presença e poder nunca poderíamos ter sido salvos, nem trazidos à presença de Deus, nem capacitados para adorar!

Consideremos agora

2. SUA OBRA

1) Com relação à Criação (Gênesis 1.2). Aqui encontramos a primeira referência ao Espírito. Encontramo-lo movendo-se sobre a face do mundo perdido no caos, até que a escuridão foi deslocada pela luz e o caos substituído pela ordem e pela beleza. Aqui temos um quadro notável de Sua obra atual no despertamento, convicção e regeneração do pecador arruinado, culpado e impotente!

2) Com relação às Escrituras. Devemos-Lhe a revelação escrita da Palavra de Deus, pois nos é dito que “*nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo*” (2ª Pedro 1.21). Davi testemunhou: “*O Espírito do Senhor fala por meu intermédio, e a Sua palavra está na minha língua*” (2º Samuel 23.2). Paulo declarou: “*Toda a Escritura é inspirada por Deus*” (2ª Timóteo 3.16). O Espírito de Deus veio sobre aqueles profetas do Antigo Testamento, assenhoreando-se de tal maneira deles que, o que eles escreveram sob Seu divino controle, foram as mesmas palavras de Deus.

A inspiração pelo Espírito Santo do relato do Novo Testamento é indicada pelo próprio Cristo. As seguintes palavras nos dão a razão dos quatro evangelhos: “*Ele vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito*”

(João 14.26). E as palavras anteriores referem-se às Epístolas: *“Ele vos ensinará todas as coisas”* (João 14.26).

E estas palavras referem-se ao Apocalipse: *“Ele... vos anunciará as cousas que hão de vir”* (João 16.13). É assim que a totalidade das Sagradas Escrituras chegou a nós por intermédio do Espírito de Deus.

3) Com relação a Cristo. O Espírito Santo destaca-se na vida de nosso Senhor:

a) Na encarnação de Cristo. Gabriel disse a Maria: *“Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a Sua sombra; por isso, também o Ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus”* (Lucas 1.35).

b) Em Sua vida sobre a terra. Ele veio em forma de pomba sobre Cristo no Seu batismo (Mateus 3.16). Ele levou o Salvador à tentação e deu-Lhe poder durante Sua provação, da qual saiu mais que vencedor (Mateus 4.1-14). O mesmo aconteceu durante todo o ministério de nosso Senhor porque nos é dito que o Senhor falou no poder do Espírito (Lucas 4.18-22; João 3.34).

c) Em Sua morte. As Escrituras nos dizem que Cristo ofereceu-Se a Si mesmo a Deus *“pelo Espírito eterno”* (Hebreus 9.14).

d) Em Sua ressurreição. Nos é revelado que Cristo *“foi designado Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor”* (Romanos 1.4).

e) Em Seu ministério após Sua ressurreição. Cristo esteve quarenta dias após a Sua ressurreição acompanhando Seus discípulos e não subiu ao céu senão *“até ao dia em que, depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera”* (Atos 1.2).

4) Com relação ao mundo humano (João 16.8-11). Ele foi enviado para convencer-nos do **pecado**, que é a causa de incredulidade com respeito a Cristo, como ficou provado na rejeição e crucificação do Filho de Deus. Convince também da **justiça** porque Deus indicou, mediante a ressurreição de Cristo, que todas as Suas justas demandas foram satisfeitas pelo sacrifício substituído pelo pecado. Convince também do **juízo** porque Satanás, o príncipe deste mundo, tem sido derrotado e condenado. O Diabo espera agora a execução de sua sentença e sua deportação para o lago de fogo.

Deste modo, a obra do Espírito Santo em relação aos não-salvos é produzir neles, por meio da pregação da Palavra:

a) Um sentimento de necessidade, como pecadores incrédulos;

b) Uma compreensão de que a justiça de Deus tem sido revelada na obra redentora de Cristo, como prova de que Ele foi ressuscitado e sentou-Se à destra de Deus.

c) A convicção de que, como Satanás já foi julgado, todos os que morrem recusando a Cristo devem compartilhar sua condenação eterna. Em outras palavras, Ele convence o pecador de sua necessidade, revela o remédio de Deus em Cristo e adverte quanto à certeza de condenação.

Nestes dias de pregação superficial e de evangelismo profissional, com seus “resultados garantidos”, há uma grande necessidade de pregar a Palavra para que, por meio dela, o Espírito possa efetuar Sua obra de convicção e de conversão.

5) Com relação ao crente.

a) Ele desperta a alma e a conduz à fé em Cristo. Veja Atos 2.37 e 7.54. Ele abre os **ouvidos** do pecador para que ouça com fé. Depois, abre os **olhos** espirituais da mente do pecador para que sinta seu estado culpado e perdido e o remédio que Cristo já providenciou. A seguir, abre o **coração** do crente para que confie na obra consumada de Cristo e para que O receba como seu próprio Salvador. Finalmente, Ele abre a **boca** do filho de Deus para que confesse a Cristo como Senhor de sua vida. Esta é a “vivificação” divina, que só o Espírito de Deus pode produzir (Efésios 2.1-2).

b) Ele passa a morar no crente tão logo a verdade do Evangelho tenha sido crida e Cristo tenha sido recebido e, em consequência, sela-o para o dia da redenção (Efésios 1.13; 4.30; 1ª Coríntios 6.19-20).

c) Ele ilumina o cristão. Isto Ele efetua criando nele capacidade para as coisas espirituais e conferindo-lhe discernimento espiritual, capacitando-o assim para compreender o que antes não entendia (1ª Coríntios 2.10-16; 1ª Pedro 1.4).

d) Ele guia o crente a toda a verdade (João 16.13; 14.26). Enquanto o crente lê, medita e estuda as páginas das Escrituras e, a seguir, trata de andar em obediência ao que lê nelas, o Espírito Santo continua guiando-o mais e mais na verdade de Deus, para que possa “*crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo*” (2ª Pedro 3.18).

e) Ele dá poder ao cristão para o serviço. A promessa de Cristo a Seus discípulos antes do Pentecostes foi: “*Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis Minhas testemunhas*” (Atos 1.8). Enquanto permitamos ao Espírito habitar em nós sem ser entristecido, Ele dará poder para testemunharmos, seja em particular ou em público, e usará o crente para levar outras almas a Cristo ou para guiar seus irmãos crentes a um melhor conhecimento da Palavra de Deus.

f) Ele produz fruto na vida do cristão. Enquanto permitamos ao Espírito cumprir Seus propósitos, os outros observarão “o fruto do Espírito” manifesto em nossa vida. Este fruto manifesta-se em nove formas. **Para com Deus**, haverá “amor, gozo, paz”. **Para com o homem**, haverá “paciência, benignidade, bondade”. **Para consigo mesmo**, haverá “fé, mansidão, domínio próprio” (Gálatas 5.22-23).

g) Ele glorifica a Cristo (João 16.14). Isto é, Ele revela ao crente as abundantes excelências do Filho de Deus. Ele pega as “coisas de Cristo” e impressiona de tal modo a mente e o coração do cristão com todas as virtudes e o valor do Salvador que o crente é seduzido e exclama: “Ele é o melhor entre dez mil!”. O Espírito Santo deleita-Se assim em fazer com que Cristo seja mais precioso à alma, glorificando-O deste modo e através do crente.

6) Com relação à Igreja.

Diz-se-nos que “em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito” (1ª Coríntios 12.13). Este é o acontecimento que se desenrolou no dia de Pentecostes. Ele veio, de acordo com a promessa de Cristo, e uniu a todos os crentes em Cristo em um Corpo, a Igreja.

Paulo também assemelha a Igreja a um edifício e diz: “No qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito” (Efésios 2.21-22).

Novamente, Paulo exorta os santos de Éfeso e lhes diz: “Rogo-vos... que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados com toda a humildade e mansidão, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Efésios 4.1-3). Deste modo, o Espírito de Deus guia o povo de Deus a manter a unidade que Ele mesmo realizou.

Nos capítulos 12 a 14 de 1ª Coríntios, observamos o Espírito de Deus agindo no trabalho de uma igreja local. Aqui Ele está desenvolvendo e dando o poder de manifestação dos diversos dons espirituais que Cristo tem conferido aos crentes (Efésios 4.8-16). Quando estes dons são exercidos de acordo com Sua direção, eles redundarão em edificação da igreja de tal modo que apresentem um testemunho unido para Cristo.

Na medida em que cada crente responde à Sua direção no exercício de seu Dom, cria-se uma atmosfera espiritual que fará com que o incrédulo que venha à igreja se prostre sobre seu rosto e adore a Deus

“testemunhando que Deus está, de fato, no meio de vós” (1ª Coríntios 14.23-25).

Nunca será demais enfatizar que os dons espirituais devem ser exercidos no poder do Espírito de Deus. Sem Ele, toda a organização eclesial do mundo é pior que inútil. Os princípios bíblicos requerem poder espiritual para sua operação e este poder espiritual provém exclusivamente do Santo Espírito de Deus.

7) Com relação à adoração.

No que diz respeito à adoração, a obra do Espírito de Deus é guiar a cada crente individualmente, por meio da Palavra de Deus, a uma compreensão e estima cada vez maiores do Pai e do Filho.

Daí a necessidade de que cada cristão seja tanto um leitor como um estudioso das Sagradas Escrituras. O Espírito Santo nunca levará alguém a crer ou a fazer nada que se oponha à Palavra de Deus. Na medida em que o crente seja ensinado pelo Espírito, mediante a Palavra, e seja obediente quanto ao que aprende, o Espírito o guiará a um conhecimento mais profundo das coisas divinas, especialmente no que diz respeito à adoração.

Já temos aprendido que a adoração é principalmente uma questão pessoal. Não é tanto alguma coisa que deva ser guardada para ser apresentada numa reunião, mas algo que constantemente deveria elevar-se da alma do crente, diariamente, enquanto aprecia tudo quanto Deus é e tem feito na Pessoa de Seu Filho. Quando um grupo de crentes se reunir como igreja neste estado espiritual, quanta adoração guiada pelo Espírito haverá!

A direção do Espírito manifesta-se de um modo especial quando um grupo de crentes se reúne de acordo com as Escrituras para relembrar o Senhor Jesus. Podemos perceber a direção clara deste “Hóspede santo e celestial” quando Ele guia a um e a outro a pedir um hino, a ler uma passagem da Palavra ou a igreja em adoração.

Então observamos que cada palavra falada ou cada hino está em perfeita harmonia com o tema peculiar da reunião. Isto produz uma progressão gradual, mas contínua, da adoração, que se eleva mais e mais até que o pão é partido e o cálice passa de mão em mão.

É suficiente assistir uma reunião assim para convencer-se da necessidade absoluta e da realidade do poder e da presença de Deus, enquanto Ele ocupa os corações dos crentes com o Pai e com o Filho, e os guia na adoração como um conjunto de sacerdotes reais.

Cada crente deve, portanto, assegurar-se de não **entristecer** o Espírito Santo por causa de má conduta, pois, caso contrário, sua

adoração será prejudicada. Se isto acontecer, uma imediata confissão e o abandono deste pecado restaurarão a comunhão.

Cada igreja, por sua vez, deverá ter cuidado para não **apagar** o Espírito. Isto pode acontecer de várias maneiras: a) Negando ou menosprezando o ministério que Ele quer dar por meio de um ou de outro irmão por Ele capacitado; b) Sendo desobedientes à Sua direção; c) Recusando receber na Ceia do Senhor a algum crente que deseje lembrar-se do Senhor Jesus e que esteja em ordem em sua vida espiritual e que seja sã na doutrina; d) Permitindo o pecado em seu meio sem ser julgado; e) Permitindo que na igreja haja um espírito sectário ou partidário (leiam-se Efésios 4.28-30; 1ª Tessalonicenses 5.19-21; 1ª Coríntios 5.1-8; 3.1-5; 14.40).

Fazemos bem em louvar a Deus pelo Dom do Espírito Santo!

8) Com relação ao serviço.

A **adoração** verdadeira, guiada pelo Espírito, **produzirá** no crente um **serviço** leal, guiado pelo Espírito e em Seu poder, para o Senhor.

O livro dos Atos dos Apóstolos poderia muito bem chamar-se “Os Atos do Espírito Santo”. É a Ele que

observamos através de todo o livro, dando poder aos crentes para a pregação do Evangelho e concedendo-lhes uma colheita abundante de almas preciosas.

Nele os crentes são descritos como “*cheios de fé e do Espírito Santo*”. Estes cristãos sabiam por experiência própria o que significava “*andar no Espírito*”, “*orar no Espírito*”, “*viver no Espírito*” e ser “*guiados pelo Espírito*”. Certamente, aqueles que adoram mais a Deus O servirão melhor e somente o Espírito pode dar o poder para ambas as atividades.

Diante dito, que cada um de nós trate, pela graça de Deus, de pertencer ao grupo daqueles que “*adoram em Espírito e em verdade*”.

.oOo.

VII – O MODO DA ADORAÇÃO

Por modo de adorar queremos referir-nos àquelas qualidades espirituais interiores que sempre devem caracterizar o crente em sua adoração para que esta seja aceitável por Deus. É possível que uma pessoa

se aproxime de Deus com seus lábios e, no entanto, esteja longe dEle em seu coração.

Deus precisou dizer de Israel: *“Este povo se aproxima de Mim e com a sua boca e com os seus lábios Me honra, mas o seu coração está longe de Mim”* (Isaías 29.13).

Por meio do profeta Ezequiel, Deus disse: *“Ouvem as Tuas palavras, mas não as põem por obra; pois, com a boca, professam muito amor, mas o coração só ambiciona lucro”* (Ezequiel 33.31).

Tudo o que está relacionado de algum modo com o homem tende a degenerar e a adoração não é exceção.

No caso de Israel, o que no princípio era denominado uma *“festa para o Senhor”*, através dos séculos passou a ser *“festa dos judeus”* (Êxodo 13.6; João 6.4). Assim, com o passar do tempo, a ênfase espiritual tem passado de Deus para o homem.

Vamos perceber imediatamente que tudo o que se apresente a Deus deve cumprir-se com requisitos divinos, se é que queremos Sua aprovação. Não apenas devem ser aceitáveis para Deus a oferta e o ofertante, mas **o espírito com o qual se oferta** também deve ser agradável a Deus. Embora necessárias a crença doutrinária correta e a conformidade exterior a certos princípios bíblicos, isto não é suficiente. Também o estado **espiritual** do adorador é fator que determina se sua adoração será ou não aceita pelo Pai.

Deus ensinou esta lição a Samuel quando o enviou para ungir um dos filhos de Jessé, para que fosse rei em lugar de Saul. Enquanto Eliabe, o primogênito da família, estava em pé perante Samuel, o pensamento interior deste era: *“Certamente, está perante o Senhor o Seu ungido”*. Mas Deus lhe disse: *“Não atentes para a sua aparência, nem para a sua altura, porque o rejeitei; porque o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração”* (1º Samuel 16.6-7).

Nosso Senhor frisou esta verdade aos Seus ouvintes. Dirigindo-se aos fariseus, que eram muito exigentes quanto à observância externa das muitas cerimônias de sua religião, lhes disse: *“Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece o vosso coração; pois aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus”* (Lucas 16.15).

Como deveria isto mexer com o coração de cada cristão! Infelizmente, é possível cantar melodiosamente um hino de adoração e até mesmo expressar audivelmente com palavras bíblicas e bem escolhidas a adoração de uma igreja e, no entanto, tais palavras não chegarem aos ouvidos de Deus e nem terem Sua aprovação.

A **qualidade** da adoração é determinada pela **espiritualidade** do adorador. Aquilo que pode parecer adoração pode ser apenas uma “bela exibição de carnalidade” e, como tal, ser uma “*abominação aos olhos de Deus*”.

Consideremos, portanto, o modo de adoração ou aquelas qualidades espirituais que devem acompanhá-la se queremos adorar a Deus devidamente.

Vejamos três destas qualidades essenciais: A adoração deve ser espiritual, sincera e inteligente.

1.A ADORAÇÃO DEVE SER ESPIRITUAL

Nosso Senhor declarou enfaticamente: “*Deus é espírito; e importa que os Seus adoradores O adorem em espírito e em verdade*” (João 4.24). Nestas palavras, Cristo deixou bem claro que só seria aceitável a Deus a adoração que fosse impulsionada e guiada pelo Espírito Santo. Infelizmente, é possível que alguém que tenha nascido do Espírito e em quem o Espírito habita não seja espiritual.

Paulo dividiu toda a humanidade em três classes distintas. Em primeiro lugar está o **homem natural**. Isto é, o homem tal qual é por natureza, não regenerado e, portanto, incapaz de compreender as coisas divinas e de agradecer a Deus.

Em segundo lugar, está o **homem espiritual**. É uma pessoa nascida do alto, em quem habita o Espírito de Deus e que, conseqüentemente, possui a capacidade de discernir e apreciar a verdade divina e que trata de viver uma vida agradável a Deus. Em terceiro lugar, está o **homem carnal**. Esta pessoa, embora nascida do alto, e apesar de ter o Espírito Santo morando nela, vive sua vida sobre a terra na energia da carne, em vez de vivê-la no poder do Espírito.

Havia muitos crentes deste tipo em Corinto e Paulo precisou dizer-lhes: “*Irmãos, não vos pude falar como a espirituais e sim como a carnais, como a crianças em Cristo..., sois carnais e andais segundo o homem*” (1ª Coríntios 2.13-3.2).

É importante que notemos que Paulo não põe em dúvida, nem por um momento, a salvação destes crentes carnais, pois se dirige a eles chamando-os de “irmãos” e “*santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos*” (1ª Coríntios 1.2-10). O que ele frisa é o fato que eles não eram “*espirituais*”. Isto é, não estavam vivendo na energia do Espírito, nem no gozo das coisas divinas. Suas vidas caracterizavam-se por manifestações

da carne que desonram a Deus, como ficava evidente com suas divisões, indiferença, egoísmo e falta de desenvolvimento espiritual.

Estando sua alma neste estado carnal, sua adoração tinha sido afetada negativamente. A Ceia do Senhor, que deveria caracterizar-se por uma adoração dirigida pelo Espírito, em harmonia e poder, tinha degenerado em um motivo de vergonha e de confusão. Na realidade, muitos destes crentes carnais tinham sofrido a severa disciplina punitiva de Deus, pois Paulo teve que dizer: *“Eis a razão porque há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem [ou que morreram]”* (1ª Coríntios 11.23-30).

Sua carnalidade tinha contristado, apagado e limitado o Espírito de Deus em suas reuniões de tal modo que era pouca a adoração que subia de seu meio. Em vez de uma atmosfera espiritual que levasse à adoração, havia um espírito frio e contagioso de formalismo e de carnalidade que afogava todo exercício espiritual da alma.

Não pensemos, nem por um momento, que este espírito de carnalidade morreu com a igreja de Corinto. Trata-se de um perigo que está perto de todo cristão desde o começo da era cristã. Devemos lamentar que exista em demasia na atualidade. Cada crente faria bem em orar como Davi: *“Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno”* (Salmo 139.23-24).

O preço da espiritualidade é elevado. Pode custar-nos tudo quanto temos, mas isto não é muito porque nada pode compensar ao crente a sua perda. O elevado custo da espiritualidade só é superado pelo custo ainda mais elevado da carnalidade! O preço que se paga pela espiritualidade é o mesmo que se paga pela paz, isto é, velar constantemente. Mais adiante consideraremos algumas das evidências da carnalidade sob o título “Obstáculos à adoração”.

Já temos observado que a adoração, para ser aceita, deve ser espiritual e que isto requer a espiritualidade do adorador. O crente deve, portanto, disciplinar a si mesmo resoluta e diligentemente a fim de cultivar sua vida espiritual num plano superior. O diabo e sua astúcia devem ser resistidos enquanto o crente se mantém firme com toda a armadura de Deus. O mundo, com suas seduções, deve ser rechaçado resolutamente. A carne, com todos os seus desejos malignos, deve ser constantemente negada (leia Efésios 6.10-18; 1ª João 2.15-17; Romanos 13.14).

Assim, pois, o crente deve governar-se a si mesmo com mão de ferro, respondendo negativamente ao “eu” em todas as suas manifestações e respondendo positivamente a todas as demandas de Deus. O resultado

desta decisão será a espiritualidade, em cuja atmosfera poderá adorar a Deus de maneira aceitável, com reverência e com o temor de Deus.

A carnalidade bem que gostaria de imitar a espiritualidade, substituindo o zelo santo pelo entusiasmo artificial; o gozo do Senhor por um sentimentalismo meramente carnal; a unidade do Espírito pela organização; a realidade interior por uma exteriorização religiosa; e a cálida experiência, poder e gozo desta verdade na alma pela fria ortodoxia da doutrina.

O melhor remédio para evitar o artificial é a espiritualidade. Não haverá necessidade alguma de mascarar a adoração quando a alma esteja em comunhão consciente com Deus, vivendo no gozo das realidades espirituais. Não será necessário esforçar-se para adorar. A adoração surgirá espontaneamente da alma assim como a fumaça do holocausto subia direto Àquele a Quem era oferecido.

2. A ADORAÇÃO DEVE SER SINCERA

Cristo declarou que a adoração não só deve ser “*em espírito*”, mas também “*em verdade*”. Isto é, nossa adoração não só deve ser dirigida pela verdade da Palavra de Deus, mas também deve ser apresentada em verdade ou de modo sincero. Não deve haver fingimento algum na adoração, querendo demonstrar uma espiritualidade que, na verdade, não se possui. Deus odeia a hipocrisia em qualquer manifestação. A referência de nosso Senhor à oração do fariseu, com suas alusões à sua própria pessoa, proporciona um testemunho eloquente de sua rejeição por sua farsa religiosa (Lucas 18.9-14).

Alguém já definiu a hipocrisia como: “**pretendendo** ser o que **não nos propomos** ser”.

A palavra “sincero” significa “sem cera”. Na antiguidade, os escultores às vezes utilizavam cera para preencher uma rachadura nas imagens de pedra que tinham talhado. Quando o comprador expunha esta imagem aos raios solares, a cera se derretia e aparecia a imperfeição.

Às vezes, um vendedor de imagens proclamava que suas mercadorias eram “sem cera”. Deste modo, estava garantindo ao comprador sua mercadoria contra simulação ou fingimento. O desejo de Paulo era que os filipenses fossem “*sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo*” (Filipenses 1.10). Deus quer uma adoração sincera de um coração sincero.

A história de Israel pode proporcionar-nos novamente um exemplo de como Deus observa a falta de sinceridade na adoração.

No último livro do Antigo Testamento, encontramos a Deus dizendo, por intermédio de Seu profeta Malaquias: *“Ofereceis sobre o Meu altar pão imundo e ainda perguntais: Em que Te havemos profanado? Nisto, que pensais: A mesa do Senhor é desprezível. Quando trazeis animal cego para o sacrificardes, não é isso mal? E, quando trazeis o coxo ou o enfermo, não é isso mal? Ora, apresenta-o ao teu governador; acaso, terá ele agrado em ti e te será favorável? – diz o Senhor dos Exércitos... Eu não tenho prazer em vós, diz o Senhor dos Exércitos, nem aceitarei da vossa mão a vossa oferta... E dizeis ainda: Que canseira! E Me desprezais, diz o Senhor dos Exércitos; vós ofereceis o dilacerado, e o coxo, e o enfermo; assim fazeis a oferta. Aceitaria Eu isso da vossa mão? – diz o Senhor”* (Malaquias 1.7-14).

O profeta Amós, pastor de Tecoa, foi enviado por Deus para apontar e denunciar a apostasia e a hipocrisia de Israel. Entre outras coisas, Deus disse a Israel por seu intermédio: *“Aborreço, desprezo as vossas festas e com as vossas assembleias solenes não tenho nenhum prazer. E, ainda que Me ofereçais holocaustos e vossas ofertas de manjares, não Me agradarei deles, nem atentarei para as ofertas pacíficas de vossos animais cevados. Afasta de Mim o estrépito dos teus cânticos, porque não ouvirei as melodias das tuas liras. Antes, corra o juízo como as águas; e a justiça, como ribeiro perene”* (Amós 5.21-24).

Deste modo, até as mesmas festas que Deus tinha mandado realizar se transformaram, por sua hipocrisia e falsidade, em ofensa para Ele! Mesmo Israel mantendo uma ortodoxia exterior na observação destes dias de festa e mesmo apresentando as ofertas que Deus tinha mandado trazer-Lhe, suas vidas ímpias desmentiam sua profissão de fé.

Diante do que dissemos, temos que aprender que a ortodoxia da crença e a correção na observância religiosa constituem um pobre substituto para uma vida reta. É possível que a mente de uma pessoa esteja nas nuvens da ortodoxia enquanto que seus pés estão no lodo das práticas ofensivas a Deus.

O conselho de Deus a Israel foi: *“Buscai o bem e não o mal, para que vivais; e, assim, o Senhor, o Deus dos Exércitos, estará convosco, como dizeis. Aborrecei o mal e amai o bem, e estabelecei na porta o juízo; talvez o Senhor, o Deus dos Exércitos, se compadeça do restante de José”* (Amós 5.14-15). Deus procura uma harmonia entre a posição e o estado; entre o credo e a conduta; entre os lábios e a vida; entre a crença e o comportamento; entre a profissão de fé e a expressão da fé. Foi isto o que Davi sentiu ao dizer: *“Eis que Te comprazes na verdade no íntimo”* (Salmo 51.6).

Por meio do grande profeta Isaías, Deus expôs a dupla maneira de agir de Israel com estas palavras: *“De que Me serve a Mim a multidão de vossos sacrifícios? – diz o Senhor. Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais cevados e não Me agrado do sangue de novilhos, nem de cordeiros, nem de bodes... Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para Mim abominação, e também as Festas da Lua Nova, os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniquidade associada ao ajuntamento solene. As vossas Festas da Lua Nova e as vossas solenidades, a Minha alma as aborrece; já Me são pesadas; estou cansado de as sofrer. Pelo que, quando estendeis as mãos, escondo de vós os olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos Meus olhos; cessai de fazer o mal. Aprendei a fazer o bem; atendei à justiça, repreendei ao opressor; defendei o direito do órfão, pleiteai a causa das viúvas”* (Isaías 1.11-17).

Outra forma de dizer isto é dizer: *“Os que O adoram, que O adorem em espírito e em verdade”*.

Nosso Senhor citou duas vezes a Palavra de Deus dada por intermédio do profeta Oséias: *“Misericórdia quero e não sacrifício”* (Oseias 6.6). A palavra “misericórdia” é literalmente “bondade” ou retidão de conduta e decoro na vida. Cristo citou estas palavras primeiramente em relação à crítica dos fariseus de que Ele comia com os publicanos e pecadores.

Os fariseus eram uma seita separatista que se prezava por sua meticulosa observância exterior da parte cerimonial da lei, mas geralmente eram inteiramente inconsistentes em suas vidas. Estas pessoas eram os maiores inimigos de Cristo. Só desejavam matá-LO por causa da análise esquadrihadora de seu caráter e da valente denúncia de sua hipocrisia. As palavras de nosso Senhor para eles foram: *“Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos; pois não vim chamar justos e sim pecadores ao arrependimento”* (Mateus 9.13).

Não era que Deus não desejasse os sacrifícios, pois que Ele mesmo os tinha mandado realizar; o que o Senhor destacou aqui é que o ato de sacrificar e oferecer animais devia ir sempre acompanhado de uma vida consistente e de uma atitude sincera do ofertante, se é que este queria que a sua adoração fosse aceita. Se temos que escolher entre a observância estrita do ritual de um lado e a bondade e sinceridade de vida de outro lado, então estas últimas devem ocupar o primeiro lugar.

A segunda referência de Cristo a Oséias 6.6 foi em relação ao juízo duro e injusto contra Seus discípulos quando estes arrancaram e comeram alguns grãos de trigo em dia de sábado. Os fariseus argumentaram que o

arrancar grãos correspondia a “colher” e que o esfregá-los entre as mãos correspondia a “trilhar”. Afirmaram que estas duas ações constituíam uma violação direta de sua tradição em relação ao caráter sagrado do sábado. Nosso Senhor lhes indicou corretamente o erro de seu critério.

Baseando-se nas mesmas Escrituras, que eles afirmavam era sua autoridade, mostrou-lhes a superficialidade de seu argumento e a inconsistência de seu critério. E acrescentou-lhes as seguintes palavras, profundas e significativas: *“Aqui está quem é maior que o templo. Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos, não teríeis condenado inocentes”* (Mateus 12.1-8).

O fato de nos ser dada esta mensagem três vezes na revelação divina deveria ser suficiente para que cada crente considerasse seriamente sua importância espiritual. Mesmo quando os princípios bíblicos quanto à **ordem** da adoração sejam importantes, também o deve ser o **modo** da nossa adoração. Um não deve sustentar-se **à custa do outro**, mas cada um deve ser mantido como **complemento do outro**. A bondade e o sacrifício devem vir juntos na presença de Deus se queremos adorar como deve ser.

Se nossa adoração há de ser tanto espiritual quanto sincera, deve haver um trato sincero com Deus. Todo pecado conhecido deve ser julgado sem considerações, confessado a Deus e resolutamente abandonado e odiado. Devemos evitar qualquer subterfúgio, equívoco e hipocrisia, como se fossem pragas.

O crente deve caracterizar-se por sua honestidade transparente em seu pensamento, em suas palavras e em suas ações. As mãos limpas, o coração puro e a sinceridade de propósitos devem necessariamente acompanhar sempre a adoração a Deus, se queremos que esta deleite o Seu coração.

A santidade do Ser adorado exige uma santidade de vida similar por parte do adorador (1ª Pedro 1.13-16).

3. A ADORAÇÃO DEVE SER INTELIGENTE

Deus não dá prêmios para a ignorância. Um dos propósitos das Sagradas Escrituras é fazer “sábio” ao crente no que diz respeito ao que Deus quer dizer (1ª Timóteo 3.15) e proporcionar-lhe uma compreensão adequada de seus privilégios e responsabilidades quanto à adoração.

Portanto, a espiritualidade e a sinceridade na adoração devem estar acompanhadas de uma compreensão inteligente do que Deus tem revelado com respeito a este importante assunto.

Paulo, em suas epístolas, usa várias vezes a expressão: “*Não quero, irmãos, que ignoreis...*” (1ª Coríntios 10.1; 12.1; 2ª Coríntios 1.8; 1ª Tessalonicenses 4.13; Romanos 1.13; 11.25). Torna-se interessante e instrutivo observar os diversos temas acerca dos quais o apóstolo não queria que os crentes permanecessem ignorantes.

Talvez um dos maiores fatores negativos da cristandade atual seja a grande quantidade de cristãos ignorantes, que parecem saber pouco ou nada das grandes verdades fundamentais de sua santíssima fé. Parecem contentar-se com que outros pensem por eles e decidam o que eles têm que crer ou não têm que crer. Isto é particularmente certo no que diz respeito à adoração. A ignorância em relação ao que seja realmente a adoração evidencia-se pelas confusas expressões com respeito a ela que às vezes ouvimos em reuniões convocadas com este propósito especial.

Esta confusão de pensamento e de expressão se deve ao fracasso de cada crente em ler, descobrir e meditar no que Deus quer dizer sobre este tema. Nos é dito que “*Deus não é de confusão e sim de paz... Tudo, porém, seja feito com decência e ordem*” (1ª Coríntios 14.33, 40). O crente que resolve fazer um estudo das Escrituras chegará logo a uma compreensão inteligente do que a adoração realmente é e saberá então como governar suas palavras e seus atos.

Ao pensar na adoração “inteligente”, não devemos confundir-la com um simples conhecimento teórico ou mental de sua definição. O que temos em mente é a compreensão e estima no coração do crente da estima que Deus tem por ela, o que resulta em uma continuidade ascendente de adoração espiritual, sincera e inteligente a Deus.

Paulo nos diz que “*o saber ensoberbece*” (1ª Coríntios 8.1) a seu orgulhoso possuidor e que lhe fornece um conceito exagerado de sua própria importância. Este tipo de conhecimento é um fator negativo porque impede que uma pessoa deseje ou adquira a sabedoria que somente Deus pode dar.

Consideremos especialmente três formas mediante as quais o crente pode ser capacitado para chegar a ser um adorador espiritualmente inteligente.

1) Deve adquirir um conhecimento inteligente das verdades bíblicas.

Isto, logicamente, requer tanto a leitura quanto o estudo da Palavra de Deus. Este é o preço que cada um tem que pagar pela inteligência espiritual. Embora seja bom ler comentários sobre as Escrituras, escritos por homens santos e capacitados, jamais devemos permitir que eles tomem o lugar de nossa leitura e do estudo pessoal da Palavra.

O que o crente descobre por si mesmo, como resultado de sua própria investigação bíblica, significará para ele muito mais do que aquilo que os outros lhe possam proporcionar.

Isto implica em:

a) Não deve ter dúvida nenhuma em relação à sua própria posição em Cristo. Ele deve saber que foi predestinado, eleito, chamado, salvo, justificado, santificado, aceito e abençoado “*com toda bênção espiritual em Cristo*”. À medida que compreenda estas gloriosas verdades da Palavra de Deus, seu coração se harmonizará para cantar louvores a Quem fez tão grandiosas coisas por ele.

b) Não deve ter dúvida nenhuma com respeito à Trindade da eterna Divindade. Há muitos que parecem não poderem distinguir entre as Pessoas da Divindade. Às vezes, ouvimos crentes agradecendo ao Pai por ter morrido por eles na cruz ou pedindo ao Espírito Santo que entre neles.

Um conhecimento da Palavra de Deus lhes permitiria compreender a distinção que há entre as Pessoas da Divindade e lhes evitaria tal confusão de pensamento e de expressão.

2) Deve procurar adquirir uma compreensão inteligente da verdade com respeito à Igreja.

Certamente, a Igreja que Cristo “*amou*” e pela qual “*Se entregou a Si mesmo*” é digna da consideração séria e sincera de cada cristão (Efésios 5.25).

Muitos crentes parecem conhecer pouco ou nada desta maravilhosa verdade e parecem contentar-se em viver no meio de uma névoa de incerteza quanto a esta grande doutrina da Palavra de Deus.

a) Não deve ter nenhuma dúvida com respeito à sua posição como membro do Corpo de Cristo, que é a Igreja de Deus (Efésios 1.22-23; 4.16). Deve saber que foi unido a este Corpo místico pelo Espírito de Deus e que, do mesmo modo, foi unido a Cristo, o Cabeça, no céu, como também a todo crente sobre a terra. Esta é “*a unidade do Espírito*” que Deus efetuou (Efésios 4.3).

À medida que vai compreendendo que há um único Corpo com uma única Cabeça, compreenderá também que não há necessidade de se unir a algum outro “*corpo*” com outra “*cabeça*”.

Deste modo, estará preservando “*a unidade de Espírito* [que já foi efetuada] *no vínculo da paz*”.

b) Não deve ter nenhuma dúvida com respeito à sua posição como sacerdote de Deus (1ª Pedro 2.5-9; Apocalipse 1.5-6). Como tal, tem o privilégio de oferecer “*sacrifícios espirituais*” de louvor e de adoração a

Deus (Hebreus 13.15). Ele observará que a distinção atual entre “clérigos” e “leigos” não tem fundamento algum na Palavra de Deus e que é uma invenção de homens que têm produzido grandes males. Reconhecerá que ele tem sido “ordenado” pelo Senhor e com esta segurança não apenas entrará no Lugar Santíssimo como adorador, mas também sairá para testemunhar dEle como servo e como súdito (Hebreus 10.19-23; João 15.16).

c) Não deve ter nenhuma dúvida com respeito ao que a adoração realmente é e de seu lugar e importância em sua vida, pois que esta é a sua ocupação mais sublime. Já nos temos referido a isto em páginas anteriores.

3) Deve tratar de conseguir uma compreensão inteligente do propósito de uma reunião convocada para memória de Cristo e para a adoração do povo do Senhor. Aparentemente, muitos crentes parecem incapazes de perceber o propósito de tal reunião.

Esta reunião não é para a pregação do Evangelho, nem para elevar súplicas ao trono da graça, nem para estudo bíblico, nem para testemunhos, nem para despertar ou incentivar o trabalho missionário. A pregação do Evangelho, a reunião de oração, o estudo bíblico e a reunião missionária atendem todas elas às suas finalidades. A reunião para lembrança de Cristo existe só com este propósito. Apesar disto, muitas vezes ouvimos crentes apresentando um ministério antes do partir do pão que indica claramente que nunca compreenderam realmente o propósito de tal reunião.

A confusão se multiplica na atmosfera da ignorância:

a) Não deve haver nenhuma dúvida com respeito às palavras usadas. As palavras são, ou deveriam ser, o resultado do pensamento. Se o pensamento é confuso, a expressão também será confusa. Não é pedir muito que, quando um se levante para expressar a adoração da igreja, saiba porque está ali e qual é o propósito da reunião. Tudo o que não concorde com o propósito da reunião deveria ficar calado. Esta simples prova eliminaria grande parte da confusão que, às vezes, se evidencia em tais reuniões.

b) Não deve haver nenhuma dúvida com respeito ao tema do hino que se pede. O hinário pode ser muito bom, mas nem todos os hinos se adaptam ao propósito do momento. Portanto, a escolha de um hino adequado no momento adequado requer discernimento espiritual para que o hino se encaixe dentro do tema da reunião naquele dia.

Certamente não pediríamos um hino de casamento por ocasião de um funeral! Cada hino tem um pensamento definido, apresenta uma

mensagem especial e serve para um propósito definido. Daí que seja necessário um certo conhecimento e um uso inteligente do hinário já que, por meio dele, uma igreja pode expressar sua própria aspiração, louvor e adoração.

c) Não deve haver nenhuma dúvida com respeito à hora em que começa a reunião e cada crente deveria estar ali antes da reunião começar. Quão frequentemente estas reuniões têm seu início alterado por causa daqueles que chegam atrasados e que, usando o bom senso, a cortesia cristã e a consideração para com seus irmãos, poderiam chegar facilmente na hora certa.

Um momento de meditação silenciosa antes de começar a reunião constitui uma excelente preparação para o momento de adoração que seguirá depois.

Não deveríamos entrar apressadamente na presença de Deus, antes, pelo contrário, esperar silenciosamente nEle, enquanto os crentes concentram sua atenção e o afeto de seus corações nAquele que vieram lembrar.

d) Não deve haver nenhuma dúvida no que diz respeito ao comportamento em tal reunião. O propósito da reunião deveria determinar o tipo de roupa que se utilizará e o comportamento durante a reunião.

Não vamos a um desfile de modas, no qual se procura atrair a atenção dos outros, nem se está ali para exhibir os dons e muito menos para demonstrar um comportamento irreverente.

O pão e o cálice sobre a mesa devem recordar a todos os presentes que Aquele que vieram recordar morreu para fazer possível sua salvação e ressuscitou para torná-la real.

Ainda mais, o Senhor Jesus é o Hóspede em Sua própria Ceia. Uma compreensão inteligente deste fato nos ajudará muito a determinar nosso comportamento em tal reunião.

Estes conselhos práticos com relação à adoração e ao comportamento do crente nesta reunião poderão parecer desnecessários para alguns, mas devemos sempre lembrar que *“Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor, e de moderação”* (2ª Timóteo 1.7).

A possessão de uma natureza divina por parte do crente não o priva de usar o bom senso, antes o enobrece e capacita para que o use para a glória de Deus.

Consequentemente, o modo da adoração do crente não é a coisa menos importante em relação a este tema. Cada cristão deveria, portanto,

assegurar-se que a adoração que apresenta a Deus, por meio de Cristo, no poder do Espírito Santo, é espiritual, sincera e inteligente.

.oOo.

VIII – OBSTÁCULOS À ADORAÇÃO

Tendo considerado o modo como devemos adorar a Deus, se queremos que nossa adoração seja aceitável, negativo e veremos alguns de seus obstáculos.

Já que a adoração é a ocupação mais sublime do cristão, podemos estar bem seguros que tanto o Diabo (o inimigo infernal) quanto o mundo (o inimigo exterior) e a carne (o inimigo interior) se combinarão para atrapalhar o crente enquanto ele trata de adorar a Deus. Seria impossível citar todos estes obstáculos, pois são inumeráveis. Mencionaremos apenas alguns deles.

Estes obstáculos não somente agem na vida espiritual do cristão como também da congregação. A ênfase espiritual de tal reunião de adoração é determinada pela espiritualidade de cada pessoa presente. Esta ênfase espiritual é difícil de descrever, mas é mui real e pode ser prontamente percebida pelos crentes espirituais. Trata-se de um sentido da presença de Deus, da realidade dos fatos invisíveis mas eternos e da quietude do temor reverente que acalma o espírito e prepara a alma para a adoração.

Qualquer coisa que venha atrapalhar este espírito de adoração em um crente ou em uma igreja deveria ser evitada. Se existir tal estorvo (?) deveria ser julgado, confessado e abandonado.

Consideremos agora alguns destes obstáculos.

1. A VONTADE PRÓPRIA

O “eu” em todas as suas diversas manifestações, sempre trata de intrometer-se na presença de Deus e as Escrituras reconhecem este fato. Em Êxodo 28.36-38 nos é dada a descrição da mitra que Arão devia vestir quando entrava na presença de Deus como sumo sacerdote de Israel. Na

frente da mitra havia uma placa de ouro na qual estava a seguinte inscrição: **“Santidade ao Senhor”**.

A seguir, é indicada a finalidade desta mitra: *“Estará sobre a teste de Arão, para que Arão leve a iniquidade concernente às cousas santas que os filhos de Israel consagrarem em todas as ofertas de suas cousas santas; sempre estará sobre a testa de Arão, para que eles sejam aceitos perante o Senhor”*.

Que expressão estranha esta! *“A iniquidade concernente às coisas santas”*. Como pode estar relacionada a iniquidade com as cousas santas? A resposta é simples. O homem contamina tudo quanto toca. A iniquidade estará presente mesmo nos momentos mais santos do cristão.

Mal Pedro acabava de pronunciar sua extraordinária confissão sobre a eterna Divindade de Cristo e o Senhor precisou repreendê-lo como portavoz de Satanás! (Mateus 15.15-23). Quanto mais perto de Deus está o crente, tanto mais ele é consciente de sua própria indignidade e iniquidade. Como é bom termos Um na presença de Deus que carrega a iniquidade de nossas cousas santas!

Talvez o exemplo clássico da intromissão da vontade própria na adoração de Deus seja o caso de Nadabe e Abiú, os filhos de Arão, o sumo sacerdote (Levítico 10.1-11). Estes dois homens, provavelmente sob a influência de bebidas fortes (v. 9), sinal de sua falta de domínio próprio, tomaram fogo estranho para eles mesmos, o colocaram em seus incensários e, desobedecendo abertamente o mandamento de Deus, o ofereceram perante o Senhor no altar de ouro de incenso.

A reação de Deus ante este ato de intromissão da vontade própria foi um juízo instantâneo, pois lemos que *“saiu fogo de diante do Senhor e os consumiu; e morreram perante o Senhor”* (v. 2). Qualquer objeção que Arão pudesse ter apresentado foi silenciada pela palavra que o Senhor lhe dirigiu, dizendo: *“Mostrarei a Minha santidade naqueles que se cheguem a Mim e serei glorificado diante de todo o povo”* (v. 3).

Deste modo, Deus, mediante um ato de juízo, indicou claramente que não deve haver nada de vontade própria em relação à Sua adoração. A adoração deve ser efetuada de acordo com as instruções que Ele tem deixado em Sua Palavra. O *“fogo estranho”* da vontade própria não pode ser tolerado nem por um momento.

Daí surge que nenhuma pessoa pode adorar a Deus conforme bem lhe pareça, nem agir em desacordo com a vontade de Deus revelada em Sua Palavra, se quer receber o sorriso de Sua aprovação e a aceitação de sua adoração.

Consequentemente, a vontade própria está definitivamente excluída da adoração. Não importa quão habilmente se misture o “*fogo estranho*” e o incenso; nem quão enfeitado seja o ritual de sua apresentação. Estarão condenados a serem rejeitados por Deus, que será santificado naqueles que dEle se aproximam e glorificado na presença de todo o povo.

O crente pode adorar do melhor modo quando está convicto de não estar confiando em si mesmo. Tanto a vontade própria como a expressão própria não têm lugar na adoração dAquele que deve ter, por causa do que Ele é, a “*preeminência em todas as cousas*”.

2. O MUNDANISMO

Este já demonstrou ser um obstáculo real à adoração. Por mundo, queremos indicar a totalidade daquelas coisas nas quais Deus é excluído, quer sejam prazeres, pessoas, lugares ou atividades.

Embora o crente esteja “*no mundo*” no que diz respeito à esfera de sua **vida física**, no entanto, de modo mais categórico, “*não é do mundo*”, no que diz respeito à esfera de sua **vida espiritual** (João 17.11, 14-15).

A pessoa mundana é do mundo e se entrega às coisas do mundo. Não vive apenas **nele**, mas vive **para ele** e se contenta em viver sua vida sem alusão alguma a Deus, a Cristo, ao Espírito Santo, à Palavra de Deus e às realidades espirituais. Só pensa em desfrutar de seus prazeres, de sua popularidade, de suas modas, de sua política e de suas riquezas.

No momento em que tal pessoa mundana é despertada pelo Espírito de Deus em relação à sua necessidade, sendo um pecador culpável, e é levada a descansar na obra redentora de Cristo e a recebê-lo como seu Salvador e Senhor, naquele momento se produz uma grande transformação nela.

Em lugar do mundo e de suas vaidades serem o centro de sua existência, Cristo chega a ser tanto o Centro como a Periferia de sua vida e ela passa a ser “*de outro mundo*”. Em vez de viver para o reino deste mundo, ordena sua vida com relação ao reino de Deus. Em lugar de viver para si mesma, vive para Cristo. Em vez de viver no domínio do visível e do temporal, vive à luz do invisível e do eterno. Seus interesses, em vez de serem terrenos, agora são celestiais.

Deste modo, é “*desarraigado deste mundo perverso*” (Gálatas 1.4). Mediante o novo nascimento passa a ser um “*estrangeiro e peregrino*” na terra de seu nascimento natural. Deste modo, demonstra a realidade da Escritura que diz: “*Se alguém está em Cristo, é nova criatura; as cousas*

antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2^a Coríntios 5.17). Como membro desta nova criação, agora passa a ser um adorador de Deus.

Seria bom se pudéssemos dizer que, sendo uma nova criatura, o cristão não manifesta nenhum desejo próprio do mundo. Lamentavelmente, não é assim. Aquela natureza maligna, a carne, ainda está nele, e só necessita ser despertada para manifestar-se em mundanismo de pensamentos, de palavras e de conduta. Esta foi a tragédia de Demas, um dos companheiros e colaboradores de Paulo, de quem foi dito: *“Demas, tendo amado o presente século, me abandonou”* (2^a Timóteo 4.10).

O apóstolo João compreendeu a atração sutil que o mundo exerce sobre o filho de Deus e advertiu fielmente os crentes neste sentido: *“Não ameis o mundo nem as cousas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo”* (1^a João 2.15-16). Foi o mundanismo dos santos em Corinto que motivou a repreensão que Paulo lhes dirigiu.

Não limitemos o mundanismo, em nosso conceito, às suas manifestações **visíveis e externas**. Os desejos dos olhos, os desejos da carne e a soberba da vida talvez nunca sejam observados exteriormente em um crente; é possível que seus irmãos crentes nem sequer suspeitem que um irmão os tem e, no entanto, podem estar ali, artificialmente ocultos e em abundância.

Mesmo que um cristão talvez nunca participe de alguma atividade reconhecidamente mundana, ele pode ser **interiormente** tão mundano em seu pensamento como se dela participasse.

O irmão que numa reunião senta-se com os olhos fechados e está aparentemente absorto na adoração, pode estar planejando uma transação comercial em sua mente. Aquela irmã que se senta com toda a modéstia e decoro e que nunca sonharia estar em algum lugar de diversão duvidosa pode estar cheia de satisfação íntima por causa do alto grau de “separação” que tem conseguido e sentir-se orgulhosa de sua humildade e da espiritualidade de seu caráter! O mundanismo, portanto, pode consistir não apenas no comportamento **exterior**, mas também em pensamento e em atitude **interiores**.

Uma coisa é certa: quer se trate de mundanismo de pensamento ou de conduta, ambos se combinam para impedir ao crente que adore em Espírito e em verdade. A adoração não pode manifestar-se num ambiente de mundanismo.

Se o crente tem que manifestar o que significa:

“Só contigo, bem por cima
do mundo inquieto que luta embaixo”,

então também deve saber o que significa ser espiritual em pensamento, atitudes e atos.

Antes que possa estar “só com Cristo” deve “afastar-se” de tudo o que nega a Cristo o lugar de preeminência absoluta (Hebreus 13.13). O cristão deve considerar o mundo em todos os seus aspectos como “*crucificado para ele*” e ele como crucificado para o mundo (Gálatas 6.14). Deve declarar-se a favor de Cristo, separando-se daquilo que “*é do mundo*” e **manter** resolutamente esta separação.

O filho de Deus não deve confundir o **isolamento** com a **separação**. Um monge pode isolar-se em um mosteiro e, no entanto, não estar com a mente e o coração separados para Deus. Não se trata de um isolamento de qualquer contato com o mundo ou com as pessoas do mundo, mas de “*guardar-se incontaminado do mundo*” (Tiago 1.27).

A medida da **separação** do crente será determinada pela medida da sua **ocupação** com Cristo. Na medida em que se permita ao Senhor Jesus cuidar da sua visão, ocupar seus pensamentos, controlar suas palavras e ações e satisfazer seu coração, nesta mesma medida o crente será espiritual e estará capacitado espiritualmente para oferecer uma adoração aceitável a Deus.

O poeta expressou isto com estas palavras:

“É o tesouro que achei em Seu amor
Que me fez peregrino aqui”.

3. O ESPÍRITO DE CRÍTICA

A mania do crente criticar é fatal para a adoração, pois ocupará o cristão com seus irmãos crentes em lugar de ocupá-lo com Deus.

Este costume de crítica pode começar inadvertidamente, mas se é alimentado e permite-se que se desenvolva sem julgá-lo e controlá-lo, terminará estragando uma vida. Secará o leite da bondade humana em seu coração, tomará conta de sua visão, torcerá seu entendimento e o fará inútil, tanto para Deus quanto para seus irmãos crentes.

Quando uma pessoa observa as coisas através da lente da crítica severa, tudo fica distorcido ante seus olhos. Um dos prejuízos é ser-lhe impossível apreciar o ponto de vista dos outros. O prejuízo da crítica tem sido definido como “ter aversão ao que não conhecemos”. Deste modo, com

uma mente torcida, fazem-se acusações às ações dos outros. Em lugar de procurar algo para louvar, quem critica sempre está procurando algo que possa condenar.

É lamentável que geralmente o crítico seja cego em relação às suas próprias imperfeições e defeitos! Exige dos outros o que ele mesmo não está disposto a dar. Está tão preocupado em tirar o argueiro do olho do irmão que não percebe que é apenas o reflexo da enorme trave em seu próprio olho!

O que ele chama de “grosseria” ou “aspereza” nos outros, chama de “fraqueza” e de “fidelidade” em si mesmo. O que ele denomina de “mau gênio” nos demais se transforma em “justa indignação” quando se trata dele. O que ele chama de “avareza” nos outros, o considera uma “santa economia” em sua própria vida. O que denomina de “segundas intenções” nos demais, quando se trata dele chama de “diplomacia”.

Já é coisa má quando um crente em uma igreja tem o espírito de censura; mas é dez mil vezes pior quando todos os crentes de uma igreja padecem do mesmo mal. Podemos afirmar que, de um ambiente assim, não pode subir adoração. A palavra de Deus diz: *“Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos”* (Gálatas 5.15). Este espírito de crítica age de forma corrosiva e destrói a espiritualidade, tanto do indivíduo como da igreja.

Foi este espírito de crítica, sem dúvida, incitado pela inveja, que levou Coré e seus companheiros a apresentarem-se perante Moisés e Arão com esta queixa: *“Basta! Pois que toda a congregação é santa, cada um deles é santo, e o Senhor está no meio deles; por que, pois, vos exaltais sobre a congregação do Senhor?”* Deus não deixou o povo de Israel em dúvida a respeito do que Ele pensava com tal reclamação: em primeiro lugar, confirmou a Moisés e a Arão mediante o milagre da vara que floresceu e, a seguir, efetuou um juízo imediato sobre os descontentes (Números 16).

Estas coisas, escritas para nosso ensino (Romanos 15.4), deveriam falar poderosamente a nosso coração a respeito do mal do espírito de crítica.

O remédio para tal mal é, em primeiro lugar, compreender a pecaminosidade que ele tem aos olhos de Deus. A seguir, julgá-lo, humilde e sinceramente, e reconhecê-lo perante Ele. Em terceiro lugar, deve haver uma santa determinação de nunca mais voltar a permitir que ocupe um lugar em nossa vida. Ainda mais, deve-se pedir desculpas às pessoas que tenham sido prejudicadas pelas críticas injustas. Em quinto lugar, deve-se orar a favor de nossos irmãos. Não existe remédio melhor para um espírito

crítico do que orar sinceramente para que Deus abençoe ricamente as pessoas que temos criticado.

Ainda mais, devemos adotar uma resolução de procurar alguma coisa que possamos louvar naquele irmão. Lemos que “*o amor... não se alegra com a injustiça,... tudo sofre,... tudo suporta*” (1ª Coríntios 13.5-7). Devemos olhar os irmãos através dos olhos de Cristo e ver quanto Ele se evidencia neles. Em sétimo lugar, devemos julgar-nos a nós mesmos. O crente sempre deve ter presente o que ele mesmo é.

Isto o ajudará a ser profundamente agradecido ao Senhor pelo fato de seus irmãos crentes lhe terem manifestado tanta graça em terem comunhão com ele e pela paciência deles em suportá-lo por tanto tempo!

O resultado de tal arrependimento será uma restauração da alma, uma maior capacidade do coração para com Deus, uma liberdade de espírito, uma maior estima de tudo quanto Cristo é e tem feito e a conseqüente apresentação de adoração Àquele que tudo tem feito bem.

4. A PREGUIÇA

Por preguiça queremos referir-nos ao fracasso do crente em utilizar os meios que Deus lhe tem proporcionado para iluminá-lo com respeito ao valor da adoração e estimular seu coração.

Muitos desistem de um estudo sobre a adoração por causa do esforço que tal preparo requer. Já temos observado nos capítulos anteriores o elevado custo da adoração.

A adoração não é uma coisa fácil, mas ela se desenvolve enquanto o crente toma para si com santa energia o que Deus tem providenciado para ele em Cristo.

A adoração não pode ser gerada na folga, nem se desenvolve em uma atmosfera de apatia e descuido espiritual. O fruto da adoração não cresce no campo do preguiçoso, mas é resultado de trabalho persistente e exige a consagração da mente e da vontade (Provérbios 24.30-34).

O fogo da adoração requer a constante renovação de combustível se é que queremos que se eleve a fumaça do sacrifício matinal a Deus.

O combustível necessário é o estudo, a meditação e a obediência à Palavra de Deus, além de uma vida de oração e de devoção. Se faltar este combustível, o fogo da adoração sobre o altar da alma se apagará e Deus será privado da adoração que Ele procura.

Os incômodos silêncios (indícios de pobreza) que, às vezes, ocorrem em uma reunião de adoração são a triste conseqüência do obstáculo da

preguiça. Os santos não têm **nada para dar a** Deus porque não recolheram **nada de** Deus.

Em lugar de terem seus cestos cheios de uma estima para com o Pai e o Filho, como resultado de seu estudo pessoal da Palavra, os crentes têm descuidado suas Bíblias, têm desperdiçado o tempo com trivialidades e comparecem vazios perante Deus.

Tais cristãos muitas vezes se queixam que não recebem o alimento espiritual que desejam. A verdade é que não desejam espiritualmente o alimento que Deus providenciou para eles. Não falta o **alimento** previsto, mas o **apetite** para ele.

Rute respigou diligentemente nos campos de Boaz e o resultado foi que ela teve algo para dar (Rute 2.15-18). Enquanto o crente respiga nos ricos campos das Sagradas Escrituras e trilha por meio da meditação o que tem recolhido, não haverá falta de adoração em seu coração, pois este estará cheio de apreço por tudo o que Deus é e por tudo o que Deus tem feito.

Esta preparação espiritual do estudo da Bíblia e da oração, tão necessário para a adoração, exige um esforço sistemático e persistente, muitas vezes com esforços heroicos. A vida atual desenvolve-se cada vez com maior velocidade.

As tarefas comerciais e domésticas pretendem insistentemente que lhes reservemos cada vez uma parte maior de nosso tempo.

E, a não ser que ele seja muito cuidadoso, o cristão logo descobrirá que as coisas seculares tomaram o lugar das coisas sagradas.

Portanto, o cristão deve ganhar tempo e tomar o tempo necessário para desenvolver sua própria vida devocional. Talvez seja necessário acordar meia hora antes que de costume e investir este tempo na leitura sistemática da Palavra.

Neste caso, deverá fazer tudo que seja possível para preservar este período e impedir a intromissão nele das tarefas comerciais e domésticas, dedicando-o sagrada e exclusivamente ao Senhor.

A preguiça espiritual deve ser considerada como um ladrão, pois pretende roubar-nos a adoração que deveria ser oferecida a Deus. Cada crente deveria atentar para esta exortação: *“Já é hora de vos despertardes do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto do que quando no princípio cremos. Vai alta a noite, e vem chegando o dia. Deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz”* (Romanos 13.11-12).

A letargia espiritual deve ser substituída pela vigilância espiritual se é que a nossa adoração há de ser o que deveria ser.

5. A IMPACIÊNCIA

Por impaciência referimo-nos ao fracasso do crente em esperar a Deus e por Deus. Logicamente, trata-se do contrário dos obstáculos já considerados e que estivemos chamando de vontade própria e de preguiça.

Somos, por natureza, criaturas que procuram os extremos e oscilamos rapidamente, como um pêndulo, de um extremo ao outro. Ainda que devamos evitar o perigo de **andarmos atrasados** em relação à vontade de Deus, também devemos ter o cuidado de não **andarmos adiantados** quanto à Sua vontade.

Há tempo para nos mantermos prontos e ativos; há também um período quando é indispensável que guardemos silêncio perante o Senhor e que esperemos nEle (Salmo 37.7).

Há um versículo nas Escrituras que se combina para revelar o duplo perigo dos extremos da impaciência e da preguiça. Diz: *“Não sejais como o cavalo ou a mula, sem entendimento”* (Salmo 32.9). O cavalo destaca-se por sua **impetuosa foga**sidade. Sem pensar nada acerca das consequências adiante dele, *“arremete com ímpeto na batalha”* (Jeremias 8.6). A mula é famosa por sua **obstinada inércia**. A mula retrocede quando queremos que ela avance. Deus não quer nenhum destes extremos em Seu povo. Ele prometeu: *“Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir; e, sob as Minhas vistas, te darei conselho”* (Salmo 32.8).

O triste caso do rei Saul nos proporciona uma ilustração de como a impaciência pode atrapalhar a adoração. O profeta Samuel tinha ungido Saul como rei sobre Israel e tinha profetizado que o Espírito do Senhor viria sobre ele, que profetizaria e que Deus o mudaria em outro homem (1º Samuel 10.1-13).

Depois, Samuel deu a Saul claras instruções a respeito de seus futuros atos e lhe disse: *“Tu, porém, descerás adiante de mim a Gilgal, e eis que eu descerei a ti, para sacrificar holocausto e para apresentar ofertas pacíficas; sete dias esperarás, até que eu venha a ti e te declare o que hás de fazer”* (v. 8).

Com estas instruções, Saul regressou à sua casa e realmente aconteceram os sinais que Samuel tinha predito. No capítulo 13, encontramos a Saul em Gilgal, esperando, impaciente, a chegada de Samuel, enquanto os filisteus se preparavam para atacar os israelitas.

Em lugar de esperar a chegada de Samuel, para fazer o que somente Samuel podia fazer como sacerdote de Deus, Saul, em sua impaciência e

impetuosidade, mandou que seu servo lhe trouxesse o holocausto e as ofertas de paz e as ofereceu a Deus.

Mal tinha terminado de oferecer o holocausto, para o que não tinha direito e nem autoridade alguma, e eis que aparece Samuel, pedindo-lhe explicações por sua atitude. Saul respondeu que o povo de Israel estava fugindo da luta e que parecia que os filisteus estavam prestes a atacar, enquanto que Samuel ainda não tinha chegado, e concluiu dizendo: *“Forçado pelas circunstâncias, ofereci holocaustos”* (1º Samuel 13.11-12).

Diante desta explicação, Samuel o acusou de loucura e de desobediência e concluiu dizendo: *“Teria, agora, o Senhor confirmado o teu reino sobre Israel para sempre. Já agora não subsistirá o teu reino. O Senhor buscou para Si um homem que Lhe agrada e já lhe ordenou que seja príncipe sobre o Seu povo, porquanto não guardaste o que o Senhor te ordenou”* (vv. 13-14). Em consequência disto, por causa de seu fracasso em esperar o momento de Deus e por fazer coisas que Deus não lhe tinha indicado, Saul foi rejeitado por sua “adoração forçada”.

Deus não quer “adoração forçada” de Seu povo, pois a adoração é algo voluntário. Eleva-se da alma de quem espera pacientemente em Sua presença e usa seu tempo para meditar em Sua Palavra.

Saul aprendeu, por experiência própria, que *“a carne para nada aproveita”* (João 6.63). Saul, em sua impaciência, cometeu a loucura de se intrometer no que não lhe cabia. Correu diante de Deus e ofereceu aquilo para o que não estava divinamente capacitado e, em consequência, mereceu e recebeu a desaprovação divina.

Cada crente corre o mesmo perigo de tratar de fazer, na energia da carne, o que só pode ser feito de modo aceitável no poder do Espírito Santo. Essa impaciência profana e carnal, que impulsiona o crente a entrar apressadamente e sem preparo na presença de Deus e oferecer uma adoração artificial, deve ser reprimida e julgada à luz da Palavra de Deus.

O crente deve atentar para o mandato divino: *“Aquietai-vos e sabeis que Eu sou Deus”* (Salmo 46.10). Como Davi, deve dizer a si mesmo: *“Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa”* (Salmo 62.5).

Muitas vezes, na reunião de adoração acontece um período de silêncio, quando os corações estão silentes para uma expressão oral. Uma santa, mas eloquente quietude de adoração, envolve os santos reunidos. Às vezes, um irmão impaciente interrompe este precioso silêncio, pedindo um hino que não é adequado para a hora, interrompendo a adoração do povo de Deus.

A adoração requer um elevado discernimento espiritual e cada crente deveria estar exercitado perante o Senhor para isso, a fim de não interromper a adoração do povo de Deus.

É muito melhor manter-se em silêncio do que agir de modo impaciente em tais reuniões. Tem sido dito com muita razão: “Quando você não saiba o que fazer, não o faça!”

6. O ESPÍRITO SECTÁRIO

Com isto queremos dizer um espírito estreito, intolerante, partidário, que não inclui, em seu pensamento e esfera, **todo** o povo de Deus.

Tal espírito centraliza sua atenção sobre uma pequena divisão dos crentes e se refere piedosamente aos outros como “o povo separado do Senhor”, **excluindo** crentes piedosos e realmente nascidos de novo, são na doutrina e de boa vida moral.

Esta distinção entre o povo de Deus constitui uma virtual negação da unidade do Espírito que Deus realizou e à qual todo cristão pertence. Isto é odioso para Deus e é um obstáculo para a adoração.

Paulo, escrevendo aos crentes de Corinto, que eram culpados por terem fomentado um espírito sectário, lhes diz: *“Porventura, o cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo? Porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão”* (1ª Coríntios 10.16-17).

Portanto, o cálice e o pão não são somente os símbolos do sacrifício de Cristo efetuado por nós, mas também apresentam a unidade de todos os verdadeiros crentes. Isto deveria ser suficiente para repreender todo pensamento sectário e revelar seu caráter vergonhoso aos olhos daquele que morreu, ressuscitou e subiu à glória para fazer possível tal unidade.

Que diremos de uma igreja que recusa receber à mesa do Senhor a alguém que, sendo um cristão piedoso, são na doutrina e reto na vida, quer relembrar do Senhor? Esta atitude vergonhosa, que desonra a Deus, acontece com maior frequência do que imaginamos.

E mais: esta atitude sempre traz prejuízo à tal igreja, cuja adoração coletiva é prejudicada por sua negação em reconhecer a unidade que Deus efetuou.

Paulo, pelo Espírito, escreveu a estes mesmos coríntios sectários: *“Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de Seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor”* (1ª Coríntios 1.9). Infelizmente, muitos limitam a palavra “comunhão” que aqui é aplicada a **todos** os crentes a apenas um pequeno

setor dos tais que têm aceito certas verdades bíblicas e agem de acordo com elas.

Às vezes, ouvimos esta afirmação: “É um querido irmão em Cristo, mas não está em comunhão conosco!” Que contradição! Se ele é “um querido irmão em Cristo” e deseja fazer memória do Senhor conosco, coitada da igreja que lhe nega lugar à Ceia do Senhor e limita deste modo “a comunhão de Seu Filho” a um pequeno círculo criado por ela mesma!

Não nos surpreende que a adoração dos crentes em Corinto fosse prejudicada, nem que reinasse a confusão naquela igreja, por manifestarem tal espírito sectário! Alguns diziam: “*Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo*” (1ª Coríntios 1.12). Observem-se cuidadosamente os argumentos que Paulo usou para demonstrar a falsidade e loucura de suas detestáveis divisões, que constituíam uma virtual negação da unidade do Corpo.

Como já temos visto, a história tem o mau costume de repetir-se. O indivíduo crente tem que manter-se preparado contra o coração sectário, que limita seus afetos e cuidados a um pequeno grupo ou associação exclusivista, em vez de estendê-los a todos aqueles que “pertencem a Cristo”!

Uma igreja também deve precaver-se para não contristar ao Espírito Santo recusando receber na Ceia do Senhor a alguém que foi “*chamado à comunhão*” do Filho de Deus e que deseja reunir-se com ela. Tal igreja se caracterizará não pelo calor de sua adoração espiritual, mas pela frieza, legalismo e espírito sectário. Infelizmente, é possível que uma igreja que pretende agir contra o sectarismo atue de um modo muito mais sectário que um grupo que não tem tais pretensões.

É bom que digamos ao reunir-nos:

“Nossos corações dispostos abraçam
A todo aquele que ama o Teu Nome”,

mas, muito melhor do que dizer isto é viver isto!

Deste modo será tirado o estorvo do espírito sectário e a adoração poderá elevar-se sem obstáculo Àquele que uniu Seu povo em um Corpo, colocando a cada um em comunhão com Ele e com cada um dos outros.

7. O FORMALISMO

Por formalismo queremos dizer a substituição da simplicidade e da liberdade do Espírito pelo cumprimento rigoroso, meticuloso e exato de

certas formas, regras e normas externas, sem a realidade espiritual interior.

Em muitos lugares, toda reunião para “adoração pública” tem sido preparada de antemão desde seu começo até ao final e se efetua com uma precisão cronométrica desde o primeiro hino até a bênção final.

Os hinos a serem cantados são escolhidos previamente. As orações a serem feitas são todas lidas de um livro de orações e têm sido preparadas por pessoas falecidas há muitos anos.

Para aumentar a confusão, em muitos casos, a pessoa que dirige este “serviço de adoração” nunca nasceu de novo pelo Espírito de Deus e está, portanto, “*morta em seus delitos e pecados*”! Será que isto está de acordo com as Escrituras do Novo Testamento? Na Igreja Primitiva, a reunião dos crentes para adoração se caracterizava pela espiritualidade, simplicidade, igualdade, liberdade e espontaneidade. O resultado era uma adoração abundante e muita bênção.

Tudo isto serve para demonstrar a tendência fatal da carne de introduzir normas humanas como um substituto ao modelo divino, imaginando que, ao agir assim, estão melhorando o plano divino!

Nenhum grupo de crentes está livre do perigo de cair no formalismo, não importando quão bíblicamente se reúna.

Por exemplo: introduz-se um estilo de procedimento que, por ser observado constantemente durante anos, é considerado como se tivesse autoridade divina e, portanto, seja “bíblico”. Este modo particular de proceder pode ser perfeitamente correto, mas **sempre deverá ser distinguido daquilo que a Palavra de Deus realmente autoriza.**

O **costumismo** pode transformar-se numa ameaça tão grande para a adoração quanto o **ritualismo**! Tenhamos cuidado para não impor nossos costumes sobre nossos irmãos crentes, privando-os de sua “*liberdade em Cristo Jesus*” (Gálatas 2.4).

A tendência do formalismo é substituir a **uniformidade** pela **unidade**. Trata de produzir, por meio de suas regras e normas, o que só o Espírito de Deus pode efetuar quando se Lhe dá o lugar que Lhe corresponde. O formalismo pode produzir uma harmonia e ordem externos, mas **mecânicos**, e depende completamente da observância estrita e contínua do ritual do serviço determinado.

À medida que se permita ao Espírito Santo guiar os santos reunidos, Ele produzirá uma harmonia e uma ordem de caráter **vital**. Isto resultará em uma verdadeira adoração que subirá a Deus e que trará delícias ao Seu coração.

8. O ESPÍRITO RANCOROSO

Que efeito estéril produz isto sobre a adoração de um indivíduo ou de uma igreja! Nosso Senhor referiu-se especialmente a este obstáculo e providenciou um remédio para ele. Ele disse: *“Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta”* (Mateus 5.23-24).

Enquanto alimentamos um rancor contra um irmão em nosso coração, permaneceremos nas trevas. É o que diz João, o apóstolo do amor: *“Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a Quem não vê. Ora, temos da parte dEle, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão”* (1ª João 4.20-21).

As palavras de Paulo deveriam chegar com uma força especial ao coração de cada crente: *“Longe de vós toda amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda malícia. Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou”* (Efésios 4.31-32). Paulo conhecia bem o efeito fatal que um espírito implacável tem sobre a adoração.

Certo ancião cristão costumava dizer que a melhor maneira de terminar com um ressentimento é nosso coração orar pela pessoa com quem estamos magoados e **continuar orando** por ela até que o ressentimento desapareça! Devemos permanecer preparados a fim de evitar que pequenos mal-entendidos se transformem em grandes contendas, que certamente agirão como pragas sobre nossa adoração e atrapalharão nosso testemunho para Deus.

9. O ORGULHO

Uma coisa é certa: a adoração e o coração orgulhoso excluem-se mutuamente, a não ser que se trate da adoração de si mesmo. E o orgulho é precisamente isto.

O orgulho prejudica ao Filho de Deus ou a um grupo de crentes, mas, infelizmente, quase sempre está presente e seus efeitos perniciosos se evidenciam na falta de adoração espiritual. O orgulho é algo muito sutil e aparece onde menos se espera, porque uma pessoa pode ser orgulhosa até de sua humildade!

O orgulho com a aparência pessoal leva a pessoa a dar uma atenção indevida a si mesma. O orgulho com os dons leva a uma ênfase ostentosa dos mesmos e a uma ânsia secreta de ser aplaudido. O orgulho com a

posição leva seu possuidor a adotar um ar condescendente para com seus irmãos crentes. O orgulho com as possessões manifesta-se na complacência de si mesmo e em sua jactância. O orgulho com a posição eclesiástica de uma pessoa manifesta-se na presunção e na **“SANTARRONERIA”**.

Poderíamos aumentar esta relação, mas já dissemos o suficiente para mostrar o obstáculo que estas formas de orgulho constituem para a adoração, quer do indivíduo, quer da igreja.

Deus não nos deixa em dúvida quanto à forma como encara o orgulho. Lemos: *“Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes”* (Tiago 4.6). O melhor remédio para o orgulho é “olhar para Jesus”, de Quem se diz que *“a Si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a Si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz”* (Filipenses 2.7-8).

Somente na medida em que um crente ou igreja busque o rosto de Deus em verdadeira humildade de espírito, contemplando o bendito Senhor Jesus, surgirá inevitavelmente a adoração.

Que possamos, pela graça de Deus, evitar estas coisas que atrapalham nossa adoração ao único Ser que é digno dela.

.oOo.

IX – O LUGAR DE ADORAÇÃO

Existe um conceito confuso na cristandade com respeito ao lugar de adoração. Muitas vezes denominam-se “lugar de adoração” certos edifícios com arquitetura diferenciada. Estes são devida e formalmente “consagrados” e muitas vezes se faz referência a tais edifícios como “casa de Deus”.

Tudo isto é absolutamente estranho em o Novo Testamento, que constitui a única autoridade do crente no que diz respeito a adoração ou a qualquer outro tema encontrado em suas páginas.

A mulher samaritana estava confusa em relação ao lugar geográfico correto para adoração. Ela disse a Cristo: *“Nossos pais adoravam neste monte [o monte Gerizim]; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar”* (João 4.20). A resposta de nosso Senhor à mulher

aclara perfeitamente o fato que a localização geográfica ou o tipo de edifício **não têm importância alguma para a adoração.**

Observem-se bem Suas palavras: *“Mulher, podes crer-Me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai... Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para Seus adoradores”* (vv. 21-2).

Com estas palavras, nosso Senhor lançou por terra o conceito geral de que uma localidade ou um edifício é mais sacrossanto do que outro; ou que a adoração Lhe é mais aceitável quando se oferece em um lugar do que em outro. O lugar ou o edifício **não tem nada a ver com a adoração.** É o estado espiritual do adorador e não a sua localização o que determina se sua adoração é aceitável ao Pai ou se não o é. O cristão, compreendendo este fato fundamental, se verá livre de muitos conceitos errados que existem na cristandade em relação a este tema.

Agora, consideremos o lugar de adoração sob o aspecto espiritual e o aspecto físico.

1. DO PONTO DE VISTA ESPIRITUAL, A ADORAÇÃO SE REALIZA NO LUGAR SANTÍSSIMO

O cristão adora espiritualmente onde está seu Grande Sumo Sacerdote. Este lugar é o céu, ou o Lugar Santíssimo. Este fato tem sido explicado para nós na Epístola aos Hebreus. Nela, o escritor utiliza a figura do Tabernáculo como *“figuras das cousas celestiais”* (Hebreus 9.23). E passa a descrever a Arão, o sumo sacerdote de Israel, que entrava uma vez ao ano no Lugar Santíssimo com o sangue da oferta pelo pecado que tinha oferecido por seus próprios pecados e também pelos pecados do povo de Israel (Hebreus 9.1-10).

A seguir, passa a contrastar a obra sumo sacerdotal de Arão com a de Cristo, o grande Sumo Sacerdote, e diz: *“Quando, porém, veio Cristo como sumo sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, quer dizer, não desta criação, não por meio de sangue de bodes e de bezerras, mas pelo Seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção”* (Hebreus 9.11-12).

Assim como o Lugar Santíssimo ou o Santo dos Santos no Tabernáculo era uma figura do céu e da presença de Deus, da mesma maneira Cristo, em virtude de Seu sacrifício substitutivo e do valor eterno de Seu precioso sangue, entrou no céu como o Grande Sumo Sacerdote de

Seu povo redimido. O escritor prossegue, dizendo: *“Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus”* (Hebreus 9.24).

Cristo não só entrou no céu como nosso Representante, mas também abriu para todo o Seu povo um *“novo e vivo caminho”* pelo qual pode, espiritualmente falando, entrar no Lugar Santíssimo e derramar sua adoração na presença de Deus.

Lembremos que o véu do templo que separava os homens da presença de Deus foi rasgado em dois por ocasião da morte de Cristo.

Com isto, Deus quis dizer que o sacrifício perfeito de Seu Filho tinha satisfeito todas as Suas santas demandas e que o acesso à Sua presença e favor agora podia ser a porção de todos os que confiam em Cristo e na Sua obra consumada.

A Palavra é suficientemente clara neste sentido, pois que lemos: *“Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que Ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela Sua carne, e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura”* (Hebreus 10.19-22).

Deste modo, todo crente nascido de novo, tendo sido feito um sacerdote para Deus, está espiritualmente capacitado e divinamente convidado para entrar pela fé no Lugar Santíssimo e adorar.

O que é verdade em relação a um indivíduo também é verdade em relação a uma igreja. Enquanto os crentes se reúnem em nome do Senhor Jesus, eles formam uma companhia de sacerdotes constituída por Deus.

Como tais, podem, por intermédio de seu Grande Sumo Sacerdote, lançar mão, pela fé, da provisão de Deus e entrar espiritualmente no Lugar Santíssimo para apresentar sua adoração ao Pai e ao Filho.

Os himnólogos cristãos têm expressado maravilhosamente esta verdade no canto e os crentes se deleitam em unir-se para cantar o seguinte hino de J. G. Deck:

“Rasgou-se o véu, Jesus está
Ante o trono da graça;
E nuvens de incenso de Suas mãos
Enchem aquele lugar glorioso.

Seu sangue precioso é espargido
Perante e sobre o trono;

E Suas próprias feridas declaram
Que está feita a obra salvadora.

Dentro do Lugar Santíssimo,
Limpados por Seu precioso sangue,
Caímos, prostrados perante o trono
E Te adoramos, nosso Deus.”

(Tradução literal)

Embora os crentes estejamos fisicamente na terra, podemos penetrar espiritualmente na realidade desta bendita verdade, na energia da fé. Deste modo, nosso espírito penetra na atmosfera celestial, de tal modo que realmente podemos expressar:

“A sós contigo, bem por cima
Do mundo inquieto que luta aqui,
Tratamos de aprender e provar Teu amor,
Tua graça e sabedoria conhecer.”

(Tradução literal)

A um santo cristão, que viveu no gozo desta verdade, perguntaram certa vez: “Que distância há entre a terra e o céu?” E ele respondeu: “Não pode estar tão longe, porque passei meia hora ali nesta manhã!

Há somente um véu entre o céu e a terra. O filho de Deus pode atravessar pela fé este véu e prostrar-se perante o trono da graça em adoração.

Desta maneira, os crentes podem, pela fé, guiados e habilitados pelo Espírito Santo, por intermédio do Grande Sumo Sacerdote de sua confissão, entrar espiritualmente no Lugar Santíssimo e adorar a Deus na formosura da santidade.

2. FISICAMENTE, A ADORAÇÃO PODE EFETUAR-SE EM QUALQUER EDIFÍCIO

Não há **limites geográficos** para a adoração. Deus pode ser adorado tanto no Polo Norte quanto no Polo Sul. Nem se requer um **edifício** especial para esta finalidade, embora este possa ser mais conveniente para um grupo de crentes, principalmente quando o tempo está chuvoso ou frio. O tamanho, custo ou desenho arquitetônico de tal edifício **não tem nada a ver com o valor** (ou falta de valor) da adoração.

As palavras de nosso Senhor deveriam dissipar qualquer falso conceito a respeito do valor de um edifício em relação a outro: “*Onde*

estiverem dois ou três reunidos em Meu Nome, ali estou no meio deles” (Mateus 18.20). **Cristo** no meio de Seu povo que santifica a reunião e não o **tipo de edifício** em que ela se realize.

Os enfeites enormes e custosos de edifícios que os homens têm construído não acrescentam nada ao valor nem à aceitação da adoração que se oferece neles. Na realidade, muitos destes edifícios representam simplesmente uma grande perda de tempo, de trabalho e de dinheiro.

Nos primeiros dias da história da Igreja, os crentes reuniam-se frequentemente para adoração na casa de um irmão crente. Por isso lemos diversas vezes acerca da “*igreja que está em sua casa*” (Colossenses 4.15; Romanos 16.5;...) Isto também não quer dizer que se deva construir um edifício qualquer, lembrando que a decência deve caracterizar o lugar para o qual outros possam ser trazidos para ouvir o Evangelho.

Assim, pois, a **localização física** do crente ou crentes que adoram não tem importância nenhuma.

Como também não há virtude alguma na **postura física** que adote o crente: quer seja ajoelhado, sentado ou permaneça em pé. O crente pode adorar enquanto está na sua cama, enquanto caminha para seu trabalho, enquanto viaja no ônibus, no trem ou no carro, enquanto trabalha, ou enquanto se ajoelha em seu dormitório.

É a qualidade espiritual da adoração do indivíduo crente ou do grupo de crentes que determina seu valor para Deus. Nem importa a hora do dia em que se adore. Qualquer hora do dia ou da noite em que se adore é igualmente adequada. Pode oferecer-se ao despontar o dia, em pleno meio-dia, no suave crepúsculo da tarde ou na escuridão da meia-noite. Qualquer momento é igualmente apropriado para a mais sublime de todas as ocupações.

Não é o lugar físico (**onde**), nem a hora (**quando**), mas o fator espiritual (**como**) o que importa na adoração.

Embora fisicamente na terra, o cristão adora no céu, com capacidade divina e santo atrevimento.

Deus permita que experimentemos esta realidade em nossas próprias vidas!

.oOo.

X – OS RESULTADOS DA ADORAÇÃO

Tendo considerado o significado, a importância, a autoridade, o alvo, a base, o poder, o modo, os obstáculos e o lugar da adoração, seria apropriado concluir este assunto estudando os resultados da adoração. Vamos observar que estes resultados são de grande alcance e que afetam tanto a Deus, quanto ao crente, à igreja e ao incrédulo.

1. DEUS SERÁ GLORIFICADO

A adoração dá a Deus Seu legítimo lugar de absoluta preeminência em tudo. Dá-Lhe o louvor, a honra e a glória que legitimamente Lhe correspondem, em virtude do que Ele é e do que Ele tem feito. Já se disse que “a finalidade primordial do homem é alegrar-se em Deus e glorificar a Deus para sempre”. Enquanto o cristão concentre sua atenção sobre o Triúno Deus e sobre a extraordinária grandeza dos atributos divinos manifestados na criação, na redenção e na regeneração, permanecerá absorto em admiração, temor e adoração. Deste modo glorificará Àquele que tudo fez possível.

O propósito de Deus, por trás de toda a manifestação de Seus atributos, tem sido revelado. Observe-se cuidadosamente a declaração divina: *“Mostrarei a Minha santidade naqueles que se chegarem a Mim e serei glorificado diante de todo o povo”* (Levítico 10.3). Assim, pois, não pode haver uma ocupação mais excelente para o homem do que a glorificação de Deus e isto é o que a adoração faz.

Já temos visto que Deus deseja a adoração do homem, Sua criatura. Ele providenciou a um custo infinito o caminho mediante o qual o homem pode ser redimido por Ele e por Ele aceito, mediante o qual pode aproximar-se dEle, ser abençoado por Ele e tornar-se um adorador dEle. Quando o povo redimido pelo Seu sangue se prostra perante Ele em adoração, cumpre-se o propósito do Triúno Deus e Ele é glorificado.

O Pai será glorificado na obra que Ele efetuou pelo sacrifício de Si mesmo na Pessoa do Filho do Seu amor. O Filho será glorificado na obra que Ele efetuou pelo sacrifício de Si mesmo. O Espírito Santo será glorificado também, pois foi por meio dEle que chegou a nós a revelação escrita e Sua presença interior torna possível a adoração do crente. Deste modo, a adoração contribui para a glória do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

2. O CRENTE SERÁ ABENÇOADO

Ninguém perde ao dar a Deus porque Deus não é devedor de ninguém. Ele derramará gozo abundante no coração do adorador: *“boa*

medida, recalçada, sacudida, transbordante” (Lucas 6.38). Deus deleita-se em dar e revela-se a Si mesmo como possuidor da capacidade e da vontade de *“fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos”* (Efésios 3.20). Deus é descrito como o *“bendito Deus”*. Assim, pois, todos os que O bendizem em adoração são abençoados por Ele.

O evangelho de Lucas termina de maneira maravilhosa. Após descrever a ascensão de nosso Senhor, lemos que *“adorando-O, voltaram para Jerusalém, tomados de grande júbilo; e estavam sempre no templo, louvando a Deus”* (Lucas 24.52-53). Repare-se no relacionamento entre sua adoração a Cristo e o grande gozo que inundava seus corações! A adoração a Deus sempre resulta em grande gozo para o homem.

O crente adorador é um crente alegre porque a alegria lhe provém da obediência. Cristo disse: *“Se sabeis estas cousas, bem-aventurados sois se as praticardes”* (João 13.17). A adoração capacita o crente a conhecer melhor a Deus e apreciá-LO mais, e este conhecimento faz com que Deus o encha de gozo (Salmo 43.4).

Quem cumpre o desejo que Deus tem de receber adoração receberá o seu próprio desejo de gozo. Não existe alegria tão maravilhosa como a que provém da contemplação de Deus segundo Ele se revelou a Si mesmo na Pessoa de Seu amado Filho.

Mesmo quando o crente não adora a Deus com o propósito de obter este gozo, considere-se que esta *“alegria do Senhor”* é apenas um dos muitos resultados da adoração. Deste modo, a adoração que se **eleva** do crente a Deus a fim de deleitar Seu coração será mais que recompensada pela bênção que **desce** de Deus ao crente e que trará gozo ao seu coração. A clara promessa de Deus é: *“Aos que Me honram, honrarei”* (1º Samuel 2.30).

A adoração não traz apenas alegria ao adorador, mas resulta também na profunda satisfação de sua alma. Isto constitui a mesma antítese da satisfação própria, que é o resultado da ocupação favorável consigo mesmo. Esta atitude está exemplificada na chamada oração do fariseu (Lucas 18.11-12).

A adoração ocupa a alma com Deus e o crente que passa seu tempo na presença de Deus comprova a verdade da declaração do salmista: *“Fartam-se da abundância da Tua casa, e na torrente das Tuas delícias lhes dás de beber. Pois em Ti está o manancial da vida; na Tua luz, vemos a luz”* (Salmo 36.8-9).

As “cisternas rotas” desta terra nunca poderão satisfazer àqueles que têm experimentado a graça regeneradora de Deus.

Junto com o poeta, cantamos:

“Jesus, gozo dos corações amantes,
Fonte de vida, Luz dos homens;

Do melhor deleite que a terra dá
Voltamo-nos, vazios, a Ti”.

(tradução literal)

Poderíamos mencionar outras bênçãos que o crente experimenta como resultado de adorar a Deus, mas já temos dito o suficiente para provar que todos os que bendizem a Deus são abençoados por Ele.

Aquele que diz: *“Bendize, ó minha alma, ao Senhor e tudo o que há em mim bendiga ao Seu santo Nome”* (Salmo 103.1) também comprovará, como Davi, que é *“bem-aventurado aquele a quem Tu escolhes e aproximas de Ti, para que assista nos Teus átrios; ficaremos satisfeitos com a bondade de Tua casa – o Teu santo templo”* (Salmo 65.4).

3. A IGREJA SERÁ EDIFICADA

A adoração não somente glorifica a Deus e traz bênção para o próprio adorador. Um grupo de crentes que dê à adoração o lugar que lhe corresponde será, com isso, abençoada e edificada, pois está fazendo o seu papel na função designada por Deus.

Lembremos que Deus, primeiro no Tabernáculo e depois no Templo, respondia à adoração de Seu povo enchendo o lugar com Sua glória (Êxodo 40.34; 1º Reis 8.11). Onde quer que os crentes se reúnam hoje para adorar, com coração e voz unânimes, a Deus, espiritual, sincera e inteligentemente, experimentarão o que significa que o lugar se enche da fragrância da glória do Senhor.

Não existe um lugar mais perto do céu aqui na terra do que o lugar de onde sobe a Deus, qual incenso fragrante, a adoração de uma congregação de cristãos.

Já temos visto que isto exige uma preparação espiritual do mais elevado nível, mas tal exercício não é em vão. O propósito de Deus, ao constituir cada crente um sacerdote será cumprido quando cada um, audivelmente ou não, se una como igreja para apresentar sua apreciação de tudo o que Deus é e tem feito.

Quando uma igreja dá o primeiro lugar às coisas mais importantes, os santos são edificados em sua santíssima fé. Isto, por sua vez, os capacita a cumprir os demais propósitos que Deus tem em mente para Seu povo reunido.

Uma igreja que permita que seu serviço para o Senhor tome o lugar de sua adoração ao Senhor não deixará apenas de realizar o propósito de Deus para ela, mas também a efetividade de seu serviço será reduzida. Tanto o desejo quanto a capacidade para o verdadeiro serviço fluem da adoração espiritual.

Foi logo depois de Isaías ver a glória do Senhor e ficar impressionado com a majestade de Sua presença que veio o chamado e a comissão para o serviço, aos quais ele respondeu prontamente: *“Eis-me aqui, envia-me a mim”* (Isaías 6.8).

4. OS INCRÉDULOS SERÃO ALCANÇADOS

Enquanto o crente adorador desenvolve-se no meio de seus companheiros, inconscientemente estará carregando algo de Deus. Nos é dito que Moisés, ao voltar do encontro que tinha tido com Deus no monte, “*não sabia... que a pele do seu rosto resplandecia*” (Êxodo 34.29). A Bíblia declara que “*nenhum de nós vive para si mesmo*” (Romanos 14.7).

Cada vida mexe com alguma outra vida, quer para o bem ou para o mal. Cada cristão, através de sua personalidade, causa uma impressão sobre os outros. O crente só pode impressionar a outros com Deus à medida que Deus o tenha impressionado a ele por meio da adoração. Esta influência inconsciente pesa muito em nosso contato com o mundo.

Quando Deus fez voltar do cativeiro Seu povo, quando sua “*boca se encheu de riso*” e sua língua de louvor é que os pagãos testemunharam: “*Grandes cousas o Senhor tem feito por eles*” (Salmo 126.2). O mundo está à procura de realidades e, com toda razão, despreza fingimento, farsa e pretensão. Um desdobramento de “**SANTARRONERIA**” desperta o ridículo. O crente que sabe o que é adorar ao Deus vivo e verdadeiro é o mais capacitado para apresentar o Evangelho aos inconversos, tanto pelo testemunho de sua vida quanto pela proclamação de seus próprios lábios.

Não é algo fora do comum que a adoração de um grupo do povo de Deus tenha sido usada pelo Senhor para impressionar os não-convertidos quanto à realidade das coisas eternas, de tal modo que passaram a confiar no Senhor. Certamente, os tais estão preparados para prostrar-se, adorar a Deus e declarar que “*Deus está, de fato, no meio de vós*” (1ª Coríntios 14.23-25).

Vemos, pois, que a adoração tem seus efeitos benditos e de longo alcance, começando pelo próprio Deus e fluindo a Seu povo e, por seu intermédio, a um mundo que jaz nas trevas e na sombra da morte.

Aprove ao Senhor usar este estudo sobre adoração para despertar, animar e edificar o Seu povo, de tal modo que de cada crente individualmente e de cada igreja coletivamente possa subir ao Triúno Deus um caudal constante de adoração que deleite Seu coração e glorifique Seu Nome!

.oOo.